

Renata Wirthmann

CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PSICANÁLISE

Em Freud e Lacan



TRAVESSIA PSICANALITICA

FORMAÇÃO CONTINUADA EM PSICANÁLISE

Copyright Travessia Psicanalítica 2024

Conceitos Fundamentais da Psicanálise - Renata Wirthmann, 2024

Editor

Wesley Peres

Assistentes Editoriais

Marte Wirthmann

Maria Helena Gomes Barros

Administrativo e Comercial

Luami Venâncio

Revisão Textual

Sérgio Tavares

Revisão Bibliográfica

ABNT NA MÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wirthmann, Renata

Conceitos fundamentais da psicanálise [livro eletrônico] : em Freud e Lacan / Renata Wirthmann. -- São Paulo : Travessia Psicanalítica, 2024.

PDF

ISBN 978-65-985081-0-4

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 2. Lacan, Jacques, 1901-1981 3. Psicanálise 4. Psicologia I. Título.

24-232615

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise 150.195

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Celular: (64) 99925-7400
wesleyperes@travessiaipsicanalitica.com

APRESENTAÇÃO -----	1
1. Análise Pessoal.....	1
2. Supervisão Clínica ou Análise de Controle.....	2
3. Formação Teórica	3
1. Regra fundamental - Associação livre-----	1
2. Atenção Flutuante -----	5
3. Interpretação, construção e ato analítico -----	8
3.1 A presença do psicanalista deve ser transgressiva e disruptiva	10
3.2 Analista como Suposto Saber	12
3.3 Para que serve uma análise?.....	14
3.4 Mentira em análise.....	15
4. Transferência -----	19
4.1. O amor no “Banquete de Platão”	21
4.2 A transferência na clínica com crianças	23
5. Resistência -----	27
6. Regra da abstinência (Ética) -----	31
7. Inconsciente -----	32
7.1 A constituição do sujeito em Lacan.....	34
7.2 Qual o sujeito para a Psicanálise?.....	35
7.3 Inconsciente e pulsão	35
8. Formações do inconsciente-----	38
9. Chistes -----	41
10. Ato falho e lapsos-----	44
11. Esquecimento -----	48
12. Sonhos -----	52
13. Sintoma -----	56
13.1 Relação entre sintoma, sofrimento e satisfação.....	57
13.2 O saber ler na prática clínica da psicanálise	58
13.3 O sintoma em Lacan.....	58
14. Libido-----	60
15. Pulsão-----	62
16. Desejo-----	67
16.1 O véu do desejo em Lacan.....	69
16.2 O desejo a partir da música “O Quererer”, de Caetano Veloso.....	71

17. Amor -----	73
17.1 Amor não é o mesmo que Paixão	75
18. Demanda -----	79
18.1 A relação entre necessidade, desejo, demanda e amor	80
18.2. Demanda deve ser recebida, não necessariamente atendida	81
19. Desamparo -----	83
20. Narcisismo-----	85
20.1 Narcisismo e a pulsão escópica	86
20.2 Narcisismo e amor	86
20.3 Narcisismo do bebê e o amor dos pais.....	87
20.4 Narcisismo e amor-próprio	87
20.5 Lacan e o narcisismo	88
20.6 Narcisismo e auto-erotismo.....	88
21. Esquema da angústia -----	89
22. Inibição -----	91
23.1 A inibição e o chiste.....	92
24. Angústia -----	95
25. Acting out-----	97
26. Passagem ao ato -----	99
26.1 A diferença entre passagem ao ato e acting out.....	99
27. Emoção, efusão, impedimento, embaraço-----	102
Referências -----	103
Sobre a Autora -----	108

APRESENTAÇÃO

"Há um real em jogo na própria formação do analista"
(Lacan)

A Travessia Psicanalítica é um espaço de formação continuada em psicanálise e suas investigações são orientadas por Freud, Lacan e pós-lacanianos.

O que é formação continuada? Quando falamos de formação continuada em Psicanálise, estamos fazendo referência aos três eixos estabelecidos por Freud e retificados por Lacan: análise pessoal, supervisão (análise de controle) e formação teórica contínuas. Esses três eixos explicitam a especificidade da formação do psicanalista que se diferencia das formações do psicólogo ou do psiquiatra, por exemplo.

1. Análise Pessoal

Um dos três eixos que marca tal diferença é a exigência da análise pessoal. A análise pessoal é a primeira grande tarefa de um analista em formação por exigir que se inicie sua prática clínica pela investigação da sua própria subjetividade. Um analista, antes de vir a oferecer sua escuta à alguém, deve se comprometer à escutar seu próprio inconsciente, ou seja, deve analisar suas fantasias enrijecidas, seus sintomas, construções imaginárias (como pré-conceitos de todas as ordens, até então, muitas vezes, desconhecidos pela consciência), dentre outros recalques que podem comprometer a escuta do futuro analista. A capacidade de escuta do analista advirá, portanto, de seu desejo, primeiro de se escutar em sua análise pessoal, para, só depois, conseguir oferecer sua escuta flutuante. Esse é o principal impedimento para que a psicanálise possa vir a se tornar um curso de graduação e oferecer uma formação de ensino universitário. Não haveria como propor uma ementa ou carga horária pré-estipulada para uma análise pessoal.

2. Supervisão Clínica ou Análise de Controle

O segundo eixo do tripé da formação continuada é a supervisão clínica, nomeada também como análise de controle. E o que se controla? Na prática a palavra “controle” foge parcialmente do seu sentido no dicionário. A análise de controle não está relacionada a ideia de “domínio, vigilância, fiscalização, inspeção ou comprovação”, mas de um “exame minucioso” (Dicionário Priberam). Eis o sentido da análise de controle ou da supervisão clínica. Trata-se de, junto com um terceiro mais experiente, fazer um exame minucioso do seu trabalho como analista. Investigar o que ele escutou sob transferência e quais as construções, pontuações, interpretações, cortes e demais produções feitas. Neste trabalho de supervisão, o supervisionando endereça a um terceiro o lugar de supervisor (controlador) por supor que este analista/supervisor pode ser capaz de encontrar lacunas ou auxilia-lo na formalização das construções e acontecimentos de uma análise. Ao aceitar o convite, o supervisor e supervisionando estabelecem um laço social e ético de fazer uma releitura conjunta do texto, não só de um analisando específico, mas, sobretudo, das leituras feitas pelo analista supervisionando.

O que faz laço social entre dois analistas, controlador e controlado, é sua posição de leitores que leem lado a lado o mesmo livro decifrando a mesma linguagem cifrada que é o inconsciente, tendo em vista um ganho a obter de um mesmo saber textual. Inicialmente, não há leitura e depois, troca de saber, mas essa troca é sua própria leitura.” (Hoffman et al., 1996, p. 56)

Assim, embora saibamos que a condição primeira para tornar-se um psicanalista é a análise pessoal, percebemos que tanto algumas construções feitas na análise pessoal, quanto as realizadas do lugar de analista, vão encontrar, na análise de controle, um outro lugar, um terceiro lugar que produzirá ressonâncias para que o supervisionando possa escutar os efeitos do seu trabalho como analista. Trata-se de um terceiro lugar ético da formação, lugar em que cada um examina minuciosamente a própria formação e as condições de se autorizar a ocupar o lugar de analista, sem perder de vista que quem autoriza não é o analista de controle pois, como afirma Lacan na Proposição de 09 de outubro de 1967: “O psicanalista só se autoriza por si mesmo”.

3. Formação Teórica

A formação teórica, terceiro eixo da formação do analista, é tão importante quanto os outros dois apresentados acima. Trata-se da travessia teórica da psicanálise. No tripé da formação percebemos que a análise pessoal e a análise de controle são as duas pernas da formação mais atravessadas pelo real, pelo que tem potencial para escapulir e surpreender o tempo todo. A formação teórica é, acima de tudo, uma tentativa de simbolizar o real.

Ao longo da formação do analista podemos debater longamente sobre o final da análise, desde Freud com seu artigo *Análise Terminável ou Interminável* de 1937, até Lacan com seu dispositivo do Passe. Não há um consenso, entre as instituições de psicanálise sobre o final de análise, mas temos sobre a formação teórica. A travessia psicanalítica, enquanto travessia teórica, não tem fim. Trata-se de um trabalho interminável em que quanto mais se estuda, mais se percebe que pouco se sabe e que há mais, ainda, para se saber. O analista é, portanto, aquele que escolhe ter a vida dedicada à sua formação em psicanálise, que jamais se encerra diante de um saber não-todo.

Também por esta característica interminável é que a psicanálise se torna impossível nas universidades como curso formal de graduação, e é, justamente por isso que Lacan (1969) afirma que: "a psicanálise não se transmite como qualquer outro saber". A transmissão da psicanálise depende, não só que o analista possa construir um enlace entre teoria, análise pessoal e análise de controle, como que ele seja capaz de transmitir tal construção. Um analista não pode ser somente o que recebe um ensino, mas, sobretudo, aquele capaz de transmitir também. Por isso Lacan afirma que a análise é intransmissível e, concomitantemente solicita que não o imitem. Em resumo, a formação em análise é, sobretudo, uma invenção em análise.

Para compreender melhor a proposta de Lacan sobre a formação do analista e, também a proposta da Travessia Psicanalítica, convido ao percurso pelo texto de Lacan sobre o Psicanalista.

Em *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*, Lacan (1967/2003) apresenta um modelo de formação do analista implicado com o

compromisso de ser permanente, contínuo e, principalmente, que seja responsabilizado e autorizado exclusivamente pelo próprio analista: “o psicanalista só se autoriza de si mesmo” (Lacan, 1967/2003). Esta autorização depende de “um real em jogo na própria formação do psicanalista” que marca, não só a formação do analista, mas de toda a sociedade: “Afirmamos que as sociedades existentes fundam-se nesse real” (Lacan, 1967/2003).

Esse real, importante lembrar, sempre “provoca seu próprio desconhecimento, ou até produz sua negação sistemática” (Lacan, 1967/2003), por isso “não cessa de não se escrever”, por isso a formação também nunca cessa e o saber nunca se conclui. O real leva, portanto, ao impossível de uma formação que se conclua num diploma ou certificado. O real também evidencia que toda construção teórica é sempre construção e que “nenhum ensino fala do que é a psicanálise” (Lacan, 1967/2003).

Diante desta proposta, Lacan aponta que nenhum analista possa dar por encerrada a sua formação. Nenhum analista pode vir a considerar completa sua travessia psicanalítica: “É esse o efeito que lança sua sombra sobre a prática da psicanálise – cujo termo, objeto e até objetivo revelam-se inarticuláveis” (Lacan, 1967/2003).

Em consonância com os ensinos de Freud e Lacan, apresento para a proposta de formação aberta e continuada da Travessia Psicanalítica:

A travessia fundamental equivale à queda da ilusão de que haja alguma garantia absoluta, de que haja algo que realize absolutamente o desejo e que o faça desaparecer. Atravessar a fantasia é integrar subjetivamente a única verdade absoluta: a de que qualquer coisa pode acontecer (Wesley Peres).

Com Guimarães Rosa (1994, p. 86) propomos, diante do real, a formação do analista como travessia: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. Podemos afirmar que não temos uma resposta definitiva para a formação do psicanalista ou para o saber em Psicanálise. E, se não há um sentido que baste para dizê-la, resta, diante do que não se pode falar, ao menos semi-dizer. A formação do analista nos aponta para articulações que giram em torno de um ponto vazio, sobre o qual só podemos dizer contornando.

Paradoxalmente, no entanto, é só com os pés na linguagem que podemos tangenciar o Real.

Nosso percurso tem no horizonte, portanto, esse paradoxo: falar do que não é linguagem. Trata-se assim de bordejar o inabordável. Diante do intransmissível, do impossível, do inabordável e do não-todo, convido à um semi-dizer sobre alguns temas e conceitos fundamentais da psicanálise de Freud e Lacan.

Pois bem, sentemos à mesa da linguagem...

1. Regra fundamental - Associação livre

A regra fundamental foi chamada por Freud de “regra de ouro”, pois é o método que define a forma discursiva de todo funcionamento da clínica psicanalítica. Trata-se de um método proposto por Freud ao renunciar qualquer possibilidade de sugestão, como havia na hipnose e na catarse. Este novo método começou a ser utilizado por Freud antes da fundação da psicanálise, em 1900 (com a publicação do livro *Interpretação dos sonhos*), e foi imprescindível para que a psicanálise pudesse ser fundada. Com a análise dos sonhos, Freud pôde demonstrar o funcionamento deste seu novo e revolucionário método, definido como a regra fundamental de toda psicanálise, por considerar que este seria o único instrumento de trabalho capaz de fazer surgir as resistências que, por sua vez, nos apontam para o inconsciente.

Importante destacar que esta palavra, *livre*, do conceito *Associação Livre*, é apenas uma intenção, uma proposta, que, por princípio, é impossível. Entretanto, mesmo inalcançável, o convite para associar livremente é capaz de produzir importantes efeitos, sobretudo deixando vir à tona uma grande quantidade de material inconsciente:

A escolha da livre associação como meio para pesquisar o material inconsciente esquecido parece tão estranha que não será inútil despender algumas palavras em sua justificação. Freud tinha a expectativa de que a “livre associação” se revelaria não livre, na realidade [...]. Essa expectativa foi justificada pela experiência. Seguindo a livre associação, obedecendo a mencionada “regra psicanalítica fundamental”, obtínhamos um rico material de coisas que vinham à mente do paciente, que podiam nos levar à pista do que ele havia esquecido (Freud, 1924/2011, p. 207).

A associação livre visa, portanto, convidar o sujeito a uma fala mais solta, ou seja, uma fala em que o sujeito se autoriza a se rebelar e se destacar do discurso que, até então, o constituiu. Trata-se de uma proposta de fala que o permita cortar as amarras que regularmente lhe impedem de dizer muita coisa. Com a associação livre, o analisando é convidado a dizer (quase) tudo, sem compromisso de ser contínuo, coerente, útil ou correto; ele precisa apenas dizer. Como aponta Lacan, a associação livre é a técnica analítica. “Soltam-se nela, com efeito, todas as amarras da relação falada, rompe-se a relação de cortesia, de respeito, de obediência ao outro” (Lacan, 1986).

Quando tais amarras são rompidas, o discurso que, até então, parecia apontar apenas para uma direção, ganha novas possibilidades de caminhos. O sujeito já não parece tão certo do que diz, o que equivale dizer que algo se abre no discurso, estabelecendo a dúvida como importante eixo da associação, que poderá levar o sujeito a construir novos textos, incluindo textos contraditórios com o primeiro discurso apresentado. “A palavra incluída no discurso se revela graças à lei da livre associação que o coloca em dúvida, entre parênteses, suspendendo a lei da não-contradição” (Lacan, 1986).

As diferentes possibilidades de reorganização do discurso nos dá notícias de que este se organiza numa cadeia metonímica. Eis o fundamento da análise: à medida que as amarras do discurso se rompem, o sujeito pode oferecer mais e mais significantes, bem como pode também ordená-los de formas, até então, inéditas. Este funcionamento nos dá notícias de um vasto material inconsciente que pode ser acessado pela via da linguagem. “O que nos permite encontrar a cadeia [metonímica] no fenômeno no discurso. É aí que se situa, na análise, aquilo a que chamamos associação livre, na medida em que ela nos permite seguir a pista do fenômeno inconsciente” (Lacan, 1957-1958/1999).

Associar livremente em análise é permitir escrever um texto inédito, aberto e desconhecido, sem saber qual direção este texto irá tomar. O sujeito chega na sessão para contar uma coisa e acaba contando outra: “Associação livre de quê? Daquilo que lhe vem para ser contado. [...] atenção às confluências que se destacam de um texto, e de uma espécie de decalque com que ele reaplica a palavra à palavra, a frase a frase, o verbal ao verbal” (Lacan, 1967/2003).

A lógica da construção de um texto inédito, a partir do método da associação livre, “implica que para cada um dos elementos da frase [...] algo pode intervir e fazer com que um desses significantes caia fora, implantando em seu lugar outro significante, que suplanta o primeiro” (Lacan, 1958-1959/2016).

Para que o sujeito possa, por sua vez, se implicar neste método, é imprescindível que ele confie que o conteúdo de suas associações são restritas ao espaço de análise. Essa confiança é extremamente importante, pois o sujeito se propõe a contar o que ele próprio desconhece e que poderá causar espanto e mal-estar a si mesmo. Por isso Freud nos lembra que, na clínica, estabelecemos este

importante contrato: “Com os neuróticos, então, fazemos este pacto: total franqueza de um lado, rigorosa discrição do outro. [...] dele não queremos somente escutar aquilo que sabe e esconde dos outros; ele deve também nos contar o que não sabe” (Freud, 1938/2018, p. 141).

Lacan lembra, finalmente, que este novo, imprevisível e inédito texto, para advir precisa romper com as amarras simbólicas com o Outro e, ao mesmo tempo, não colar em ligações imaginárias com o outro: “procedemos, na experiência, fazendo o sujeito sustentar um discurso que se define pela associação livre, o que significa sem ligação com o outro” (Lacan, 1968-1969/2008).

Definição em Freud	Definição em Lacan
<p>“Com os neuróticos, então, fazemos este pacto: total franqueza de um lado, rigorosa discrição do outro. Isso dá a impressão de que buscaríamos apenas a posição de confessor secular. Mas a diferença é grande, pois dele não queremos somente escutar aquilo que sabe e esconde dos outros; ele deve também nos contar o que não sabe. Com esse propósito, fornecemos-lhe uma definição mais precisa do que entendemos por franqueza, mesmo <i>absurdo</i>. Se, conforme essa instrução, ele conseguir descartar sua autocrítica, fornecerá um material abundante – pensamentos, associações, lembranças que já estão sob a influência do inconsciente, muitas vezes derivam diretamente dele e, assim, permitem imaginarmos [material] inconsciente nele reprimido e, mediante nossa comunicação, ampliarmos o conhecimento de seu Eu sobre o inconsciente” (Freud, 1938/2018).</p> <p>“A escolha da livre associação como meio para pesquisar o material inconsciente esquecido parece tão estranha que não será inútil despendar algumas palavras em sua justificação. Freud tinha a expectativa de que a ‘livre associação’ se revelaria não livre, na realidade [...]. Essa expectativa foi justificada pela experiência. Seguindo a livre associação, obedecendo à mencionada ‘regra psicanalítica fundamental’, obtínhamos um rico material de coisas que vinham à mente do paciente, que podiam nos levar à pista do que ele havia esquecido” (Freud, 1924/2011).</p>	<p>“Compreende-se por aí a técnica analítica. Soltam-se nela, com efeito, todas as amarras da relação falada, rompe-se a relação de cortesia, de respeito, de obediência ao outro. Associação livre, este termo define muito mal o de que se trata – são as amarras da conversa com o outro que procuramos cortar. A partir de então, o sujeito encontra-se numa certa mobilidade em relação a esse universo da linguagem no qual o engajamos” (Lacan, 1986).</p> <p>“A palavra incluída no discurso se revela graças à lei da livre associação que o coloca em dúvida, entre parênteses, suspendendo a lei da não-contradição” (Lacan, 1986).</p> <p>“É esse o vestígio, o indício que temos do nível metonímico. Isso é o que nos permite encontrar a cadeia no fenômeno no discurso. É aí que se situa, na análise, aquilo a que chamamos associação livre, na medida em que ela nos permite seguir a pista do fenômeno inconsciente” (Lacan, 1957-1958/1999).</p> <p>“O fecho retroativo introduz uma possibilidade de fragmentação [...]. Isso, para nós, significa que esse acento se situa no nível da enunciação, na medida em que é nela que se realiza esse destaque do significante implicado pela associação livre” (Lacan, 1958-1959/2016).</p> <p>“A outra face do significante é o que chamamos associação livre. Ela implica que para cada um dos elementos da frase [...] algo pode intervir e fazer com que um desses significantes caia fora, implantando em seu lugar outro significante, que suplanta o primeiro. Aí jaz a propriedade do significante” (Lacan, 1958-1959/2016).</p> <p>“Procedemos, na experiência, fazendo o sujeito sustentar um discurso que se define pela associação livre, o que significa sem ligação com o outro” (Lacan, 1968-1969/2008).</p> <p>“Associação livre de quê? Daquilo que lhe vem para ser contado. [...] atenção às confluências que se destacam de um texto, e de uma espécie de decalque com que ele reaplica a palavra à palavra, a frase a frase, o verbal ao verbal” (Lacan, 1967/2003).</p>

2. Atenção Flutuante

A atenção flutuante é a contrapartida do analista frente à associação livre, proposta ao analisando. Mas por que essa atenção é flutuante?

Na origem da psicanálise, Freud observou que, para que pudéssemos acessar um conteúdo para além daquele que cotidianamente as pessoas se permitem falar, era necessário dar abertura para um tipo de fala que era precisamente valiosa, porque era recalcada. Freud constatou que, para autorizar o analisando a tal fala, chamada de associação livre, o analista teria que, antes de mais nada, ser capaz de oferecer sua escuta cuidadosa e flutuante.

À essa escuta cuidadosa, Freud nomeou de “atenção flutuante”, justamente por não ser um tipo de atenção que se prende a trechos da fala do analisando na tentativa de gravá-la na memória, pois este esforço mnemônico levaria o analista a não escutar todo o restante do que o paciente diz. Segundo Freud (1912), “tão logo alguém deliberadamente concentre sua atenção até certo ponto, ele começa a selecionar o material diante dele, um ponto ficará fixado e outros serão desconsiderados”.

Para que a análise possa funcionar, a partir desses dois conceitos, *associando livre* e *atenção flutuante*, o analista deve, desde a primeira sessão, convidar o sujeito a falar livremente e, em troca, lhe oferecer uma atenção que não se engarranchará a nenhum ponto específico do que é dito.

A atenção flutuante é, portanto, a principal ferramenta de trabalho do analista, com a qual ele se propõe a ouvir sem selecionar o que será escutado. Para isso o analista deve se permitir ocupar um lugar de quem não oferece nenhum saber a priori, que o levará a escutar sem antecipar, nomear, compreender ou concluir, apenas escutar. “É muito mais uma atenção que flutua de ponto a ponto, de afirmação em afirmação, sem necessariamente procurar tirar conclusões a partir desses pontos, interpretá-los, unificá-los ou somá-los” (Fink, 2017).

Esta ferramenta é um tipo de escuta que se disciplina ao longo dos anos de formação continuada. Isso equivale afirmar que esta escuta não existe naturalmente e que, na verdade, ela é oposta à escuta usual que encontramos na cultura. O trabalho de disciplinar a escuta para oferecê-la de modo flutuante se dá através do

tripé da formação do analista: estudo teórico, análise pessoal e supervisão clínica. A escuta em análise se articula à ética do desejo e impede a ambição de reduzir o sujeito da linguagem a qualquer fórmula pronta.

De um modo prático, como funciona esta escuta flutuante? Trata-se de oferecer “uma atenção que comprehende no mínimo um nível de significado e consegue ouvir todas as palavras e as maneiras como são pronunciadas, incluindo velocidade, volume, entonação, emoção, deslize, hesitação, e assim por diante” (Fink, 2017).

A atenção flutuante é uma escuta de través, transversal, de lado, diagonal, oblíqua. Lacan acrescenta que é justamente ao ouvir o sujeito todo de através, que lhe permitimos observar de onde emergem seus pensamentos, sua semiótica própria. "Ela não emerge do nada, de outra coisa senão da *ex-sistência da lalíngua*. *Lalíngua ex-siste*, numa outra parte em que ele crê ser seu mundo" (Lacan, 2016).

Na contemporaneidade, percebemos, cada vez mais, a importância e a urgência da atenção flutuante proposta por Freud, na constatação de que temos pouquíssimos bons ouvintes no mundo, pois a tendência geral das pessoas é a de ouvir tudo em relação a si mesmas, focadas nas nossas próprias experiências de vida, sentimentos semelhantes e nas próprias perspectivas, buscando conclusões imediatas e, se possível, antecipadas.

Na vida cotidiana, antes que o outro comece a falar, as pessoas já supõem ter escutado o suficiente e compreendido tudo. Mas, na verdade, só comprehendem o que é espelho, ou seja, o que já conhecem, de um modo narcísico e egocêntrico, relacionando tudo que a outra pessoa diz consigo mesmo. O problema é que, ao insistir em procurar a própria imagem no outro, qualquer possibilidade de alteridade é imediatamente impossibilitada.

A consequência dessa escuta autocentrada é que, enquanto a outra pessoa vai falando, ao invés de simplesmente ouvi-la, fica-se procurando a própria imagem no que está sendo dito, de tal modo que o propósito não parece a escuta, mas a busca por um espelho. É isso que Lacan chama de dimensão imaginária da experiência, que diz respeito, portanto, a imagens – a nossa própria imagem. (Como narciso encantado com seu reflexo no rio).

Nos apressamos, portanto, para encobrir ou ignorar as diferenças. Se qualquer elemento desconhecido se apresenta ao dito, sentimos que não somos capazes de compreender ou, simplesmente, nos desinteressamos. Em resumo: ou entendemos imediatamente, ou desistimos de escutar. (Como Narciso, essa escuta imaginária nos levaria a afogar na própria imagem ao invés de permitir encontrar a alteridade).

A pergunta que se impõe para a clínica é: como construir esta atenção flutuante? Se aprende a escutar quando conseguimos desistir de concordar, compreender, validar, espelhar, ensinar, treinar, adequar, curar, salvar, vencer e convencer. Trata-se de abrir mão de uma certa cota de narcisismo, trabalho que não se realiza sem análise pessoal e supervisão.

Quando nos colocamos diante da tarefa de realmente ouvir, percebemos, na verdade, “o próprio fundamento do discurso inter-humano é o mal-entendido” (Lacan, 1955-1956/1988). É necessário suportar a angústia dessa escuta aberta e faltosa, pois só assim encontraremos o sujeito, afinal, este somente dá notícias da sua existência através do seu discurso. Se retirarmos a singularidade da história do outro, assistiremos ao desaparecimento do sujeito.

Definição em Freud	Definição em Lacan
“Tão logo alguém deliberadamente concentre sua atenção até certo ponto, ele começa a selecionar o material diante dele; um ponto ficará fixado em sua mente com uma clareza particular, e outros desconsiderados, e ao fazer esta seleção, ele estará seguindo suas expectativas ou inclinações. Entretanto, isso é rigorosamente o que não deve ser feito. Ao selecionar, se ele segue suas expectativas, corre o risco de nunca encontrar nada além daquilo que já conhece” (Freud, 1912).	“Ainda que, como todo o mundo, não sejamos capazes de ter um pensamento por vez - mas por nos colocarmos nesse estado pudicamente chamado de atenção flutuante, que faz com que, justamente, quando o analisante emite um pensamento, possamos ter outro muito diferente. É uma feliz coincidência da qual brota um clarão. E é justamente daqui que pode se produzir a interpretação. Quer dizer que, devido ao fato de que temos uma atenção flutuante, queremos dizer o que ele disse, simplesmente por causa de um equívoco, quer dizer, de uma equivalência material. Nós nos apercebemos, porque sofremos, que o que ele disse poderia ser entendido de través. E é justamente ao ouvi-lo todo de través que lhe permitimos observar de onde emergem seus pensamentos, sua semiótica própria: ela não emerge do nada, de outra coisa senão da <i>ex-sistência</i> da <i>lalingua</i> . <i>Lalingua ex-siste</i> , numa outra parte em que ele crê ser seu mundo” (Lacan, 2016).

3. Interpretação, construção e ato analítico

A interpretação é uma das ferramentas da análise para permitir a construção de uma significação com o objetivo de evidenciar o desejo inconsciente. O inconsciente é um lugar onde a interpretação nunca alcança, apenas aponta sua direção; eis o limite da interpretação. Ciente dos limites da interpretação, consideramos que esta se refere a qualquer intervenção do analista que vise tal produção de significação. Regularmente o que se interpreta são as formações do inconsciente. O analista interpreta para trazer determinado significante para a atenção do analisando (impactar), com o desafio de impedir que uma ideia cristalize em torno da interpretação, ou seja, suponha uma conclusão. O que significa que não é objetivo da interpretação produzir significados rápidos e rasos para receber a concordância do paciente. “Na situação analítica a interpretação deve, em vez de fixar um significado, ela deve procurar sugerir numerosos significados” (Fink, 2018).

Por que se interpreta? A função da interpretação é devolver ao indivíduo a possibilidade de assumir responsabilidade pelo seu desejo, através da apropriação do que se diz e do que se faz. Com a interpretação, o indivíduo finalmente escuta o que ele próprio disse e não poderá mais se excluir desse dito. Eis uma das formas de ato analítico.

Para a psicanálise, um ato tem a função de apontar para o desejo inconsciente e, para isso, “introduz um acento que se situa no nível da enunciação, na medida em que é nela que se realiza esse destaque do significante implicado pela associação livre” (Lacan, 1958-1959/2016).

Este acento na enunciação, de que modo podemos comprehendê-lo? Lacan busca estabelecer, de um modo mais claro, o que seria o ato psicanalítico: “Será a interpretação? Será a transferência, a que somos assim remetidos? Qual é a essência disto que, do psicanalista enquanto operando, é ato? Qual é sua parte no jogo? E sobre isso que os psicanalistas, entre eles, não deixam de se interrogar” (Lacan, 1967-1968).

Podemos pensar o ato analítico a partir dos personagens da cena analítica: o analista e o analisando. Neste sentido, quais são os atos do sujeito em análise? São inúmeros, desde o ato de iniciar uma análise, o ato falho, o ato sintomático, a

passagem ao ato, o *acting out*, o ato sexual, o ato accidental e, até, o ato de encerrar uma análise. Fundamentalmente, um ato do desejo inconsciente, um ato que recupera a dimensão da atemporalidade, do só-depois. “O que é para o psicanalista um ato? Mas se o ato está na leitura do ato [...] é do ato reduzido *nachträglich* (a posteriori) que ela toma seu valor?” (Lacan, 1967-1968).

Contudo, todos esses atos do sujeito somente serão considerados atos psicanalíticos se forem atos sustentados pela relação transferencial. Como atenta Lacan: “Fora do que chamei de manejo da transferência, não há ato analítico” (Lacan, 1967-1968). “Interpretação e transferência estão implicados no ato pelo qual o analista dá a este fazer suporte e autorização” (Lacan, 1967-1968).

Localizando os atos analíticos no percurso de uma análise, desde seu início, podemos indagar se começar uma análise é um ato? De acordo com Lacan, “Certamente que sim” (Lacan, 1967-1968). O ato do sujeito de iniciar sua análise é o primeiro ato psicanalítico que vem combinado com o ato do analista de recebê-lo para o percurso de uma análise. “A psicanálise não poderia se instaurar sem um ato, sem o ato daquele que autoriza sua possibilidade, sem o ato do psicanalista, e que no interior desse ato da psicanálise inscreve-se a tarefa psicanalisante” (Lacan, 1967-1968).

Lacan aponta que o ato psicanalítico é o que dá suporte e autorização para a realização da tarefa do analisante. “É na medida em que o psicanalista dá a esse ato sua autorização, que o ato psicanalítico se realiza” (Lacan, 1967-1968). Isso equivale a dizer que a análise se inicia com a instauração destes dois primeiros atos: o primeiro, do analisante, de procurar um analista. O segundo, do analista, de receber o analisante e lhe convidar a falar. Percebemos, assim, que um ato sustenta o outro.

Para que este encontro entre os atos inaugurais do analisando e do analista resulte numa análise, um terceiro e imprescindível ato psicanalítico precisa se estabelecer: a transferência. Esta não é outra coisa senão a colocação, em ato, do inconsciente. A transferência permite que o analista faça existir um intervalo, uma escansão no dito do analisando que lhe permitirá colocar o desejo em questão e, portanto, dar notícias do inconsciente. Esta escansão será também um dos atos psicanalíticos, nomeado ao longo dos textos de Freud e Lacan como: interpretação, construção, pontuação, intervenção, corte etc.

“A transferência é o meio pelo qual se interrompe a comunicação do inconsciente, pelo qual o inconsciente torna a se fechar. Longe de ser a passagem de poderes ao inconsciente, a transferência é, ao contrário, seu fechamento” (Lacan, 1964/1988, p. 125).

A relação entre abertura e fechamento na transferência se relaciona, segundo Freud (1980/1912), com a resistência: “Podemos concluir que a intensidade e a persistência da transferência constituem efeito e expressão da resistência”. Esta é uma importante marca da transferência, evidencia que ela é, simultaneamente, fechamento e abertura. Este paradoxo da transferência é imprescindível para orientar este quarto ato analítico descrito. Ali onde encontramos um fechamento ou um obstáculo, encontramos, também, a abertura para este ato analítico.

O ato analítico, em suas várias formas, busca, portanto, a realização, em ato, de algo que se encontra em potência, como, por exemplo, o desejo de iniciar uma análise. A relação entre ato e potência aponta para uma construção simbólica que, quando se evidencia, aparece com o equívoco de supor que aquilo que se construiu já estava ali antes e o sujeito apenas parece se recordar. Trata-se de um equívoco, pois o início da análise levará o sujeito a inventar um texto novo, nunca antes escrito.

O ato psicanalítico se opõe, portanto, a qualquer modelo, fórmula ou *standart*, ao mesmo tempo que se mantém rigorosamente submetido à regra fundamental e à ética. A experiência analítica se localiza no ato psicanalítico que é, por definição, contingente (real), ou seja, que consiga ser transgressivo e disruptivo.

3.1 A presença do psicanalista deve ser transgressiva e disruptiva

As intervenções do analista devem ter uma dimensão não contínua, marcada por um certo acaso, que tem o objetivo de provocar no sujeito uma sensação inédita que rompe com a sucessão do que estava sendo dito. O analista tem que ser capaz de desestabilizar, perturbar, desequilibrar, decompor, oscilar o mundo do sujeito, ou, ainda, atuar na desestabilização da fantasia que costuma chegar ao processo de análise extremamente enrijecida.

O lugar do analista é, portanto, um lugar intermitente, estranho, exterior ao sujeito, e que, por todas essas características, poderá vir a ter as condições necessárias para a condução de um tratamento analítico. Que consiste, sobretudo num tratamento analítico que se inicia, desestabilizando a fantasia do sujeito chega à análise atribuindo um caráter de fixidez à sua realidade.

As propostas transgressiva e disruptiva da análise evidenciam que “Onde eu não penso” e o “onde eu não sou” são importantes fundamentos da formulação do que é o ato psicanalítico pois, como destaca Lacan, “o ato psicanalítico designa uma forma, um envoltório, uma estrutura tal, que, de algum modo, ele suspende tudo o que até então foi instituído, formulado, produzido como estatuto do ato, à sua própria lei” (Lacan, 1958-1959/2016).

A presença do analista na clínica é transgressiva justamente porque é guiada pela ética do desejo, que aponta para a dimensão atemporal do sujeito e para o descolamento do significante. O ato analítico pode ser feito sob a forma de interpretação, corte, pontuação ou escansão, sempre sustentados pela transferência. Para exercer o lugar do analista e operar seu trabalho, o analista deve encontrar seu estilo singular, sustentado pelo desejo do analista como causa e nunca como mero repetidor. Sendo rigoroso à proposta de encontrar um estilo singular, Miller articula que “se fosse preciso designar um critério do ser analista – Deus me livre disso! –, eu diria então que seria a intolerância à identificação”. E acrescenta que “Um psicanalista não quer semelhantes, quer apenas diferentes”. Este é o sentido das palavras de Lacan (*apud* Miller, 2009, p. 19-20): “Façam como eu, não me imitem”.

Se a presença do analista na clínica possui essa marca não previsível e contínua, sua formação também será permeada por tais características. Por estes motivos, a formação do analista será pela via da transmissão e não do ensinamento, pois como aponta Lacan: “Um ensinamento não é um ato, jamais foi. Um ensinamento é uma tese [...]. Tese supõe antítese. Na antítese pode começar o ato” (Lacan, 1967-1968). A antítese explicita o lugar do analista como um saber apenas suposto. Afinal, se a tese é um texto que o analisando apresenta como uma afirmação, a antítese, como negação da tese, poderá começar o ato uma vez que provoca a possibilidade de fazer emergir no dito uma nova tese que, por sua vez,

será novamente furada (antítese), promovendo um novo e desconhecido texto, depois outro e outro.

3.2 Analista como Suposto Saber

O trabalho do analista é o de permitir ao analisando a construção, a partir da associação livre, de uma nova significação que evidencie o desejo inconsciente. Para Freud, essa construção depende de um primeiro ato do analista de interpretação; ou seja, de alguma intervenção do analista.

O analista interpreta para trazer determinado significante para a atenção do analisando, com o desafio de impedir que uma ideia se cristalize, e que o analisando possa produzir numerosos significados em torno do significante destacado. Não é objetivo da interpretação produzir significados rápidos e rasos para receber a concordância do paciente. Trata-se de sempre privilegiar o sentido a ser construído, nunca um que já chega pronto e, sobretudo, evitar que algum sentido se cristalize com a finalidade de evidenciar que o sujeito é ambivalente, ou seja, dividido:

“O ato psicanalítico consiste essencialmente neste tipo de efeito de sujeito que opera distribuindo, por assim dizer, o que constituirá o suporte, a saber, o sujeito dividido, o §” (Lacan, 1967-1968). Lacan observa que o que constitui o ato analítico como tal é esta posição de um saber que não se sabe do lado do analista, que poderá provocar uma posição de abertura, contradição ou ambivalência do analisando em relação ao seu próprio dito.

Devido à posição de suposto saber, o analista pode questionar uma palavra dita. Esse interrogar é um ato analítico que pode, por exemplo, elevar uma palavra dita repetidamente ao estatuto de significante.

Eis a função da interpretação no tratamento analítico. A função da interpretação é devolver ao indivíduo a possibilidade de assumir responsabilidade pelo seu desejo, através da apropriação do que se diz e do que se faz. Com a interpretação, o indivíduo finalmente escuta o que ele próprio disse e não poderá mais se excluir desse dito. “Interpretação diz respeito àquilo que se faz com um elemento do material, com uma associação, um lapso etc. Trata-se de uma

construção, porém, quando apresentamos ao analisando um pedaço de sua pré-história esquecida" (Freud, 1938/2018, p. 208).

Como observa Freud (1938/2018):

O analista conclui um pedaço de construção e o transmite ao analisando, para que tenha algum efeito sobre ele; em seguida, constrói mais um pedaço, a partir do novo material que flui, age da mesma forma com esse, e prossegue nessa alternância até o fim. Se, nas exposições sobre a técnica analítica, escuta-se pouco a palavra 'construções', a razão disso é que, em vez dela, fala-se de 'interpretações' e de seus efeitos. Mas penso que construção é a denominação mais adequada (Freud, 1938/2018, p. 208).

E por que o analista não instrui o paciente? Por que não oferecer as respostas?

Em primeiro lugar porque seria sugestão e não associação livre; seria um discurso do mestre e não do analista (Suposto saber), mas, também, porque "um ensinamento não é um ato, jamais foi" (Lacan, 1967-1968). A livre associação, proposta ao analisando, deve ser articulada à atenção flutuante, posição ética do analista, de tal modo que todo o saber a ser construído venha, exclusivamente, do sujeito em análise. Por isso Lacan afirma que "é com meus analisantes que aprendo tudo, que aprendo o que é a psicanálise. Eu empresto a eles minhas intervenções, e não meus ensinamentos, exceto se eu sei que eles sabem perfeitamente o que isto quer dizer" (Lacan, 1976, p. 34).

Em segundo lugar, podemos relacionar à fruição, ou seja, para que o analisando possa usufruir do que será construído a partir do ato analítico, é imprescindível que o sujeito localize o novo texto como autoral e não plágio ou mera repetição. Em relação à fruição, a função do ato aponta, simultaneamente, para uma posição ética do analista e uma posição ética do analisando. Da posição do analista, este se abstém de qualquer vantagem advinda do ato analítico. Da posição do analisando, que este assuma a responsabilidade (retificação subjetiva) em relação ao seu dito. "Se a posição do analista se determina unicamente por um ato, ela só pode registrar-se para ele, como efeito, pelo fruto do ato; e para empregar esta palavra, 'fruto', já evoquei da última vez, seu eco de fruição" (Lacan, 1967-1968).

Um terceiro ponto sobre não instruir ou educar o paciente se refere ao fato de que devemos abordar cada caso clínico como único, de tal modo que os outros sujeitos atendidos ao longo dos anos, na carreira profissional de um analista, não poderão ser tomados como base para a compreensão ou interpretação de um percurso analítico que se inicia. Devemos tomar cada “novo caso como se nada houvessemos adquirido de suas primeiras decifrações” (Lacan, 1967/2003, p. 249).

Um quarto aspecto se relaciona com as construções teóricas que poderão ser feitas a partir dos atendimentos. Acerca desta questão, Lacan propõe que é “indispensável que o analista seja ao menos dois. O analista, para que os efeitos possam surtir é o analista quem, estes efeitos, os teoriza” (Lacan, 1974).

Em nenhum caso uma intervenção analítica deve ser teórica, sugestiva, ou seja, imperativa, ele deve ser equivocada. A interpretação analítica não é feita para ser compreendida; ela é feita para produzir ondas. Então devemos buscar ser discretos e nos lembrar que é melhor calar-se; basta somente escolher (Lacan, 1976, p. 35).

Em resumo, se o analista é um lugar de um saber suposto, oferecer resposta ou instruir o analisando seria ocupar um lugar de saber e não de suposto saber. E este saber imposto ao sujeito em tratamento não teria sido construído a partir do desejo inconsciente deste, o que não lhe permitira usufruir de tal saber, pois este não seria singular, seria de um terceiro ou advindo de construções teóricas.

3.3 Para que serve uma análise?

De acordo com o psicanalista Jacques-Alain Miller (2011a), existem pelo menos três diferentes análises: uma análise que se inicia, uma análise que dura e uma análise que termina. São três análises diferentes que exigem do analista posições e modos de fazer distinções, embora, aparentemente, principalmente do ponto de vista do sujeito em tratamento, tudo pareça igual, a mesma sala, o mesmo analista, os mesmos horários etc.

Numa análise que se inicia, temos um tratamento que parece cheio de acontecimentos, no qual procuramos dar alguma forma para aquele conteúdo que nos chega amorfos. Assim, neste primeiro momento, nada sabemos sobre o sujeito

que nos procura, apenas de um suposto desejo por iniciar um percurso, uma análise.

Munido de uma queixa, um incômodo, uma angústia, ou até mesmo uma curiosidade, o sujeito começa a nos contar sua história. Nesse momento, a função do analista é, sobretudo, fazer com que o sujeito fale. Essa fala, essa primeira conversa, esse ensaio de análise, é fundamental, pois dará ao analista os elementos necessários para poder conduzir o tratamento, do ensaio para a análise, quando for o caso, passando, desse modo, de uma análise que se inicia para uma análise que dura.

A partir dessa fala dirigida ao analista, o sujeito encontrará espaço para ir, pouco a pouco, singularizando sua própria demanda. Cabe ao analista verificar, ao longo da narrativa que se constrói em análise, “a posição tomada por quem fala quanto aos próprios ditos; e a partir dos ditos localizar o dizer do sujeito, retomar a enunciação [...] lugar em que está o enunciante frente ao enunciado” (Miller, 1997, p. 236).

Diferente das terapêuticas, por meio das quais se pretende padronizar o desejo para que ele coloque o sujeito na esfera dos ideais comuns, a psicanálise autoriza a rebeldia, o direito ao desvio, à singularidade, que implica a responsabilidade do sujeito.

Diante desta proposta de percurso, podemos apontar que uma análise serve para que um indivíduo possa ceder um pouco do seu sintoma e, com a parte que não lhe é possível ceder, que ele possa elaborar algo a partir do seu sintoma. O sintoma tem algo a dizer sobre o sujeito e, enquanto não diz nada, produz mal-estar, sofrimento e, também, ganhos secundários.

3.4 Mentira em análise

É algo comum, em sala de aula ou em supervisão, perguntarem: e se o sujeito em análise mentir? Ao que respondo: ele vai mentir, contem com isso! A mentira faz parte do dizer da clínica, assim como a mentira faz parte do dizer na vida. Não há dizer que consiga prescindir da mentira; como diria Lacan (1954-1955/1986), faltariam palavras.

No início da experiência analítica há o registro da palavra mentirosa. É a palavra que instaura na realidade a mentira. [...] Coloquemos num triângulo de três vértices: ali, a mentira; aqui, o equívoco e, depois, a ambiguidade. [...] A palavra é por essência ambígua (Lacan, 1954-1955/1986).

É uma condição da palavra que ela se apresente como mentira, equívoco ou ambiguidade e, por isso, a clínica psicanalítica trabalha, desde o início de uma análise, com esta perspectiva. O analista escuta de modo flutuante justamente para poder receber a palavra em todas as suas possibilidades de manifestação.

Outro aspecto importante que observamos ao escutar o sujeito em análise é que não há uma dicotomia entre a mentira e a verdade; pelo contrário, podemos pensá-las como contíguas, pois “no nível do inconsciente o sujeito mente. E essa mentira é a sua maneira de dizer a verdade acerca disso” (Lacan, 1959-1960/2008).

Além desta possibilidade, da mentira como substituição da verdade, ou ainda de apresentar a verdade através da mentira, podemos pensar na verdade como uma construção que se dá a partir da mentira, pois, à medida que a mentira é apresentada e repetida diversas vezes, ela começa a se organizar e se estabelecer como verdade. Aquilo que, num certo momento, se apresentava como mentira, começa a ganhar, para o sujeito, um estatuto de verdade. “À medida que a mentira se organiza, desenvolve seus tentáculos, lhe é necessário o controle correlativo da verdade. Porque a mentira, nesse sentido, realiza, desenvolvendo-se, a constituição da verdade” (Lacan, 1954-1955/1986).

A verdade é, portanto, uma construção, com uma estrutura de ficção que “nunca pode ser senão meio-dita” (Lacan, 1971-1972/2012). Este é um princípio de saber para todo analista, e é por isso que, na análise, sempre questionamos (através do corte, interpretação, pontuação, ou seja, através dos atos analíticos) um saber que se apresenta, por considerarmos que este é sempre UM saber, nunca O saber. Trata-se sempre de um saber que desloca ou que condensa, de um saber que se apresenta como metonímia ou como metáfora.

Todo analista deve contar com o fato de que há sempre algo que não foi dito por detrás do dito. Eis também o motivo pelo qual o analista não escuta com a intenção de entender tudo, ele simplesmente escuta. Essa escuta, que se preocupa

mais com a velocidade, as trocas, os tropeços e as escolhas das palavras do que com o sentido foi chamada, por Freud, de escuta flutuante ou atenção flutuante, que tem como principal objetivo a regra fundamental da psicanálise: a associação livre. A proposta da associação livre é que o paciente simplesmente fale. Não se firma aí um compromisso de que ele tenha que falar A VERDADE, simplesmente o convidamos a falar!

Dizer que o sujeito pode mentir equivale afirmar que o inconsciente pode mentir. Mas por que o inconsciente mente? O sujeito do inconsciente mente para poder comunicar algo que não poderia ser dito de outro modo. Ao mentir, o sujeito denuncia que há algo a ser dito e, à medida que o sujeito é convidado a seguir falando, o não dito ou o mal-dito acabará sendo, finalmente, dito. Por isso Lacan (1958-1959/2016) nos explica: “Como comunicar aos outros algo que se constituiu como segredo? Resposta: por alguma mentira”.

Por fim, a mentira desvela o desejo, ou, ainda podemos pensar que o desejo é, justamente, aquilo que mente, de tal modo que, se é impossível ao neurótico abrir mão do desejo, este também não poderá prescindir da mentira. Claro que o sujeito prometerá ao Outro que jamais vai mentir, entretanto, o “não mentirás, como lei, está incluída a possibilidade da mentira como o desejo mais fundamental” (Lacan, 1988).

Em resumo: “O inconsciente é capaz de mentir! [...] O eu minto é perfeitamente aceitável, uma vez que o que mente é o desejo” (Lacan, 2005). “A mentira pode se afirmar como verdade” (Lacan, 1967/2003) pois, “sempre digo a verdade: não toda, pois dizê-la toda não se consegue [...] faltam palavras”.

Definição em Freud	Definição em Lacan
<p>“O analista conclui um pedaço de construção e o transmite ao analisando, para que tenha algum efeito sobre ele; em seguida, constrói mais um pedaço, a partir do novo material que flui, age da mesma forma com esse, e prossegue nessa alternância até o fim. Se nas exposições sobre a técnica analítica escuta-se pouco a palavra ‘construções’, a razão disso é que, em vez dela, fala-se de ‘interpretações’ e de seus efeitos. Mas penso que construção é a denominação mais adequada. Interpretação diz respeito àquilo que se faz com um elemento do material, com uma associação, um lapso etc. Trata-se de uma construção, porém, quando apresentamos ao analisando um pedaço de sua pré-história esquecida” (Freud, 1938/2018, p. 208).</p>	<p>“O que é para o psicanalista um ato? Mas se o ato está na leitura do ato [...] é do ato reduzido <i>nachträglich</i> (a posteriori) que ela toma seu valor?” (Lacan, 1967-1968).</p> <p>“O ato psicanalítico designa uma forma, um envoltório, uma estrutura tal, que de algum modo, ele suspende tudo o que até então foi instituído, formulado, produzido como estatuto do ato, à sua própria lei” (Lacan, 1958-1959/2016).</p> <p>“O ato psicanalítico consiste essencialmente neste tipo de efeito de sujeito que opera distribuindo, por assim dizer, o que constituirá o suporte, a saber, o sujeito dividido, o \$, enquanto esta é a aquisição do efeito de sujeito ao final da tarefa psicanalísante: é a verdade que, qualquer que seja e sob qualquer pretexto com o qual ele se tenha engajado, é conquistada pelo sujeito” (Lacan, 1967-1968).</p>

4. Transferência

A procura pela análise já aponta para a transferência: um sujeito, munido de uma queixa, um incômodo, uma angústia, ou até mesmo uma curiosidade, procura um analista por supor haver ali um saber. Esse lugar de Suposto Saber é o lugar de analista. Lugar autorizado pela transferência. Quase todo início de um tratamento parece um encontro cheio de acontecimentos a partir de uma fala do sujeito que inicia sua experiência analítica. Segundo Miller (2011a), a análise começa sob o modo da formalização, ou seja, dar alguma forma para aquele conteúdo que nos chega amorfo.

Assim, neste primeiro momento, nada sabemos sobre o sujeito que nos procura, apenas de um suposto desejo por iniciar um percurso, uma análise. Quando um paciente entra pela primeira vez no consultório, ele é, normalmente, recebido com uma pergunta: “O que te traz aqui?”. Essa pergunta aponta para uma questão que, a partir daquele encontro, o sujeito poderá direcionar à sua análise.

Essa primeira conversa é fundamental, pois dará ao analista os elementos necessários para poder conduzir o tratamento, do ensaio para a análise. A partir dessa fala dirigida ao analista, o sujeito encontrará espaço para ir, pouco a pouco, singularizando a sua demanda. Essa demanda é o pedido de ajuda do sujeito para se desvencilhar de um sintoma. Esse sintoma do qual o sujeito se queixa se transformará num sintoma analítico a partir do endereçamento ao analista para que o sintoma passe do estatuto de resposta para o estatuto de pergunta a ser devolvida ao sujeito como questão a ser, por ele, decifrada.

Todo este percurso, desde a formalização do conteúdo oferecido pelo sujeito que procura uma análise, até todas as intervenções do analista que serão feitas ao longo do tratamento analítico, será sustentado pela transferência.

Importante observar que a transferência não é um fenômeno exclusivo da análise e a encontramos em todas as nossas relações: “Não se deve crer que a análise cria a transferência e que esta ocorre somente nela. A transferência é apenas desvelada e isolada pela análise” (Freud, 1925/2011, p. 124). Entretanto, a diferença da transferência, em análise, é que ela será evidenciada e transformada em ferramenta essencial do tratamento, oferecendo ao analista importantes

marcações que irão orientar o seu trabalho: “A transferência tem sempre o mesmo sentido, de indicar os momentos de errância e também de orientação do analista, o mesmo valor de nos convocar à ordem de nosso papel” (Lacan, 1998).

Além de orientar o manejo e a direção do tratamento, a transferência nos explicita a presença atualizada do passado do sujeito na clínica, uma vez que o analisando atualiza, na presença do analista, as figuras primordiais da sua vida.

O que é a transferência para Freud e para Lacan? Podemos considerar que a transferência, para a psicanálise, é, simultaneamente, uma demanda de saber (sujeito suposto saber - Lacan) e uma demanda de ser (amor transferencial - Freud). É justamente entre esses dois, entre o saber e o amor, que a transferência opera na clínica psicanalítica.

A transferência compreendida como um amor, para Freud, não se difere tão radicalmente de todas as nossas outras relações amorosas e oferece uma marca afetiva tão autêntica, tão verdadeira, tão importante e tão potente como as demais relações amorosas: “Em que mais devemos reconhecer a autenticidade de um amor? [...] Nesse ponto o amor de transferência não parece ficar atrás de nenhum outro; temos a impressão de que dele poderíamos conseguir tudo” (Freud, 1915/2010).

Eis o grande desafio do analista em relação ao manejo da transferência, ter um cuidado de não afastar, afugentar ou estragar a transferência amorosa e, ao mesmo tempo, se abster de atender as demandas de amor que advêm da relação transferencial. “O amor de transferência possui talvez um grau menor de liberdade que o amor conhecido como normal, que sucede na vida, [...] mostrando-se menos flexível e capaz de modificação” (Freud, 1915/2010).

Por outro lado, a transferência compreendida como demanda de saber, é explicitada antes mesmo do paciente entrar no consultório de um psicanalista; o saber fica evidenciado na própria busca pela análise e na escolha de um determinado analista. Se o sujeito procura fazer análise com um determinado analista, é porque faz uma aposta de que é para aquele lugar e para aquela pessoa que ele deve dirigir seu sofrimento, suas queixas, seus sintomas, na expectativa de que esse encontro lhe traga algum alívio.

O sujeito, quando procura o tratamento, não sabe muito bem o que busca encontrar, mas faz essa aposta assim mesmo, justamente por supor que o analista ocupa um lugar de Saber, mesmo que suposto. Para Lacan, à medida que se desenvolve uma análise, o analista lida alternadamente com todas as articulações da demanda do sujeito. “Mas só deve, como diremos mais adiante, responder a partir da posição da transferência” (Lacan, 1998).

Em seu principal livro sobre a transferência, no *Seminário 8*, Lacan ressalta que a relação desta com o amor não foi abandonada, apenas articulada à questão do saber:

Tento abordar o problema da relação do analisado ao analista, que se manifesta por este fenômeno tão curioso da transferência, de maneira que o aproxime mais de perto e esconda o menos possível suas formas. Todo analista o conhece, mas procura-se, mais ou menos, abstrair seu peso, evitá-lo. Nada de melhor podemos fazer, nesse sentido, do que partir de uma interrogação sobre aquilo que o fenômeno da transferência é considerado imitar ao máximo, até mesmo chegando a confundir-se com ele: o amor (Lacan, 1960-1961/1992).

A psicanalista Denise Maurano (2006) aponta que:

O analista é assim designado porque analisa a transferência [...] Para poder trabalhar, é fundamental que o analista saiba em que lugar está sendo colocado pelo analisando. [...] É da posição que lhe é dada pela transferência que o analista pode analisar, interpretar, enfim, intervir sobre a própria transferência (Maurano, 2006).

4.1. O amor no “Banquete de Platão”

Lacan se debruçou sobre o tema do amor transferencial freudiano no *Seminário 8: A transferência* a partir da obra *O banquete* de Platão. Está é, sem dúvida, uma leitura obrigatória a todo analista lacaniano pois é, a partir deste texto, que Lacan sustenta sua importante elaboração de que “o amor é dar o que não se tem” (Lacan, 1960-1961/1992):

Se lhes trago, nesse sentido, a fórmula de que ‘o amor é dar o que não tem’, nada existe aí de forçado, de lhes mostrar uma das minhas invencionices. É evidente que se trata disso mesmo, já que a pobre Apória, por definição e por estrutura, não tem nada a dar, senão sua falta, Apória, constitutiva. A expressão ‘dar o que não se tem’ encontra-se, escrita com todas as letras, no índice 202a, do texto do Banquete, *aneu tou ekhim logou dounai* (Lacan, 1960-1961/1992).

Esta formulação lacaniana aponta para o fato de que só se pode falar sobre o amor articulado à falta, pois o que se deseja está ligado ao que falta. E qual a origem de tal falta? Em Platão, temos um mito de busca de completude:

Quero fundir-vos e forjar-vos numa mesma pessoa, de modo que de dois vos tomeis um só [...] o que há muito estava desejando, sim, unir-se e confundir-se com o amado e de dois ficarem um só. [...] é portanto ao desejo e procura do todo que se dá o nome de amor (Platão).

A partir de um ideal impossível de completude se descobre, na realidade, a falta. Ali, onde o sujeito busca complemento, ele encontra furo, por isso Lacan afirma que “o amor, com efeito, só pode ser articulado em torno dessa falta, pelo fato de que, daquilo que deseja, só pode ter sua falta” (Lacan, 1960-1961/1992).

Na fantasia do sujeito há uma existência por detrás da falta, o que o leva a ilusão de vir um dia a encontrar isto que falta, por supor que, apesar de não estar lá, existiria. Eis o impossível das relações amorosas, se dar conta de que o que falta não existe: “O que falta a um não é o que existe, escondido, no outro. Aí está todo o problema do amor” (Lacan, 1960-1961/1992).

Esta construção lacaniana de um vazio por detrás da falta foi construído a partir do questionamento de Platão acerca do objeto amoroso: “Ama-se o que ainda não está à mão nem se tem. [...] O Amor é amor de alguma coisa ou de nada?”.

O amor de nada se torna o eixo central da construção acerca do amor em Lacan, por isso a famosa construção sobre amar a falta. “Se deseja aquilo que não é, o que não está ali, o que ele não tem, o que ele próprio não é, ou aquilo de que ele é faltoso, o que lhe falta essencialmente” (Platão).

Tamanha importância do amor, coloca-o na origem da civilização, para Platão, e é assim valorizado em Freud e em Lacan. Lacan inicia seu *Seminário 8* apontando que “No começo era o amor”, em uma referência ao texto platônico de que o Amor e a Terra foram a primeira organização advinda do caos:

Um grande deus, o Amor, e admirado entre homens e deuses [...]. Pois o ser entre os deuses, o mais antigo e honroso, [...] e a prova disso é que genitores do Amor não os há, e Hesíodo afirma que primeiro nasceu o Caos. [...] depois do Caos foram estes dois que nasceram, Terra e Amor (Lacan, 1960-1961/1992).

“O Amor é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte” (Platão).

De acordo com Lacan, a questão do amor nos interessa na medida em que vai nos permitir compreender o que se passa na transferência. “O amor é dar o que não se tem [...]. A transferência é algo que põe em causa o amor, [...] aquilo a que se chama a sua ambivalência de amor e ódio” (Lacan, 1960-1961/1992).

E Platão conclui: “O Amor é amor de nada ou de algo? [...] Será que o Amor, aquilo de que é amor, ele o deseja ou não? [...] E é quando tem isso mesmo que deseja e ama que ele então deseja e ama, ou quando não tem? – Quando não tem, como é bem provável” (Platão).

4.2 A transferência na clínica com crianças

Há uma diferença fundamental entre a análise de adultos e de crianças, e essa diferença está, justamente, na transferência. Na clínica com adultos, lidamos com a presença dos pais infantis, fantasísticos, descritos no discurso do sujeito, enquanto na clínica com crianças encontramos os pais de carne e osso, que decidem levar esse sujeito ao tratamento. A clínica com crianças inicia, portanto, com o seguinte desafio: receber a criança a partir da queixa dos pais, mas apontar para o sujeito. O que implica construir, sob transferência, uma demanda que seja da própria criança, singular, diferente da de seus pais.

Pensar a criança como sujeito é pensá-la em tempos e não idade cronológica. Tomar a criança na clínica como o sujeito do inconsciente e, portanto, atemporal, não permitirá ao analista a ilusão de padronizar ou adestrar a infância ou a adolescência e exigirá do analista entrar em contato com a singularidade deste sujeito em análise.

Eis a responsabilidade de um analista: sob transferência, a demanda do sujeito (criança) começa a se distinguir da demanda dos pais. Somente com uma demanda que lhe seja própria, o sujeito poderá se responsabilizar por ela.

Importante lembrar que escutar e privilegiar o discurso da criança como singular não implica em desconsiderar a importância dos pais da clínica com crianças. Pelo contrário, os pais são imprescindíveis e não haverá a possibilidade de orientação aos pais sem transferência também com eles. Para isso é de extrema importância localizar os tempos do sujeito (criança) e o lugar que este ocupa no saber dos pais.

Orientar os pais implica em orientar o nó borromeano, ou seja, o laço entre Imaginário (Amor que se dá pela demanda), Simbólico (desejo que aparece pela recusa) e Real (o que há de traumático do encontro entre os pais e o filho).

A clínica com crianças recusa a padronização do desejo ou do saber sobre a criança, por isso a psicanálise se recusa a impor o discurso que vem dos pais, da escola ou da sociedade ao sujeito. A ética da psicanálise nos lembra que a psicanálise autoriza a rebeldia, o direito ao desvio, de ser um só, diferente de todos, da singularidade. Compreender a infância sem nunca deixar de escutar o sujeito atemporal é o grande desafio da clínica com crianças. A ética do analista na clínica com crianças depende disso!

A psicanálise com crianças aponta para uma ética que promove a afirmação da singularidade, diferente do que parece pregar a sociedade contemporânea, como percebemos pela multiplicidade de diagnósticos e medicalização que têm tido como alvo, sobretudo, a infância e a adolescência, num evidente projeto de padronização de todos, submetidos a uma lógica de produção e consumo.

Percebemos que o discurso analítico nunca foi tão importante quanto hoje, para funcionar como um contraponto dessa lógica normalizadora, como uma forma de dialogar diante desse discurso de homogeneidade da atualidade, buscando se abster de qualquer delírio de norma e visando compreender eticamente o sintoma como aquilo que o sujeito tem de mais singular.

A partir da transferência, o sujeito será convidado a construir uma demanda que será verdadeiramente formalizada como uma demanda de análise. Tudo isso depende do manejo do analista, da capacidade deste de se abster de enquadrar, moldar, pedagogizar ou condicionar o sujeito, tornando-a uma demanda de verdade, uma demanda de análise.

Na clínica com crianças, a gente oferece a escuta através do jogo, do brincar, do tempo de estar à disposição da criança para que ela consiga construir sua demanda própria e para que esta demanda possa ser endereçada ao analista.

Com a transferência será possível que a criança enuncie seu próprio desejo, suas fantasias, e consiga questionar o desejo do outro através da construção de um lugar singular no campo da linguagem. Podemos dizer, portanto, que o trabalho inicial da análise não é descobrir o sintoma (porque este tem um peculiaridade no caso das crianças - *Nota sobre a criança* – Lacan (1969/2003), mas permitir à criança construir o próprio e singular sintoma.

Qual a especificidade do sintoma na clínica com crianças? No texto lacaniano *Nota sobre a criança*, Lacan (1969/2003) diz que o sintoma da criança acha-se em condição de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar. O percurso da análise de uma criança incluirá o desafio de permitir que ela elabore o texto do seu próprio sintoma.

Definição em Freud	Definição em Lacan
A transferência é uma demanda de ser (amor transferencial - Freud). "Em todo tratamento analítico se produz [...] uma forte relação emocional do paciente com a pessoa do analista [...]. É de natureza positiva ou negativa, varia do amor-paixão plenamente sensual a extremos de rebeldia, amargura e ódio. Isso que abreviadamente chamamos de transferência logo toma no paciente o lugar do desejo de cura e se torna [...]. Mais tarde, se se torna passional ou se converte em hostilidade, vem a ser o principal instrumento da resistência. Então pode também acontecer que paralise a atividade associativa do paciente e ameace o êxito do tratamento. Mas não haveria sentido em buscar evitá-la; uma análise sem transferência é algo impossível. Não se deve crer que a análise cria a transferência e que esta ocorre somente nela. A transferência é apenas desvelada e isolada pela análise" (Freud, 1925/2011).	A transferência é uma demanda de saber (Sujeito suposto saber - Lacan). Para que serve a transferência? "A transferência tem sempre o mesmo sentido, de indicar os momentos de errância e também de orientação do analista, o mesmo valor de nos convocar à ordem de nosso papel" (Lacan, 1998).
"Em que mais devemos reconhecer a autenticidade de um amor? [...] Nesse ponto o amor de transferência não parece ficar atrás de nenhum outro; temos a impressão de que dele poderíamos conseguir tudo" (Freud, 1915/2010).	"À medida que se desenvolve uma análise, o analista lida alternadamente com todas as articulações da demanda do sujeito. Mas só deve, como diremos mais adiante, responder a partir da posição da transferência" (Lacan, 1998).
"É preciso cuidar para não nos afastarmos da transferência amorosa, não afugentá-la ou estragá-la para o paciente; e também abstenho-nos, de modo igualmente firme, de corresponder a ela" (Freud, 1915, p. 162).	"O analista é assim designado porque analisa a transferência [...]. Para poder trabalhar, é fundamental que o analista saiba em que lugar está sendo colocado pelo analisando. [...] É da posição que lhe é dada pela transferência que o analista pode analisar, interpretar, enfim, intervir sobre a própria transferência" (Maurano, 2006).
Não existe transferência sem resistência, pois uma advém da outra: "A transferência na análise sempre nos aparece, de imediato, apenas como a mais poderosa arma da resistência, e podemos concluir que a intensidade e a duração da transferência são efeito e expressão da resistência" (Freud, 1912, p. 104).	

5. Resistência

Freud localiza o conceito de resistência desde o início da teoria psicanalítica. Ao localizar a resistência, Freud pôde compreender a origem da neurose, ou seja, pôde construir a teoria psicanalítica acerca do recalque e do inconsciente. A clínica psicanalítica das neuroses foi construída a partir dos fenômenos da resistência, pois Freud observou que a resistência era o mais seguro indício de conflito. A prática clínica visava, por sua vez, levar à consciência este conteúdo recalcado (consequência do conflito) e protegido pela resistência. “Foi a partir da consideração dos fenômenos da resistência que nasceu [...] a teoria do recalque. [...] Preenchia-se então uma lacuna na etiologia dos sintomas neuróticos” (Freud, 1924/2011).

A resistência trabalha ativamente contra a associação livre. Percebemos isso pelas objeções críticas que o paciente tem contra os seus pensamentos, que o leva a restringir o que dirá ao analista. Freud registra que é preciso haver uma força que quer expressar algo, e uma outra que busca impedir essa expressão. A resistência se relaciona com a transferência, uma vez que pode advir desta. Se relaciona com a regra fundamental (associação livre), uma vez que implica em impossibilitá-la. Encontramos a resistência também relacionada à compulsão repetição à tentativa de manter o ganho secundário.

Foi a partir da consideração dos fenômenos da resistência que nasceu um dos pilares da doutrina psicanalítica das neuroses, a teoria do recalque. Era plausível imaginar que as mesmas forças que então se opunham a que o material patogênico se tornasse consciente haviam se empenhado antes da mesma forma, com sucesso. Preenchia-se então uma lacuna na etiologia dos sintomas neuróticos (Freud, 1924/2011).

A resistência pode advir, portanto, da transferência e a relação entre as duas é condição para a análise: “A transferência na análise sempre nos aparece, de imediato, apenas como a mais poderosa arma da resistência, e podemos concluir que a intensidade e a duração da transferência são efeito e expressão da resistência” (Freud, 1912). E, assim como a transferência, a resistência acontece tanto do lado do analisando quanto do analista. Ao impor uma barreira ao tratamento, a resistência se torna condição do tratamento, pois aponta justamente para o conteúdo a ser interpretado.

Segundo Freud, denominamos “resistências” do paciente todas as forças que se opõem ao trabalho da análise. O ganho obtido com a doença é a principal fonte de tal resistência, o “sentimento de culpa inconsciente”, que representa a resistência do Super-eu, é o fator mais poderoso e o que mais tememos. Existem, portanto, diferentes resistências: 1. ligada ao recalque; 2. relacionado à transferência; 3. ligada a compulsão à repetição; 4. como preservação do ganho secundário; 5. uma tentativa de recusa da regra fundamental:

Temos de combater cinco tipos de resistência, que provêm de três lados: do Eu, do Id e do Super-eu – sendo que o Eu é a fonte de três formas, cada qual diferente em sua dinâmica. A primeira dessas três resistências do Eu é a resistência do recalque. Dela se distingue a resistência da transferência [...]. É também resistência do Eu [...]. O quarto tipo de resistência – o do Id – é o que vimos como responsável pela necessidade da elaboração. A quinta resistência, a do Super-eu, reconhecida por último, a mais obscura, mas nem sempre mais fraca, parece originar-se da consciência de culpa ou necessidade de castigo (Freud, 1924/2011).

Ainda encontramos outras resistências durante o tratamento. [...] Enfim, pode-se imaginar que surjam dificuldades quando um processo pulsional, que durante décadas seguiu determinado caminho, subitamente deve tomar o novo caminho que lhe foi aberto. Isso pode ser denominado resistência do Id. A luta contra todas essas resistências é nosso principal trabalho no curso do tratamento analítico; a tarefa das interpretações não é nada, comparada a ela (Freud, 1924/2011).

Lacan, assim como Freud, escreve longamente sobre a resistência e todas as possibilidades de encontrá-la, entretanto, o ponto mais elementar do seu pensamento é quando ele sintetiza todas as possibilidades de resistência a uma única, que realmente importa para o funcionamento da clínica: “Existe apenas uma resistência, é a resistência do analista” (Lacan, 1954-1955/1999). De acordo com Lacan, o analista resiste quando não entende com o que ele tem de lidar. Quando isso acontece, a supervisão ou análise de controle se torna imprescindível.

Para que uma experiência analítica possa acontecer, o analista deverá se lembrar que “a superação das resistências é a parte do nosso trabalho que exige mais tempo e maior esforço. Mas ela vale a pena, pois realiza uma vantajosa alteração do Eu, alteração essa que se conservará [...] e se mostrará válida por toda a vida” (Freud, 1938/2018, p. 146).

O trabalho do analista diante das resistências exige tempo e esforço, e apressar este trabalho comprometeria o percurso da análise. Por isso, Freud ressalta que, se o analista realizar suas interpretações antes de o paciente estar preparado para elas, a comunicação não terá efeito ou provocará uma veemente *irrupção de resistência*, que poderia dificultar, ou inclusive comprometer, a continuação do trabalho.

“Não é importante de que forma a resistência aparece, se como transferência ou não. Decisivo é que a resistência impede que se dê alguma mudança, espera que tudo continue como era” (Freud, 1938/2018, p. 202). E complementa: “A resistência pode apenas ser expressão do Eu, que a seu tempo efetuou o recalque e agora quer mantê-lo, [...] ou seja, tornamos a resistência consciente ali onde ela própria é inconsciente devido ao nexo com o recalado” (Freud, 1933/2010).

Definição em Freud	Definição em Lacan
<p>“Temos de combater cinco tipos de resistência, que provêm de três lados: do Eu, do Id e do Super-eu – sendo que o Eu é a fonte de três formas, cada qual diferente em sua dinâmica. A primeira dessas três resistências do Eu é a resistência do recalque. Dela se distingue a resistência da transferência [...]. É também resistência do Eu [...] quarto tipo de resistência – o do Id – é o que vimos como responsável pela necessidade da elaboração. A quinta resistência, a do Super-eu, reconhecida por último, a mais obscura, mas nem sempre mais fraca, parece originar-se da consciência de culpa ou necessidade de castigo” (Freud, 1924/2011).</p> <p>“Ainda encontramos outras resistências durante o tratamento. [...] Enfim, pode-se imaginar que surjam dificuldades quando um processo pulsional, que durante décadas seguiu determinado caminho, subitamente deve tomar o novo caminho que lhe foi aberto. Isso pode ser denominado resistência do Id. A luta contra todas essas resistências é nosso principal trabalho no curso do tratamento analítico; a tarefa das interpretações não é nada, comparada a ela” (Freud, 1924/2011).</p> <p>“A resistência deveria ser contornada pelo trabalho da interpretação e por dar a conhecer os resultados desta ao paciente” (Freud, 1914/1996).</p> <p>“Deve-se dar ao paciente tempo para conhecer melhor essa resistência com a qual acabou de se familiarizar, para elaborá-la, para superá-la, pela continuação, em desafio a ela, do trabalho analítico, segundo a regra fundamental da análise” (Freud, 1914/1996).</p> <p>“O trabalho de descobrir o patogénicamente esquecido precisava lutar contra uma resistência constante e muito intensa. Já eram manifestações dessa resistência às objeções críticas com que o paciente procurava excluir da comunicação os pensamentos que lhe ocorriam, e contra as quais era dirigida a regra psicanalítica fundamental” (Freud, 1924/2011).</p> <p>“Foi a partir da consideração dos fenômenos da resistência que nasceu um dos pilares da doutrina psicanalítica das neuroses, a teoria do recalque. Era plausível imaginar que as mesmas forças que então se opunham a que o material patogênico se tornasse consciente haviam se empenhado antes da mesma forma, com sucesso. Preenchia-se então uma lacuna na etiologia dos sintomas neuróticos” (Freud, 1924/2011).</p>	<p>Sobre a resistência na análise: “Existe apenas uma resistência, é a resistência do analista. O analista resiste quando não entende com o que ele tem de lidar. Não entende com o que ele tem de lidar quando crê que interpretar é mostrar ao sujeito que, o que ele deseja, é tal objeto sexual. Engana-se. O que ele imagina aqui como sendo objetivo é apenas pura e simples abstração. Ele é que está em estado de inércia e de resistência” (Lacan, 1954-1955/1999).</p> <p>“O real é, de algum modo, uma experiência da resistência” (Lacan, 1964/1998).</p>

6. Regra da abstinência (Ética)

A regra da abstinência é um conjunto de recomendações ao analista para que seja, de fato, possível que a regra fundamental (associação livre) aconteça. De acordo com Freud, não se trata apenas da (óbvia) abstinência física do analista em relação à demanda amorosa do paciente, mas, sobretudo, da atitude do analista diante das mais variadas demandas do paciente, inclusive e, especialmente, de saber antecipadamente, decidir, instruir ou concluir no lugar do analisando. Se abster de fazer o trabalho do analisando de elaboração diante do seu próprio sofrimento. Trata-se, portanto, de se abster de desejar, saber ou escolher pelo outro, de se abster de assumir a responsabilidade sobre os atos ou os ditos do paciente.

Para o analista, implica em recusar a satisfazer os inúmeros pedidos do paciente e a desviar de preencher os lugares e os papéis que tendem a ser impostos pelo paciente ou pelos familiares deste. À sua maneira, Lacan fala sobre a regra da abstinência a partir do conceito de ética, fazendo também referência à noção de neutralidade analítica. A ética da psicanálise é a ética do desejo.

Sobre a neutralidade do analista é importante apontar a diferença do papel social do analista fora da situação de análise, onde ele pode emitir opiniões, inclusive políticas, e o lugar/disco do analista num contexto de análise.

Como consequência da regra da abstinência ou ética, a psicanálise jamais fará promessas, assim como nunca venderá felicidade ou cura. A ética da psicanálise que define a atuação do analista não se sustenta numa proposta de fazer o bem ou oferecer a verdade, mesmo que o paciente faça tal pedido, mesmo que lhe demande pois, “não somente o que lhe demanda, o Bem Supremo, é claro que ele (o analista) não o tem, como sabe que não existe” (Lacan, 1959-1960/1988, p. 359).

Definição em Freud	Definição em Lacan
<p>“O tratamento analítico deve, tanto quanto possível, ser conduzido na privação, na abstinência” (Freud, 1919/2010, p. 213).</p> <p>“A regra de frustrar as demandas do paciente é adotada não tanto para manter os limites da situação analítica, mas para trazer o desejo à tona” (Fink, 2018).</p>	<p>“Não somente o que lhe demanda, o Bem Supremo, é claro que ele (o analista) não o tem, como sabe que não existe” (Lacan, 1959-60/1988, p. 359).</p>

7. Inconsciente

O texto de Lacan é um discurso duplo, teoria-escritura que, ao mesmo tempo, fala do inconsciente e diz o inconsciente, mimando suas torções sintáticas, seus deslocamentos, suas compressões [...]. Se Lacan fosse apenas um pensador, seria um mestre. Mas Lacan é bruxo porque é poeta, e os poetas sabiam do inconsciente antes mesmo de Freud.

Leyla Perrone-Moisés

Para Freud (1915/2017), o inconsciente não é tomado pelo uso popular de ser o avesso do consciente. Freud propõe o inconsciente como, em parte, consequência do recalque que supera o conteúdo recalcado:

Tudo o que é recalcado tem, necessariamente, que permanecer inconsciente, mas queremos deixar claro, logo de saída, que o recalcado não abrange tudo o que é inconsciente. É o inconsciente que tem a maior extensão entre os dois; o recalcado é uma parte do inconsciente (Freud, 1915/2017).

Como saber da existência de um pensamento inconsciente? Quando há falhas no discurso, quando faltam palavras, quando trocamos palavras, esquecemos nomes ou aparecem lacunas na narrativa de um sonho ou de qualquer outro acontecimento. Essas pequenas afirmações evidenciam que, segundo Lacan, o que é conhecido não pode ser conhecido senão em palavras, posto que o que é desconhecido apresenta-se como sendo uma estrutura de linguagem. De um modo belíssimo Clarice nos aponta numa direção semelhante:

A linguagem é meu esforço humano. Por destino volto com as mãos vazias. Mas volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu (Lispector, 1964/2020).

Diante desta relação entre inconsciente, sujeito e linguagem, quais as semelhanças e diferenças entre o Inconsciente Freudiano e o Sujeito Lacaniano? O inconsciente é uma hipótese, o que resta como uma perspectiva fundamental, mesmo que possamos prolongá-la, fazê-la variar. Para Freud, o inconsciente é o resultado de uma dedução. É o que Lacan traduz do modo mais aproximado, salientando que o sujeito do inconsciente é um sujeito suposto, ou seja, hipotético.

Não é, então, um real. Inclusive se colocamos a questão de saber se é um ser. O pensamento inconsciente é estruturado enquanto linguagem, é uma fala não dita, ou mais do que dita, muitas vezes mal dita. “Freud, onde duvida [...] está seguro de que um pensamento está lá, pensamento que é inconsciente, o que quer dizer que se revela como ausente. É a este lugar que ele chama [...] o *eu penso* pelo qual vai revelar-se o sujeito” (Lacan, 1964/1988).

Miller (1997) nos explica que a escolha de Lacan de demarcar o inconsciente, a partir do significante Sujeito, tem o propósito de enfatizar a questão da falta e do desejo: “Lacan optou por enfatizar o inconsciente como sujeito, um sujeito que não tem substância, que é um tropeço, já que algo não se encaixa, mas se expande para preencher o próprio desejo”.

Tanto Freud quanto Lacan privilegiam a linguagem, tanto para a compreensão do inconsciente em Freud quanto do Sujeito do Inconsciente em Lacan. Nada podemos saber do inconsciente, e nada podemos saber sobre o Sujeito, a não ser por meio das formações do inconsciente que ocorrem, por excelência, através da linguagem.

O inconsciente estruturado como linguagem, formulado por Lacan a partir da obra freudiana, se distancia de qualquer compreensão metafísica e explícita, ainda mais que a técnica da psicanálise depende inteiramente do uso da fala e da linguagem, do que se diz, do que se escuta e do que se constrói a partir desse movimento de fala e escuta.

Algumas frases que nos ajudam a pensar o sujeito:

- O Inconsciente é estruturado como linguagem.
- O Sujeito é um efeito de linguagem.
- O Sujeito é um ato de resposta ao desejo do Outro.
- O Saber Inconsciente é sempre Suposto.
- O analista ocupa um lugar de Sujeito Suposto Saber.
- O Sujeito do Inconsciente só pode ser encontrado em análise, através da interpretação.

- Interpretar não é equivalente a decifrar, o inconsciente não é decifrável.
- O inconsciente é um lugar onde a interpretação nunca alcança, apenas aponta sua direção.

7.1 A constituição do sujeito em Lacan

De modo geral, podemos dizer que o sujeito surge a partir da distinção do Outro. Assim, existir como sujeito implica estruturar-se como defesa, desde a primeira alienação na linguagem. Trata-se, portanto, de não se restringir, colando-se ao Outro, mas de se servir deste para dele se separar. As operações de alienação e separação nos demonstram que o sujeito não pode advir sem o Outro, mas precisa também prescindir do Outro para existir. A primeira operação de alienação depende de um Outro ativo e desejante.

A operação constitutiva do sujeito se deve a algumas condições: a de prematuração da criança (*infans*), que vivencia seu corpo como sendo despedaçado, devido ao dinamismo libidinal; a de antecipação de uma totalidade “ortopédica”, antes mesmo da capacidade de uma elaboração psíquica (“insuficiência orgânica”); a de “eficácia simbólica” (Lévi-Strauss) na dialética social em que o sujeito está inserido, isto é, no “campo de forças do desejo”.

Trata-se das primeiras imagens que constituem o sujeito ao mesmo tempo que o alienam; imagens cuja ausência o deixa desestruturado ou não estruturado em sua unidade. Lacan propõe que partamos da função de desconhecimento que caracteriza o Eu e suas estruturas. A instauração do Eu e de sua função é decorrente do momento crítico da apreensão do: “Tu és isto”, proposição fundante e alienante ao mesmo tempo.

A conquista de uma imagem, aquela do corpo como totalidade, estrutura o Eu e põe fim à angústia do corpo despedaçado. Essa imagem engaja o sujeito na dialética da identificação com outrem pela mediação da linguagem. Por isso dizemos que as palavras, e somente as palavras, podem achar o sujeito no lugar onde ele não está, ou onde ele está mas já foi embora. “Aonde não estou as palavras me acham” (Manoel de Barros); e “Do lugar onde estou já fui embora” (Manoel de Barros).

7.2 Qual o sujeito para a Psicanálise?

O sujeito para a psicanálise não é, de modo algum, permanente ou constante. O sujeito é transitório e não tem outra possibilidade de existir a não ser a partir do discurso, ou melhor, do que falha ou fura o discurso. Por isso dizemos que o sujeito é dividido, falho ou furado. Esse sujeito, marcado pela transitoriedade, é percebido, portanto, pela fala, pela falta e pela falha. Uma vez que o sujeito fale, o significante dito o substitui e o sujeito já não está mais lá, como na poesia de Manoel de Barros.

Manoel de Barros, em *Livro sobre nada*, diz que: “Onde não estou as palavras me acham” e “Do lugar onde estou já fui embora”. Esses versos de Manoel de Barros nos dizem sobre o sujeito da psicanálise. Para a psicanálise, o sujeito é, portanto, “essa lembrança apagada, esse significante que falta, esse vazio de representação em que se manifesta o desejo” (Quinet, 2000, p. 13).

O sujeito é um tornar-se a partir do seu ato de fala. O sujeito é, desse modo, um ato de resposta, uma resposta dada em ato. O sujeito é um tornar-se naquilo que ele assume responsabilidade pelo que rompe da linguagem. Encontramos o sujeito tomado por uma dúvida e lá “onde duvida [...] está seguro de que um pensamento está lá, pensamento que é inconsciente, o que quer dizer que se revela como ausente” (Lacan, 1964/1988, p. 39).

As palavras, e só as palavras, podem achar o sujeito no lugar onde ele não está, ou onde ele está, mas já foi embora. O pensamento inconsciente é estruturado enquanto linguagem, é uma fala não dita, ou mais do que dita, muitas vezes mal dita. “O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica” (Freud, 1900/2019).

7.3 Inconsciente e pulsão

Do mesmo modo que não há como compreender o corpo biológico sem o estudo da anatomia e da fisiologia, não existe a possibilidade de se estudar o aparelho psíquico sem o estudo do inconsciente e da pulsão.

Para compreender melhor tal comparação, retomemos a definição das duas primeiras importantes áreas do conhecimento médico. Para isso, vamos brincar de dissecar as palavras a partir de suas origens gregas: ana-tomia (*ana* = em partes;

tomein = cortar) e fisio-logia (*physis* = natureza; *logos* = estudo). Em resumo, a primeira estuda a constituição do corpo e a segunda estuda as funções (físicas e químicas) deste corpo.

Agora a Psicanálise. O corpo é uma importante base para as questões humanas, mas, certamente, estas não se restringem ao corpo anatomo-fisiológico. Há algo a mais no humano. Esse algo a mais advém do atravessamento da linguagem sobre este corpo e chamamos de aparelho psíquico. Para a Psicanálise, o Sujeito se constitui de carne, ossos, órgãos e sinapses nervosas e, claro, linguagem. Por isso precisamos estudar a linguagem.

Lacan (1964/1998), no *Seminário 11*, chama atenção dos Psicanalistas de que o estudo da linguística é imprescindível, já que a linguagem é, não só, nosso instrumento de trabalho, como a base que estrutura o inconsciente. E a Pulsão? A Pulsão é aquela que interfere, mexe, remexe e se intromete na linguagem, ou seja, no inconsciente. É por isso que a linguagem falha, esquece, tem lapsos, silencia ou dispara.

Pensar o humano apenas como um pacote de carne que faz sinapses nervosas (numa espécie de neuro-religião radical), permitirá o radicalismo de medicar, com antipsicóticos, uma criança que faz birra aos 2 ou 3 anos, ou estabilizadores de humor aos adolescentes quando eles se depararem com as angústias das questões da sexualidade, identidade e corpo, ou ainda justificará manter adultos por décadas numa combinação de medicação-função (para trabalhar, transar, dormir, emagrecer ...).

O crescimento dos diagnósticos e medicalização da vida nos dá notícias desta fantasia de ser humano sem aparelho psíquico, feito somente de carne e sinapses.

Conceito em Freud	Conceito em Lacan
<p>“Tudo o que é recalcado tem, necessariamente, que permanecer inconsciente, mas queremos deixar claro, logo de saída, que o recalcado não abrange tudo o que é inconsciente. É o inconsciente que tem a maior extensão entre os dois; o recalcado é uma parte do inconsciente” (Freud, 1915/2017).</p>	<p>“Freud, onde duvida [...] está seguro de que um pensamento está lá, pensamento que é inconsciente, o que quer dizer que se revela como ausente. É a este lugar que ele chama [...] o <i>eu penso</i> pelo qual vai revelar-se o sujeito” (Lacan, 1964/1988).</p> <p>“Lacan optou por enfatizar o inconsciente como sujeito, um sujeito que não tem substância, que é um tropeço, já que algo não se encaixa, mas se expande para preencher o próprio desejo” (Miller, 1997).</p> <p>“É porque o que é conhecido não pode ser conhecido senão em palavras, que o que é desconhecido apresenta-se como sendo uma estrutura de linguagem” (Lacan, 1959-1960/2008).</p>

8. Formações do inconsciente

Para a psicanálise, as formações do inconsciente são formas de manifestação daquilo que retorna do recalque. Se o recalque é o resultado do conflito entre o desejo e a censura em que, não sendo possível nem abrir mão do desejo, nem romper com toda censura, o Eu, para preservar algo do desejo e se preservar diante da censura, lança tal conteúdo para o inconsciente. Uma vez recalado, o pensamento se esforçará por retornar nas formações do inconsciente (sintomas, sonhos, chistes, atos falhos, lapsos, esquecimentos) e, ao mesmo tempo, percebemos que o conteúdo recalado, para se manter recalado, precisa encontrar uma forma de descarga, de vazão, e esta também acontece através do que retorna do recalado.

O retorno do recalado esta é a única prova de que o inconsciente e o recalque existem. Não teríamos notícias do recalque (e do inconsciente) sem as manifestações do retorno do recalado. Este, portanto, nos explicita a importância da antecipação e da retroação na análise, ou seja, o retorno do recalado antecipa e a interpretação retroage. O que é o retorno do recalado? É como uma condensação do que foi recalado, de um resto do recalado que tenta se fazer expressar.

Quais são as formas de retorno e sua importância para o sujeito? O sintoma é a mais persistente e duradoura de todas as formações do inconsciente. O ato falho dura um segundo, o sonho dura uma noite, o chiste alguns minutos e o Sintoma, quanto dura? O sintoma dura uma vida inteira! Posso interpretar o retorno do recalado? Sim. O retorno do recalado é uma mensagem ao Outro, mais especificamente, uma mensagem cifrada a ser decifrada, ou seja, interpretada. As formações do inconsciente podem ser interpretadas, mas nunca completamente. Sempre haverá um resto que ultrapassa a significação, algo que permanece inerte, fixo e resistente à interpretação. Mesmo resistentes à interpretação, elas só serão consideradas formações do inconsciente exatamente quando decidimos que elas serão escutadas, pontuadas e interpretadas.

As formações do inconsciente são, portanto, os restos de sentido que retornam do inconsciente e os acontecimentos regularmente negligenciados e tratados como fenômenos sem nenhuma importância. São de extremo valor para a psicanálise, justamente porque resistem a qualquer explicação pronta e exige uma

construção em análise. A lógica inconsciente, a ser construída a partir desses restos de sentido que, num processo psicanalítico, fazem ‘buraco na cabeça’ do sujeito, ou mesmo constituem o sujeito (do inconsciente) como o próprio vazio de sentido, conforme Lacan (1964/1998) propõe no *Seminário 11*.

As formações do inconsciente têm, em comum, a propriedade de se diferenciar dos códigos e sentidos institucionalizados e autorizados para o funcionamento cotidiano do sujeito. As formações do inconsciente obrigam o Outro à rearticulação de seus códigos instituídos uma vez que estas ultrapassam os sentidos e acontecimento previstos, por exemplo, espera-se que uma criança, após o controle dos esfíncteres, possa desfraldar, quando esta retorna para as fraldas após um longo intervalo de controle da urina e das fezes, este acontecimento será tomado como extraordinário, imprevisto, fora dos códigos, e exigirá do Outro uma rearticulação.

Com efeito, como anunciei da última vez, há nisso uma função significante que [...] escapa ao código, isto é, a tudo o que até então se acumulou de formações do significante em suas funções de criação do significado. Aparece algo novo, que pode ser concebido como vinculado ao próprio fundamento do que podemos denominar de progresso da língua, ou sua mudança, mas que requer que, antes de aí chegarmos, detenhamo-nos em sua formação, a fim de situá-lo em relação ao mecanismo formador do significante (Lacan, 1957-1958/1999).

Conceito em Freud	Conceito em Lacan
<p>“Também sabem que o conflito entre elas produz, em determinadas condições, outras formações psíquicas, que, tal como o sonho, são o resultado de compromissos, e não me solicitarão que repita agora tudo o que se acha na introdução à teoria das neuroses, a fim de lhes expor o que sabemos sobre as condições de tal formação de compromissos” (Freud, 1901).</p>	<p>“[Familionário] Será isso um ato falho ou um ato bem-sucedido? Uma derrapagem ou uma <i>criação poética</i>? Não sabemos. Talvez seja tudo isso ao mesmo tempo. Mas convém nos determos, precisamente, na formação do fenômeno no plano significante estrito. Com efeito, como anunciei da última vez, há nisso uma função significante que é própria da tirada espirituosa, como significante, que escapa ao <i>código</i>, isto é, a tudo o que até então se acumulou de formações do significante em suas funções de criação do significado. Aparece algo novo, que pode ser concebido como vinculado ao próprio fundamento do que podemos denominar de progresso da língua, ou sua mudança, mas que requer, antes de aí chegarmos, que detenhamo-nos em sua formação, a fim de situá-lo em relação ao mecanismo formador do significante” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 32).</p> <p>“As formações do inconsciente são justamente acontecimentos linguageiros que aparecem como falha do discurso racional-consciente. Ele define o inconsciente como uma hipótese necessária para dar conta daquilo que não pode ser explicado pela consciência, pelo saber já sabido, ou, ainda, podemos dizer, recorrendo a Lacan, pelo saber já codificado e cristalizado pelo Outro” (Lacan, 1957-1958/1999).</p>

9. Chistes

O chiste tem a função tanto de remover uma inibição já existente quanto evitar a produção de uma nova inibição, de tal modo que podemos compreender que a principal função da piada (chiste) é produzir prazer pela eliminação de inibições. A piada utiliza de algo estúpido ou absurdo para apresentar algo ainda mais absurdo que não pode ser dito de outra forma. “Um chiste que se serve da estupidez para certo fim, atrás do qual se esconde algo” (Freud, 1905/2017). O chiste pode, também, representar uma rebeldia contra a autoridade, uma libertação da pressão por ela exercida. Pode ser tanto para o ataque ao que é grande, nobre e poderoso (rebelião contra a autoridade), quanto para atacar certos grupos vulneráveis e sem poder.

De acordo com Freud, o absurdo, num chiste, substitui o escárnio e a crítica contida no pensamento por trás dele. Alguns ataques só podem, portanto, ser feitos “sob a máscara de um chiste, de um chiste que se esconde sob a sua fachada” (Freud, 1905/2017).

O chiste é subjetivo, ou seja, só é chiste aquilo que considero um chiste. Um chiste comporta, portanto, uma dúvida, que só se esclarece retroativamente. Por isso Lacan destacou que é preciso que o Outro escute e reconheça o chiste como chiste. “Se alguém cria um suposto chiste, conta-o e não há um Outro que o reconheça, isso não é um chiste, isso não é nada” (Lacan, 1957-1958/1999).

Em *O chiste e sua relação com o inconsciente*, Freud (1905/2017) analisa vários tipos de chistes e diferentes efeitos que estes causam, além da sua relação com o inconsciente. Trata-se de um trabalho valioso, da origem da psicanálise, juntamente com o livro sobre os sonhos e da psicopatologia da vida cotidiana, pois nestes ele tinha a intenção de explicar, por elementos que já encontramos há séculos na cultura, sobre o inconsciente a partir de suas manifestações.

Assim como as demais formações do inconsciente, os chistes precisam ser reconhecidos como chistes e assim somente são dentro de um certo contexto para o qual ele é dirigido: “A característica do chiste está ligada a diversidade das reações produzidas por ele sobre seus ouvintes [...]. Cada chiste demanda assim seu próprio público” (Freud, 1905/2017).

Justamente pela característica do chiste de ter uma tendência, é que este pode também causar, não só humor e descontração, mas constrangimento e aversão: “O chiste que tem uma tendência corre o risco de encontrar pessoas que não querem ouvi-lo” (Freud, 1905/2017).

Assim, percebemos que o chiste é completamente submetido de ser lido na esfera social e precisa ser contado, escutado e assistido: “O chiste tendencioso precisa, em geral, de três pessoas: além daquela que conta o chiste, uma segunda que é tomada como alvo da agressividade hostil ou sexual, e uma terceira em que se cumpra a intenção de o chiste despertar o prazer” (Freud, 1905/2017).

O chiste carrega consigo um conteúdo que não se manifesta explicitamente do seu texto, justamente porque o sentido precisa ser encontrado depois, no efeito que causará: O chiste pela “representação pelo oposto ou a apresentação por semelhança e parentesco. Trata-se da apresentação de algo que não pode ser expresso diretamente” (Freud, 1905/2017).

Eis a técnica do chiste, usar do absurdo para desvelar o absurdo que não pode ser dito: “O absurdo do chiste serve para desvelar e apresentar outro absurdo. [...] A técnica dos chistes consiste na produção de algo estúpido, absurdo, cujo sentido é mostrar, expor outra coisa estúpida e absurda” (Freud, 1905/2017).

Lacan nos explica que há uma importante relação entre a inibição e o chiste, pois este depende da inibição para obter o seu efeito. A inibição demarca o caminho por onde passará o chiste e, portanto, o caminho da fala, “como mensagem ao Outro [...]. É o embaraço, o vazio, a falha da mensagem que é autenticado pelo Outro como chiste” (Lacan, 1957-1958/1999). “Não é à toa que, na preparação de minha tirada espirituosa, evoco alguma coisa que tende, no Outro, a consolidá-lo numa certa direção” (Lacan, 1957-1958/1999). E complementa: “A *fachada do chiste* tem a função de desviar a atenção do Outro do caminho por onde passará o chiste, fixa a inibição em algum lugar, a fim de deixar livre, num outro ponto, o caminho por onde passará a fala espirituosa” (Lacan, 1957-1958/1999).

Conceito em Freud	Conceito em Lacan
<p>“A principal característica do trabalho do chiste: liberar prazer pela eliminação de inibições” (Freud, 1905/2017).</p>	<p>No <i>Seminário 5</i>, sobre as formações do inconsciente, Lacan nos apresenta uma interessante relação entre a inibição e o chiste. A piada, o chiste ou a tirada espirituosa dependem da inibição para obter o seu efeito. “Não é à toa que, na preparação de minha tirada espirituosa, evoco alguma coisa que tende, no Outro, a consolidá-lo numa certa direção” (Lacan, 1957-1958/1999).</p>
<p>“Tanto para a produção como para a conservação de uma inibição psíquica se requer um ‘gasto psíquico’. [...] Com a aplicação do chiste se atinge prazer, e é [...] tal ganho de prazer corresponde ao gasto psíquico que foi poupadão” (Freud, 1905/2017).</p>	<p>A inibição demarca o caminho por onde passará o chiste e, portanto, o caminho da fala, “como mensagem ao Outro [...]. É o embaraço, o vazio, a falha da mensagem que é autenticado pelo Outro como chiste” (Lacan, 1957-1958/1999).</p>
<p>“A função do humor consiste em remover inibições internas e tornar novamente férteis fontes de prazer que estas haviam tornado inacessíveis” (Freud, 1905/2017).</p>	<p>A <i>fachada do chiste</i> tem a função de desviar “a atenção do Outro do caminho por onde passará o chiste, fixa a inibição em algum lugar, a fim de deixar livre, num outro ponto, o caminho por onde passará a fala espirituosa” (Lacan, 1957-1958/1999).</p>
<p>“Um chiste novo funciona como um acontecimento de interesse geral; ele é passado de uma pessoa à outra como a mais recente notícia de vitória na guerra” (1905/2017).</p>	<p>O ingênuo diz coisas inesperadas que denuncia que “não há inibição alguma em quem fala. É essa desinibição que nos permite transmitir ao outro a quem contamos a história, e que por sua vez já está fascinado com essa falta de inibição, a essência do chiste, ou seja, esse para-além que ele evoca. Aqui, na criança, nos casos que acabamos de evocar, o essencial não consiste na graça, mas na evocação daquele tempo da infância em que a relação com a linguagem é tão íntima que por isso nos evoca diretamente a relação da linguagem com o desejo que constitui a satisfação própria ao chiste” (Lacan, 1957-1958/1999).</p>
<p>“O que o chiste economiza com a sua técnica ? A formação de algumas palavras que, em geral, poderiam ser obtidas com pouco esforço; em vez disso, é preciso fazer o esforço de encontrar aquela única palavra que cobre ambos os pensamentos; muitas vezes, é preciso até começar pela conversão da expressão de um pensamento em uma forma não habitual, de modo que esta favoreça a sua fusão com o outro pensamento. Não seria mais simples, fácil e efetivamente econômico exprimir os dois pensamentos tal como eles ocorrem, mesmo que não se produzisse algo em comum entre as expressões? A economia em palavras expressas não é superada de longe pelo dispêndio de esforço intelectual? E quem é que economiza? A quem favorece a economia?” (Freud, 1905/2017).</p>	<p>É preciso que o Outro escute e reconheça o chiste como chiste: “se alguém cria um suposto chiste, conta-o e não há um Outro que o reconheça, isso não é um chiste, isso não é nada” (Lacan, 1957-1958/1999).</p>
<p>“Quando alguém ri sinceramente de um chiste, não está na disposição mais adequada para investigar a sua técnica” (Freud, 1905/2017).</p>	
<p>“A técnica do chiste estivesse justamente nesse desvio da resposta em relação ao sentido da reprimenda” (Freud, 1905/2017).</p>	
<p>No “absurdo chistoso se oculta um sentido, e que esse sentido no absurdo torna o absurdo um chiste”. O absurdo do chiste serve aqui, portanto, para desvelar e apresentar outro absurdo. A técnica dos chistes de absurdo até aqui analisados consiste realmente, portanto, na produção de “algo estúpido, absurdo, cujo sentido é mostrar, expor outra coisa estúpida e absurda” (Freud, 1905/2017).</p>	

10. Ato falho e lapsos

O lapso é uma perturbação da linguagem, um tropeço de fala. O lapso é a troca ou mutilação de palavras com sentido semelhantes. Um lapso de fala se forma a partir da intenção de dizer algo. Como observa Freud (1901): “Um lapso da fala resulta em grave autodelação”. Os pequenos lapsos verbais e de escrita, de memória, a perda e extravio de objetos podem ser rigorosamente e inconscientemente determinados.

Como observa Lacan, o lapso é tão próximo do chiste que o próprio Freud é forçado a dizer, e somos forçados a acreditar em sua palavra. “Maritalmente [...] trata-se efetivamente de um lapso, mas vocês estão vendo como isso se assemelha a um chiste” (Lacan, 1957-1958/1999). “O que se produz pode transformar-se, conforme o caso, nessa espécie de acidente psicológico que é o lapso” (Lacan, 1957-1958/1999).

Existem diferentes tipos de lapso: lapso de memória, lapso de escrita, de leitura, de fala, de perda de objetos, de extravio de objetos etc. “Os lapsos da fala e da escrita frequentemente obedecem às leis da semelhança, do comodismo ou da tendência à pressa, sem que o elemento perturbador consiga impor qualquer parcela de seu próprio caráter ao engano dele resultante na fala ou na escrita” (Freud, 1901).

Quando alguém comete um lapso ao falar, não se deve imputar isso ao acaso, mas ao conteúdo ideativo perturbador que se transforma num erro, no sentido de uma fala intencionada. Ao apontarmos um lapso “à pessoa que fala, esta pode reconhecê-la como uma intenção familiar, então era apenas temporariamente inconsciente, ou negá-la como sendo desconhecida, então era duradouramente inconsciente” (Freud, 1933, p. 152).

O ato falho também é, assim como os lapsos, uma das formações do inconsciente, ou seja, um retorno do recalcado, por isso podemos afirmar que ele aponta para uma motivação inconsciente que provocou seu acontecimento. É acidental em relação à consciência, mas aponta para uma intenção inconsciente. Todo ato falho denuncia que o sujeito nunca será realmente bem-sucedido na tarefa

de manter o desejo recalcado, explicitando um compromisso do sujeito com seu desejo inconsciente.

Segundo Freud (1916/1996), “a repressão da intenção de dizer algo é condição imprescindível para que o lapso verbal ocorra”. Nas *Conferências introdutórias à psicanálise*, Freud decidiu privilegiar a investigação sobre atos falhos. Nesse aprofundamento se permitiu distinguir diferentes tipos de atos falhos, todos marcados pelo prefixo de negação (ver): *Versprechen* [lapso verbal], *Verlesen* [lapso de leitura], *Verhören* [lapso de audição], *Vergessen* [lapso de memória], *Verlegen* [extravio de objeto], *Verlieren* [perda de objeto] e alguns equívocos [*Irrtümer*].

Uma das principais características do ato falho é seu caráter aparentemente descontraído e desimportante. O que leva, regularmente, o ato falho a ser simplesmente desconsiderado, entendido como uma falha irrelevante qualquer. Para que o ato falho ganhe o estatuto de ato falho, e tenha efeito de abertura de algo que aponta para o inconsciente, é necessário que alguém se ocupe de apontar para a falha, de modo que o sujeito a perceba, a escute como ato falho e, consequentemente, produza algum efeito, sobretudo, alguma reação afetiva sobre o sujeito que o enunciou.

Qual efeito o ato falho costuma produzir sobre o sujeito? Os mais frequentes são os de incômodo, irritação ou constrangimento. Junto a estes efeitos, o ato falho acaba produzindo também um efeito de enigma. O sujeito poderá se questionar sobre o significado dos seus atos falhos, em especial sobre o significado dos lapsos verbais. Para Freud (1916/1996), o lapso verbal foi considerado como o mais apropriado para investigação, pois, ao enunciar algo diferente do que tinha intenção, o sujeito encontra, portanto, esses efeitos de perplexidade ou irritação que o lança na investigação, na tentativa de achar alguma decifração para o enigma que se inaugurou pelo incômodo com a falha.

Retornando ao texto de Freud (1916/1996), *Conferências introdutórias*, podemos descrever o processo e movimentos em torno do ato falho: 1. Primeiro o sujeito reconhece o fenômeno e questiona sua causa, levando-o à investigação junto a quem ouviu e apontou o ato falho; 2. Na sequência o sujeito, junto ao analista, se dedica a investigar o sentido, associar palavras e considerar a possibilidade de intenções; 3. Finalmente o sujeito e o analista constroem uma interpretação que seja

capaz de produzir o encontro e o reconhecimento do sentido, associado à liberação do afeto.

Por fim, podemos considerar que tanto os lapsos quanto os atos falhos denunciam que o sujeito nunca será realmente bem sucedido na tarefa de manter o desejo recalcado. Entretanto, “todo ato falho é um discurso bem-sucedido” (Lacan, 1953/1998).

Conceito em Freud	Conceito em Lacan
<p>É frequente a situação em que a ideia que se quer reter é precisamente a que se impõe sob a forma de um lapso da fala (Freud, 1901).</p> <p>Um lapso da fala resultou em grave autodelação (Freud, 1901).</p> <p>Lapso de fala, lapso de leitura, lapso de escrita. “É preciso admitir que os lapsos da fala e da escrita frequentemente obedecem às leis da semelhança, do comodismo ou da tendência à pressa, sem que o elemento perturbador consiga impor qualquer parcela de seu próprio caráter ao engano dele resultante na fala ou na escrita” (Freud, 1901).</p> <p>“Toda uma série de atos, tidos como não motivados, são rigorosamente determinados, e assim contribui para limitar a arbitrariedade psíquica. Tomei como objeto os pequenos lapsos verbais e de escrita, de memória, a perda e o extravio de objetos, e mostrei que, quando alguém comete um lapso ao falar, não se deve imputar isso ao acaso, nem simplesmente a dificuldades de articulação e semelhanças fonéticas, mas que em todos os casos é possível indicar um conteúdo ideativo – um complexo – perturbador, que modifica, aparentemente tornando um erro, o sentido da fala intencionada” (Freud, 1931).</p> <p>“A repressão da intenção de dizer algo é condição imprescindível para que o lapso verbal ocorra” (Freud, 1916/1996).</p> <p>Em <i>Conferências introdutórias</i> (Freud, 1916/1996), podemos descrever o processo e movimentos em torno do ato falho: 1. Primeiro o sujeito reconhece o fenômeno e questiona sua causa, levando-o à investigação junto a quem ouviu e apontou o ato falho; 2. Na sequência o sujeito, junto ao analista, se dedica a investigar o sentido, associar palavras e a considerar a possibilidade de intenções; 3. Finalmente o sujeito e o analista constroem uma interpretação que seja capaz de produzir o encontro e o reconhecimento do sentido, associado à liberação do afeto.</p>	<p>“Dessa aproximação entre a tirada espirituosa e o lapso, Freud nos dá inúmeros exemplos na Psicopatologia da vida cotidiana. Vez por outra, o lapso é tão próximo do chiste que o próprio Freud é forçado a dizer, e somos forçados a acreditar em sua palavra, que o contexto exclui a hipótese de que o paciente ou a paciente tenha feito aquela criação à guisa de chiste” (Lacan, 1957-1958/1999).</p> <p>“Maritalmente [...] trata-se efetivamente de um lapso, mas vocês estão vendo como isso se assemelha a um chiste” (Lacan, 1957-1958/1999)</p> <p>“O que se produz pode transformar-se, conforme o caso, nessa espécie de acidente psicológico que é o lapso” (Lacan, 1957-1958/1999).</p> <p>“Essa mensagem é, com efeito, uma formulação que se aliena desde o ponto de partida, na medida em que parte do Outro e, por essa vertente, leva ao que é de certo modo desejo do Outro. A mensagem é o encontro dos dois. [...] É justamente isso que pode levar ao que chamamos de lapso, tropeço da fala” (Lacan, 1957-1958/1999).</p> <p>“Quanto à psicopatologia da vida cotidiana, outro campo consagrado por uma outra obra de Freud, está claro que todo ato falho é um discurso bem-sucedido, ou até formulado com graça, e que, no lapso, é a mordaça que gira em torno da fala, e justamente pelo quadrante necessário para que um bom entendedor encontre ali sua meia palavra” (Lacan, 1953/1998).</p> <p>Familiariamente: “Será isso um ato falho ou um ato bem-sucedido? Uma derrapagem ou uma criação poética? Não sabemos. Talvez seja tudo ao mesmo tempo” (Lacan, 1957-1958/1999).</p> <p>“No ato, seja ele qual for, o importante é o que lhe escapa. E é também o passo dado pela análise na introdução do ato falho como tal, que é, finalmente, o único de que sabemos com segurança que é sempre bem-sucedido” (Lacan, 1969-1970/1992).</p> <p>Qual relação com a associação livre? É em “eu perco” que encontramos a regra fundamental. Onde o sujeito diz “eu perco o fio”, nós escutamos uma abertura para o inconsciente por meio dos atos falhos, lapsos e tropeços. Naquilo que se perde da intencionalidade que emerge o saber inconsciente, ou seja, um “saber disso” (Lacan, 1958-1959/2016).</p> <p>“Restaria o fato de eu dizer uma verdade. Não é o caso: eu falho” (Lacan, 1973/2003).</p>

11. Esquecimento

O esquecimento está presente na obra de Freud e de Lacan desde os textos iniciais. Já o encontramos no texto fundador da psicanálise, *Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019), e nos seminários mais iniciais de Lacan.

O esquecimento, tanto para Freud quanto para Lacan, pode ser compreendido como mais uma das formações do inconsciente e, portanto, também porta uma mensagem: Ali onde acontece o esquecimento, encontramos uma importante parte da mensagem: o esquecimento compõe o texto que o inconsciente nos apresenta. Segundo Lacan, o esquecimento garante a procura. “Não me procurarias se já não me tivesses achado” (Lacan, 1964/1998).

O esquecimento evidencia uma parte importante da mensagem que está lá em falta. Não interrompe a mensagem, mas guarda uma importante parte da mensagem pois, o esquecimento “é a mensagem como tal, e pode ser mais – é a mensagem como discurso interrompido e que insiste” (Lacan, 1954-1955/1999). A causa do esquecimento se torna um enigma para o sujeito, denunciando a existência do inconsciente. O sujeito procura o que foi esquecido por considerá-lo uma falha na mensagem que pode ser restaurada. O que se esquece e como se esquece não acontecem de qualquer jeito e têm a função de censurar parte do texto do inconsciente e, como sabemos, “uma censura é uma intenção” (Lacan, 1954-1955/1999). O esquecimento de um nome, por exemplo, “é um lapso, no sentido de que o nome cai nas profundezas” (Lacan, 1957-1958/1999).

O esquecimento garante a procura: “Não me procurarias se já não me tivesses achado” (Lacan, 1964/1998). Mas, apesar do esquecimento portar uma mensagem inconsciente, nem todo esquecimento pode ser lembrado, “o que está no inconsciente só pode ser reconstruído” (Lacan, 1954-1955/1999). O esquecimento e as demais formações do inconsciente podem ser interpretadas, mas “trata-se de não compreender muito depressa, porque, compreendendo depressa demais, não se comprehende coisa alguma” (Lacan, 1957-1958/1999). Não se pode interpretar tudo e qualquer coisa, pois “a metáfora não é uma injeção de sentido [...], como se os sentidos estivessem em algum lugar [...] num reservatório” (Lacan, 1957-1958/1999).

Com o esquecimento, percebemos que toda mensagem acaba sempre “ultrapassando o suporte da fala”, que a mensagem tem muito mais a dizer que o sujeito consegue oferecer conscientemente em seu discurso. O que equivale dizer que “a palavra não acerta diretamente o alvo”, o que nos leva a considerar que “o esquecimento não é um esquecimento absoluto, um vazio, uma hiância” (Lacan, 1957-1958/1999).

O esquecimento, desde Freud, se relaciona com o objeto perdido, afinal, diria o objeto: “não me procurarias se já não me tivesses achado. O já achado está sempre por trás, mas atingido por algo da ordem do esquecimento” (Lacan, 1964/1998). Nossa busca pelo objeto perdido, e o esquecimento em torno dessa busca, nos dá notícias da angústia nesse processo de buscar, nos evidenciando que “não basta esquecer uma coisa para que ela não continue a existir, só que não sabemos mais reconhecê-la” (Lacan, 1962-1963/2005). Além do objeto perdido, podemos relacionar o esquecimento à mensagem advinda do inconsciente, que se manifesta, por exemplo, no que se esquece do sonho, de um lapso da linguagem, no esquecimento de um nome ou de um acontecimento.

Especificamente em relação ao sonho: “O esquecimento do texto do sonho importa tão pouco, nos diz Freud, que mesmo se restar apenas um único elemento, um elemento do qual se duvide, um pedacinho de um pedaço, uma sombra de sombra, podemos continuar concedendo-lhe um sentido. É uma mensagem” (Lacan, 1954-1955/1999).

Ao considerarmos o esquecimento como uma das formas de manifestação do inconsciente, estamos apontando que o ato de esquecer guarda uma intenção, a de preservar uma parte da mensagem desconhecida. Entretanto, ao esconder um pedaço da mensagem, o sujeito evidencia a parte esquecida como ainda mais importante que toda a parte lembrada. A parte esquecida se torna dita na sua forma ausente.

Ao esquecer, percebemos que “um esquecimento, uma impotência psíquica”, parece ter a função de preservar o sujeito de lidar com o constrangimento da parte omitida (esquecida) da mensagem. “Meu esquecimento poupou-me uma série de perguntas incômodas por parte dela e uma discussão improfícua” (Freud, 1901). O que se esquece e como se esquece não acontece de qualquer jeito e tem a função

de censurar parte do texto do inconsciente e, como sabemos, “uma censura é uma intenção” (Lacan, 1954-1955/1999).

Esse movimento de questionar a intenção do esquecimento nos leva a possibilidade de interpretá-lo. O esquecimento pode ser interpretado, mas “trata-se de não compreender muito depressa, porque, compreendendo depressa demais, não se comprehende coisa alguma” (Lacan, 1957-1958/1999).

Conceito em Freud	Conceito em Lacan
<p>“As condições necessárias para se esquecer um nome, quando o esquecimento é acompanhado de ilusão de memória, podem ser resumidas da seguinte maneira: (1) certa predisposição para esquecer o nome, (2) um processo de supressão realizado pouco antes, (3) a possibilidade de se estabelecer uma associação externa entre o nome em questão e o elemento previamente suprimido” (Freud, 1901).</p> <p>O esquecimento das intenções é muito bem ilustrado pelo que se pode chamar de “formação de falsas intenções” (Freud, 1901).</p> <p>“A análise dos exemplos de esquecimento que parecem requerer uma explicação especial revela que o motivo do esquecimento é invariavelmente o desprazer de lembrar algo que pode evocar sentimentos penosos” (Freud, 1901).</p> <p>“Um esquecimento, uma impotência psíquica. [...] Meu esquecimento poupou-me uma série de perguntas incômodas por parte dela e uma discussão improfícua” (Freud, 1901).</p> <p>“O motivo do esquecimento de um nome também pode ser mais sutil, consistir no que se poderia chamar de um ressentimento “sublimado” contra seu portador [...]. O ressentimento que eu nutria inconscientemente contra ele se expressara pelo esquecimento de seu nome, costumeiramente tão familiar para mim” (Freud, 1901).</p> <p>“Desde que superamos o erro de achar que nosso habitual esquecimento significa uma destruição do traço mnemônico, tendemos à suposição contrária de que na vida psíquica nada que uma vez se formou pode acabar, de que tudo é preservado de alguma maneira e pode ser trazido novamente à luz em circunstâncias adequadas, mediante uma regressão de largo alcance, por exemplo” (Freud, 1930/2020).</p>	<p>O esquecimento garante a procura: “Não me procurarias se já não me tivesses achado” (Lacan, 1964/1998).</p> <p>O esquecimento “é a mensagem como tal, e pode ser mais – é a mensagem como discurso interrompido e que insiste” (Lacan, 1954-1955/1999).</p> <p>O que se esquece e como se esquece não acontecem de qualquer jeito e têm a função de censurar parte do texto do inconsciente e, como sabemos, “uma censura é uma intenção” (Lacan, 1954-1955/1999).</p> <p>O esquecimento de um nome, por exemplo, “é um lapso, no sentido de que o nome cai nas profundezas” (Lacan 1957-1958/1999).</p> <p>Nem todo esquecimento pode ser lembrado, “o que está no inconsciente só pode ser reconstruído” (Lacan, 1954-1955/1999).</p> <p>O esquecimento pode ser interpretado, mas “trata-se de não compreender muito depressa, porque, compreendendo depressa demais, não se comprehende coisa alguma” (Lacan, 1957-1958/1999).</p> <p>Não se pode interpretar tudo e qualquer coisa, pois “a metáfora não é uma injeção de sentido [...], como se os sentidos estivessem em algum lugar [...] num reservatório” (Lacan, 1957-1958/1999).</p> <p>A mensagem “ultrapassa o suporte da fala”, o que equivale dizer que “a palavra não acerta diretamente o alvo”, o que nos leva a considerar que “o esquecimento não é um esquecimento absoluto, um vazio, uma hiância” (Lacan, 1957-1958/1999).</p> <p>O esquecimento se relaciona com o objeto perdido, afinal, diria o objeto: “não me procurarias se já não me tivesses achado. O já achado está sempre por trás, mas atingido por algo da ordem do esquecimento” (Lacan, 1964/1998).</p> <p>Nossa busca pelo objeto perdido e o esquecimento em torno dessa busca, nos dá notícias da angústia nesse processo de buscar e nos evidencia que “não basta esquecer uma coisa para que ela não continue a existir, só que não sabemos mais reconhecê-la” (Lacan, 1962-1963/2005).</p> <p>Em relação ao sonho: “O esquecimento do texto do sonho importa tão pouco, nos diz Freud, que mesmo se restar apenas um único elemento, um elemento do qual se duvide, um pedacinho de um pedaço, uma sombra de sombra, podemos continuar concedendo-lhe um sentido. É uma mensagem” (Lacan, 1954-1955/1999).</p>

12. Sonhos

Freud fundou a psicanálise no ano de 1900, com a publicação de *Interpretação dos sonhos*. A primeira parte do livro é dedicada ao percurso teórico dos principais estudos teóricos mundiais acerca dos sonhos até aquela data. A segunda parte do livro Freud constrói sua própria teoria e clínica a partir da perspectiva do sonho como uma das produções do inconsciente, com a principal função de realizar ou atualizar um desejo (Freud, 1900/2019).

Em relação ao uso dos sonhos na clínica há uma regra importante: o sonho é apenas o que se diz do sonho! O que equivale dizer que, quando o analista recebe do analisando a narrativa de um sonho e decide interpretá-lo, percebe que este sonho se endereça a ele, para que possa ser lido. Entretanto, a ética do analista comprehende que não se deve atribuir a este processo de interpretação qualquer material externo ao próprio dizer do paciente, nenhuma chave universal de interpretação ou qualquer apoio advindo de um manual prévio. O analista deverá se ater exclusivamente ao texto produzido pelo analisando durante o esforço de lembrar e narrar o sonho.

Para a prática psicanalítica, o fato mais importante é que o sujeito conte este sonho. “E a experiência nos prova que este sonho não ocorre num momento qualquer, nem de uma maneira qualquer, nem na intenção de ninguém. O sonho tem todo o valor de uma declaração direta do sujeito” (Lacan, 1954-1955/1999).

Entretanto percebemos, com Freud, que essa mensagem vem disfarçada, ou seja, podemos entender que o sonho é a realização disfarçada de um desejo e, por isso, a importância do sujeito ter o trabalho de narrar tal sonho, ou tal desejo disfarçado, na clínica. A partir de tal narrativa o sujeito será convocado a se haver com o desejo que se realizou ali de forma disfarçada.

Se o sonho nos apresenta uma mensagem sempre disfarçada, qual parece ser a função do sonho ou, ainda, qual a função desta mensagem? De acordo com Lacan, o desejo maior de um sonho é, justamente, fazer passar uma mensagem. Em relação ao seu propósito de efetivação do desejo, o sonho é, na verdade, uma atualização na qual o desejo “é objetivado, encenado, vivenciado” (Lacan, 1954-1955/1999). Por isso dizemos que há uma relação muito particular entre o

sonhador e seus desejos: "Ele os repudia e os censura, em resumo não lhe agradam" (Lacan, 1954-1955/1999). Ainda assim: "O importante não é que se sonhe em ser uma borboleta, mas sim o que o sonho quer dizer, o que ele quer dizer para alguém" (Lacan, 1954-1955/1999).

Este é o verdadeiro valor inconsciente do sonho: "a busca da palavra, o enfrentamento direto com a realidade secreta do sonho, a busca de significação como tal" (Lacan, 1954-1955/1999). Mas, esta busca por significação pode ser esgotada? É possível interpretar até esgotar as possibilidades de construir sentidos para um sonho? Não. O esgotamento da interpretação de um sonho não é possível, pois sempre restará, segundo Freud, "um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar [...]. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido" (Freud, 1900/2019, p. 557). O umbigo do sonho, para Lacan, é o lugar "onde o sonho vai inscrever-se no desconhecido" (Lacan, 1954-1955/1999). Isso significa que, durante o trabalho de interpretação dos sonhos, restará sempre algo resistente à interpretação e, ao mesmo tempo, restará sempre algo que convida a tentar interpretar mais e mais: "Mesmo se restar apenas um único elemento [...] um pedacinho de um pedaço, uma sombra de sombra, podemos continuar concedendo-lhe um sentido, uma mensagem" (Lacan, 1954-1955/1999).

Como o sonho mantém a mensagem cifrada? O absurdo:

é um dos métodos pelos quais o trabalho do sonho representa uma contradição [...] o trabalho do sonho produz sonhos absurdos e sonhos que contêm elementos absurdos isolados quando se depara com a necessidade de representar alguma crítica, ridicularização ou escárnio (Freud, 1900/2019).

No instante em que o mundo do sonhador está mergulhado no maior caos imaginário, que o discurso entra em jogo. É nesse discurso insensato que "o sujeito se decompõe e desaparece" (Lacan, 1954-1955/1999).

Como podemos realizar o trabalho com os sonhos em análise? O sonho é apenas o que se diz do sonho! O analisando endereça o texto do sonho ao analista para que este texto possa ser lido. O analista deverá se ater exclusivamente ao texto produzido pelo analisando durante o esforço de se lembrar e narrar o texto do sonho.

Os sonhos dos neuróticos, assim como seus atos falhos e suas associações livres, ajudam-nos a perceber o sentido dos sintomas e descobrir a colocação da libido. Sob a forma de realização de desejo [...]. Por isso, a interpretação dos sonhos tem um relevante papel no tratamento psicanalítico (Freud, 1917/2014, p. 490).

Qual a relação entre os sonhos e os sintomas? De acordo com Lacan, o processo do sonho é exemplar para entender o sintoma neurótico, mas ele mantém uma diferença econômica absolutamente fundamental entre sintoma e sonho.

Em comum eles têm apenas uma gramática. Trata-se de uma metáfora [...]. O sonho permite apreender a função simbólica que está em jogo e, a esse título, é capital para entender o sintoma. Mas um sintoma está sempre inserido num estado econômico global do sujeito, enquanto o sonho é um estado localizado no tempo, em condições extremamente particulares. O sonho é apenas uma parte da atividade do sujeito, enquanto o sintoma se esparrama em diversos setores (Lacan, 1954-1955/1999).

Os sonhos podem ser de vários tipos: “Sonhos podem ser perfeitamente sensatos ou ao menos coerentes, e mesmo engenhosos, de beleza fantástica; outros, por sua vez, são confusos, como que idiotas, absurdos e, com frequência, francamente loucos” (Freud, 1916/1996).

Os sonhos podem ser esclarecedores ou misteriosos: “Existem sonhos que são tão nítidos quanto a experiência vivida [...] outros são indescritivelmente débeis, além de sombrios e difusos” (Freud, 1916/1996).

De modo geral, os sonhos são simplesmente desconsiderados e esquecidos: “Na maioria das vezes, os sonhos são esquecidos assim que despertamos [...]. Sonhos podem, como indivíduos, surgir uma única vez e nunca mais aparecer, ou podem se repetir, inalterados ou com pequenas variações” (Freud, 1916/1996).

Podemos acessar o conteúdo do sonho a partir do texto manifesto: “Àquilo que o sonho narra, chamamos conteúdo manifesto do sonho; ao conteúdo oculto, ao qual nos cabe chegar pela via das associações, damos o nome de pensamentos oníricos latentes” (Freud, 1915/2017).

Por fim, quais são as regras para a interpretação dos sonhos:

1) não devemos nos preocupar com o que o sonho parece dizer, seja isso algo compreensível ou absurdo, claro ou confuso [...]; 2) nosso trabalho deve se concentrar em despertar as ideias substitutivas para cada elemento [...]; 3) aguardemos até que o inconsciente oculto e procurado apareça por si só (Freud, 1916/1996, p. 74).

Conceito em Freud	Conceito em Lacan
<p>A psicanálise foi fundada em Durante o trabalho de interpretação dos sonhos restará “um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixam desenredar [...]. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido” (Freud, 1900/2019).</p> <p>O absurdo “é um dos métodos pelos quais o trabalho do sonho representa uma contradição [...] o trabalho do sonho produz sonhos absurdos e sonhos que contêm elementos absurdos isolados quando se depara com a necessidade de representar alguma crítica, ridicularização ou escárnio” (Freud, 1900/2019, p. 477).</p> <p>“Ao interpretar sonhos, atribuímos idêntica importância a cada um dos matizes de expressão linguística em que eles nos foram apresentados. E mesmo quando o texto do sonho, tal como o tínhamos, era sem sentido ou insuficiente – como se o esforço de fornecer dele um relato correto tivesse fracassado –, levamos também essa falha em consideração” (Freud, 1900/2019, p. 545-546).</p>	<p>Qual a função do sonho? “O desejo maior de um sonho era fazer passar uma mensagem” (Lacan, 1954-1955/1999).</p> <p>O sonho, em relação ao seu propósito de efetivação do desejo, é, na verdade, uma atualização na qual o desejo “é objetivado, encenado, vivenciado” (Lacan, 1954-1955/1999).</p> <p>Os sonhos são sempre agradáveis ao sonhador? “A relação do sonhador com seus desejos é muito particular. Ele os repudia e os censura, em resumo não lhe agrada” (Lacan, 1954-1955/1999).</p> <p>A quem se destina o sonho? “O importante não é que se sonhe em ser uma borboleta, mas sim o que o sonho quer dizer, o que ele quer dizer para alguém” (Lacan, 1954-1955/1999).</p> <p>O que fazer com o que se esquece do sonho? O esquecimento compõe o texto do sonho. “Mesmo se restar apenas um único elemento [...] um pedacinho de um pedaço, uma sombra de sombra, podemos continuar concedendo-lhe um sentido, uma mensagem” (Lacan, 1954-1955/1999).</p> <p>É possível esgotar a interpretação de um sonho? Não, sempre restará o umbigo do sonho, que é o lugar “onde o sonho vai inscrever-se no desconhecido” (Lacan, 1954-1955/1999).</p> <p>Qual o verdadeiro valor inconsciente do sonho? “É a busca da palavra, o enfrentamento direto com a realidade secreta do sonho, a busca de significação como tal” (Lacan, 1954-1955/1999).</p> <p>“É quando o mundo do sonhador está mergulhado no maior caos imaginário que o discurso entra em jogo”. É nesse discurso insensato que “o sujeito se decompõe e desaparece” (Lacan, 1954-1955/1999).</p> <p>Qual a relação entre os sonhos e os sintomas? “O processo do sonho é exemplar para entender o sintoma neurótico, mas ele mantém uma diferença econômica absolutamente fundamental entre sintoma e sonho. Em comum eles têm apenas uma gramática. Trata-se de uma metáfora [...]. O sonho permite apreender a função simbólica que está em jogo e, a esse título, é capital para entender o sintoma. Mas um sintoma está sempre inserido num estado econômico global do sujeito, enquanto o sonho é um estado localizado no tempo, em condições extremamente particulares. O sonho é apenas uma parte da atividade do sujeito, enquanto o sintoma se esparrama em diversos setores” (Lacan, 1954-1955/1999).</p>

13. Sintoma

Em primeiro lugar, é fundamental distinguir o sintoma do senso comum do sintoma para Freud e, posteriormente, do *sinthoma* em Lacan. O sintoma no senso comum são, regularmente, manifestações psicossomáticas (corpo) ou de pensamento (obsessivo). Para a psicanálise, essas manifestações advêm do sintoma, são a ponta do iceberg do sintoma e só temos notícia do sintoma por causa dessa ponta do iceberg que fica de fora e pode ser vista. O sintoma é o iceberg inteiro, a pequena parte fora da água e a enorme parte dentro da água, capaz de afundar um Titanic.

O que é sintoma? O sintoma é uma metáfora do que foi recalado, a construção metafórica de um resto que tenta se fazer expressar. O sintoma é, portanto, uma condensação do que foi recalado, de um resto do recalado que tenta se fazer expressar. O conteúdo recalado, para se manter recalado, precisa encontrar uma forma de descarga, de vazão, e esta acontece através do sintoma. O sintoma é, portanto, a mais persistente e duradoura de todas as formações do inconsciente. O ato falho dura um segundo, o sonho dura uma noite, o chiste alguns minutos e o sintoma dura uma vida inteira.

Porque é que colocamos o sintoma entre estas formações do inconsciente, senão porque o sintoma freudiano também é verdade. Damos-lhe um sentido de verdade, interpretamo-lo. Mas, ele distingue-se de todas as outras formações do inconsciente pela sua permanência (Miller, 2011b).

Se o sintoma é uma das formações do inconsciente, podemos interpretá-lo, mas nunca completamente. Há algo no sintoma que ultrapassa a significação, algo inerte, fixo e resistente à interpretação. Embora muito do sintoma desapareça com a análise, há sempre algo do sintoma que não cessa e, como não cessa, só resta ao sujeito saber servir-se do sintoma.

Tanto para Freud quanto para Lacan, em seus primeiros textos, o sintoma pode ser decifrado porque ele porta um sentido. Isso implica haver no sintoma um sentido aprisionado que a interpretação deverá tentar libertar.

Alguns anos mais tarde, em 1957, o sintoma deixaria de ser entendido por Lacan apenas como uma mensagem para entrar num sistema de escrita, portanto

não podemos mais reduzi-lo a um efeito semântico, como significação do Outro. Há algo no sintoma que ultrapassa a significação, algo inerte, fixo e resistente à interpretação. Isso que ultrapassa será nomeado, mais tarde, por Lacan, como gozo.

Apesar desta resistência do sintoma, a análise segue com a proposta de interpretá-lo por apostar na posição ética do sujeito em análise de vir a se responsabilizar e, por conseguinte, ceder uma cota do seu sintoma na análise. De acordo com Freud: “Quando buscamos prestar ajuda analítica ao Eu em sua luta contra o sintoma, vemos que esses laços conciliatórios entre Eu e sintoma atuam do lado das resistências, e não é fácil rompê-los” (Freud, 1926/2014).

A partir desta luta contra o sintoma, podemos dizer que existe a possibilidade de se curar do sintoma, de extinguir o sintoma do sujeito? Não. O sintoma nunca se extinguirá completamente. Até porque o sintoma não é, simplesmente, algo somente nocivo que deve ser eliminado. O sintoma faz parte do funcionamento do sujeito neurótico. “O sintoma gradualmente se torna o representante de importantes interesses, adquire valor para a afirmação de si, entrelaça-se cada vez mais intimamente com o Eu, torna-se imprescindível para ele” (Freud, 1926/2014).

Mas se o sintoma dura uma vida inteira e não pode ser completamente eliminado, o que resta fazer com ele? Uma vez que “o sintoma já está presente e não pode ser eliminado; é necessário haver-se com esta situação e dela tirar a melhor vantagem possível” (Freud, 1926/2014).

13.1 Relação entre sintoma, sofrimento e satisfação

Há uma importante relação entre sintoma, sofrimento e satisfação, por isso Freud escreve sobre o ganho secundário. Os sintomas possuem ganhos primários e secundários. O ganho, ou benefício primário, é a fuga para a doença que leva a uma aparente resolução do conflito psíquico, no qual a própria doença parece solucionar o conflito pulsional entre a busca de satisfação e a censura. O Eu, não sabendo solucionar o conflito, adoece. O ganho secundário são os benefícios do próprio adoecimento. Quando, apesar do enorme sofrimento causado pela doença, é possível encontrar o retorno de alguma satisfação.

Essa relação entre sofrimento e satisfação nos explica alguns motivos pelos quais o sintoma é extremamente resistente à interpretação, fundamentalmente porque duas de suas funções, de manter o conteúdo recalcado e, simultaneamente, encontrar alguma satisfação, ficariam comprometidas pela interpretação. Na prática clínica percebemos que o sintoma é, ao mesmo tempo, interpretável e intocável pela interpretação. Por este motivo dizemos que a resistência é da própria estrutura do sintoma, justamente devido justamente aos ganhos primários e secundários ligados a ele, ou ainda por causa da satisfação pulsional conquistada através do sintoma.

13.2 O saber ler na prática clínica da psicanálise

Para que o analista possa interpretar, ou seja, para que o analista possa bem-dizer, é necessário que ele saiba ler. O bem-dizer e saber ler estão do lado do analista, são as ferramentas de trabalho do analista, “mas, no decorrer da experiência, trata-se do bem-dizer e do saber ler que se transferem para o analisando” (Miller, 2011b).

A psicanálise não é, portanto, apenas uma questão de escuta, é também questão de leitura. E o que se lê? Lê-se o sintoma, justamente por considerá-lo uma das formações do inconsciente, ao lado dos sonhos e dos atos falhos.

No campo da linguagem, sem dúvida, a psicanálise toma o seu ponto de partida na função da palavra, mas ela refere esta à escrita. Há uma distância entre falar e escrever. É nesta distância que opera a psicanálise, é esta diferença que a psicanálise explora (Miller, 2011b).

13.3 O sintoma em Lacan

Há duas concepções do sintoma em Lacan, fruto do primeiro período do seu ensino: o sintoma como mensagem e o sinthoma como sentido e gozo. Ressaltamos que a chamada concepção clássica do sintoma em Lacan é herdeira de Freud. Lacan extraiu de Freud ensinamentos que o fizeram reconhecer no sintoma a metáfora, figura de linguagem.

No primeiro ensino, Lacan entendia que análise é uma experiência de fala, o analista dispõe de apenas um meio: a fala do paciente (Lacan, 1953/1998, p. 248). Dentro da perspectiva da fala como intersubjetiva, Lacan entende que toda fala pede resposta.

Nesse momento, o equívoco, o que não é falado, o tropeço, é para Lacan a verdade do inconsciente. Mas que só pode ser encontrado se tiver alguém lá que possa interpretá-lo, na análise. O sintoma é, portanto, uma mensagem transmitida através da transferência e que pode ser dissolvida através da fala.

Num primeiro momento, Lacan aponta algo de homogêneo entre o sintoma e a linguagem, contudo também aponta um terceiro e importante elemento: O Outro que faz com que o próprio sujeito escute sua mensagem invertida. Podemos afirmar que na fala há a intervenção do Outro que produz o equívoco.

Nesse momento, o analista é visto por Lacan como quem decide o sentido a ser dado à fala do paciente. O sintoma pode ser decifrado porque ele porta um sentido: “o sintoma, aqui, é o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito” (Lacan, 1953/1998, p. 282).

Isso implica existir no sintoma um sentido aprisionado (Id.), que a interpretação deverá libertar. Com o conceito de gozo, a concepção de sintoma oscila – e, percebam, oscilar é diferente de modificar –, sendo da concepção do sintoma, como sentido mais gozo, que surgirá o *sinthoma* como identificação ao próprio gozo

Conceito em Freud	Conceito em Lacan
O “sintoma gradualmente se torna o representante de importantes interesses, adquire valor para a afirmação de si, entrelaça-se cada vez mais intimamente com o Eu, torna-se imprescindível...” (Freud, 1926/2014).	A análise consiste em que o sujeito possa “dar um pouco o seu sintoma. É por essa razão que uma análise, como dizia Freud, começa por uma configuração dos sintomas. Esforçamo-nos por apanhá-lo em sua própria armadilha” (Lacan, 1962-1963/2005).
Uma vez que “o sintoma já está presente e não pode ser eliminado; é necessário haver-se com esta situação e dela tirar a melhor vantagem possível” (Freud, 1926/2014).	“O sintoma só se constitui quando o sujeito se apercebe dele, [...] sem o que não haverá meio de sair dele, porque não haverá meio de falar dele, porque não há como agarrar o sintoma pelas orelhas. O que é a orelha em questão? É o que podemos chamar de o não-assimilado do sintoma, não assimilado pelo sujeito” (Lacan, 1962-1963/2005).
“O sintoma gradualmente se torna o representante de importantes interesses, adquire valor para a afirmação de si, entrelaça-se cada vez mais intimamente com o Eu, torna-se imprescindível para ele” (Freud, 1926/2014).	

14. Libido

A libido é um dos conceitos mais essenciais para o funcionamento do aparelho psíquico proposto por Freud. É essencial, pois representa aquilo que, na pulsão, produz movimento, força e investimento. A libido, como essa força motriz da pulsão, tem a característica de se fixar em objetos de modo metonímico, ou seja, pode mudar, frequentemente, tanto de objeto quanto de objetivo.

Podemos apontar três diferentes exemplos de investimentos libidinais:

1. Na neurose: A libido e o consequente investimento libidinal delimitam, por exemplo, o funcionamento da neurose, apontando para a causalidade psíquica.
2. Na infância: a libido é responsável pelo funcionamento polimorfo e de múltiplas zonas exógenas desde o nascimento e que delimita as fases do desenvolvimento psicossexual da criança (fase oral, fase anal, fase fálica).
3. No narcisismo: A libido, quando retorna seu investimento do objeto para o Eu. A libido, antes fixada num objeto, é narcisicamente reinvestida no próprio Eu.
4. Na sublimação: A libido pode, ainda, buscar se fixar em objetos de grande valor cultural, ou seja, se deslocar para um objetivo não sexual e investir em objetos valorizados culturalmente como arte, política etc.

É importante ressaltar que há diferenças do conceito da libido em Freud e em Lacan. Para Freud, libido é como “denominamos a energia, tomada como grandeza quantitativa”, porém não mensurável, das pulsões (Freud, 1923/2011, p. 32).

Isso equivale dizer que a “libido se apoia na satisfação das grandes necessidades vitais e escolhe como seus primeiros objetos as pessoas que nela participam” (Freud, 1923/2011, p. 45). Entretanto, ali onde Freud aponta para uma origem da libido ligada às necessidades biológicas, Lacan faz um esforço, em sua obra, para retirar o aspecto natural ou biológico da libido e aproximá-la das formações de linguagem através dos conceitos de metáfora e metonímia. Para isso, o psicanalista francês resgata a proposta da libido como energia no sentido do conceito da física, um conceito que faz da concepção de energia algo inteiramente abstrato.

Em resumo, Lacan (1956-1957/1995, p. 44) aponta para a física, a matemática e a linguística, e não para a química ou a biologia para definir a libido: “a referência a um suporte químico é, estritamente falando, sem importância alguma em se tratando da libido”. E complementa: “A libido é a presença efetiva, como tal, do desejo. É o que resta agora a apontar do desejo – que não é substância, que aí está ao nível do processo primário, e que comanda o modo mesmo de nossa abordagem” (Lacan, 1964/1998, p. 146).

Conceito em Freud	Conceito em Lacan
“Libido” é uma expressão proveniente da teoria da afetividade. Assim denominamos a energia, tomada como grandeza quantitativa – embora atualmente não mensurável –, dessas pulsões relacionadas com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra “amor” (Freud, 1923/2011).	Para falar do desejo, uma noção se impôs em primeiro plano, a libido. Será que esta noção, o que ela implica, é adequada para o nível onde se estabelece a ação de vocês, isto é, o da fala? “A libido permite falar do desejo em termos que comportam uma objetivação relativa. É, por assim dizer, uma unidade de medida quantitativa. Quantidade que vocês não sabem medir, que não sabem o que é, mas que sempre supõem como estando aí. Esta noção quantitativa permite a vocês unificar as variações dos efeitos qualitativos e dar coerência à sua sucessão” (Lacan, 1954-1955/1986, p. 279).
A libido se apoia na satisfação das grandes necessidades vitais e escolhe como seus primeiros objetos as pessoas que nela participam (Freud, 1923/2011).	“[a noção de libido] permite unicamente expor – e ainda assim de forma virtual – uma equivalência, a existência de uma medida comum, entre manifestações que se apresentam como qualitativamente muito distintas” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 44).
A pulsão sexual, cuja expressão dinâmica na vida psíquica chamamos de “libido”, é composto de pulsões parciais, em que pode novamente decompor-se e que só gradualmente se juntam em organizações definidas (Freud, 1923/2011).	Em resumo, Lacan aponta para a física, matemática e linguística e não para a química ou biologia: “a referência a um suporte químico é, estritamente falando, sem importância alguma em se tratando da libido” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 44).
As fontes dessas pulsões parciais são os órgãos do corpo, especialmente algumas zonas erógenas bem demarcadas, mas contribuem igualmente para a libido todos os processos funcionais importantes do corpo (Freud, 1923/2011).	“A libido é a presença efetiva, como tal, do desejo. É o que resta agora a apontar do desejo – que não é substância, que aí está ao nível do processo primário, e que comanda o modo mesmo de nossa abordagem” (Lacan, 1964/1998, p. 146).
O próprio Eu veio a ser considerado um reservatório de libido – denominada “narcísica” –, desde o qual fluem os investimentos libidinais dos objetos e para o qual podem novamente ser recolhidos (Freud, 1923/2011).	
A libido das pulsões de autoconservação foi então chamada de narcísica, e um alto grau desse amor a si próprio foi reconhecido como o estado primário e normal (Freud, 1923/2011).	

15. Pulsão

A pulsão ocupa um lugar central na estruturação e na compreensão dos demais conceitos psicanalíticos, como sexualidade, libido, narcisismo, corpo, aparelho psíquico, sintomas, fantasia, desejo e inconsciente. Essa centralidade da pulsão é tamanha que, na obra *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914/2010) lamentou pela lacuna que a falta de tal conceito havia causado até então.

A primeira aparição do conceito de pulsão na obra de Freud foi somente em 1905: “Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico” (Freud, 1905/1996, p. 159).

Após esta primeira aparição do conceito na obra freudiana em 1905, a elaboração sobre a pulsão sofreu importantes modificações teóricas, que podem ser consideradas como três teorias pulsionais organizadas da seguinte forma:

1. (1905-1914) marcada pelo desenvolvimento da concepção dualística entre a pulsão sexual e a pulsão do Eu (autopreservação);
2. (1914-1920) pelo desaparecimento desse dualismo por conta do reajuste teórico que a pulsão do Eu sofrera, passando a ser considerado algo sexual;
3. (1920-1939) sem descartar as duas anteriores, retorna ao dualismo, com a oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte.

Mas, para além destes três momentos teóricos acerca da pulsão, como podemos defini-la? “Denominamos pulsões as forças que supomos existir por trás das tensões motivadas pelas necessidades do Isso. Elas representam as exigências corporais feitas à vida anímica” (Freud, 1938/2018, p. 23).

Qual a origem das pulsões? “Das grandes necessidades físicas: ‘fome e amor’. Aliás, um par de forças respeitável! [...] podemos dizer, em resumo, que toda energia no Isso provém delas. As forças no Eu também não têm outra origem, elas são derivadas daquelas do Isso” (Freud, 1926/2014).

E o que querem as pulsões? “Satisfação, isto é, a produção de situações em que as necessidades físicas possam se extinguir” (Freud, 1926/2014).

Citando Freud, podemos, então, discutir alguns termos que são utilizados em correlação ao conceito de pulsão. Em 1915, Freud examina a pulsão em quatro dimensões: pressão, meta, objeto e fonte da pulsão.

1. Pressão: ocorre na medida em que a pulsão incide como ininterrupta e constante exigência de trabalho no psiquismo.

Por pressão de uma pulsão, entende-se seu fator motor, a soma de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. O caráter impelente é uma característica geral da pulsão, sua própria essência. Toda pulsão é uma parcela de atividade; quando se fala de modo descuidado de pulsões passivas, essas nada mais seriam que pulsões com uma meta passiva (Freud, 1915/2017).

2. Meta: a satisfação através da descarga do excesso de tensão adquirida através dos estímulos.

A meta de uma pulsão é sempre a satisfação, que só pode ser alcançada pela suspensão do estado de estimulação junto à fonte pulsional. Mas, mesmo que essa meta final permaneça inalterada para todas as pulsões, diferentes caminhos podem conduzir a essa mesma meta final, de modo que podem existir para uma mesma pulsão diversas metas aproximadas ou intermediárias, as quais podem ser combinadas ou substituídas umas por outras. A experiência também nos permite falar de pulsões “inibidas em sua meta” em processos que são tolerados durante uma parcela de seu caminho rumo à satisfação pulsional, mas que depois experimentam uma inibição ou desvio. Pode-se supor que mesmo a esses processos esteja ligada uma satisfação parcial (Freud, 1915/2017).

3. Objeto: Os objetos são muitos e sempre mutáveis, pois representam o objeto perdido.

O objeto de uma pulsão é aquele junto ao qual, ou através do qual, a pulsão pode alcançar sua meta. É o que há de mais variável na pulsão, não estando originariamente a ela vinculado, sendo apenas a ela atribuído por sua capacidade de tornar possível a satisfação. Não é necessariamente um objeto material estranho ao sujeito, podendo ser até mesmo uma parte do próprio corpo. Pode ser substituído incontáveis vezes no decurso dos destinos vividos pela pulsão, sendo a tal deslocamento da pulsão atribuídos os mais significativos papéis (Freud, 1915/2017).

5. Fonte: A fonte está localizada nas regiões do corpo, tanto nos órgãos internos e externos quanto nos membros do corpo, provocando os mais diversos efeitos somáticos.

Por fonte da pulsão entende-se o processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida anímica pela pulsão. Não se sabe se esse processo é regularmente de natureza química ou se também pode corresponder à liberação de outras forças, por exemplo, mecânicas. O estudo das fontes pulsionais já não pertence à Psicologia; ainda que a origem em uma fonte somática seja o elemento mais decisivo para a pulsão, só a conhecemos na vida anímica por causa de suas metas. O conhecimento mais específico das fontes pulsionais não é estritamente necessário para a investigação psicológica. Por vezes, as fontes da pulsão podem ser inferidas, de modo retrospectivo, a partir de suas metas (Freud, 1915/2017).

Seria possível definir quantas pulsões existem e quais são elas?

Certamente, isso deixa muita margem ao arbitrário. Nada se pode objetar se alguém lança mão do conceito de uma pulsão de jogo, pulsão de destruição, pulsão de sociabilidade, se a temática assim o demandar e se as limitações da análise psicológica assim o permitirem. Entretanto, não se deveria descuidar da seguinte questão: se esses motivos pulsionais, por um lado tão especializados, não admitiriam uma decomposição adicional em relação às fontes pulsionais, de tal modo que apenas as pulsões primordiais e não suscetíveis à decomposição poderiam reivindicar uma importância significativa (Freud, 1915/2017).

Após compreender o conceito de pulsão em Freud, vamos à Lacan. O grande esforço de Lacan era retirar as bases biológicas das elaborações freudianas. Para isso, Lacan se propôs a fazer o que ele chamou de “desmontagem da pulsão”. Ao invés de relacionar a pulsos aos estímulos e excitações orgânicos, Lacan decidiu privilegiar a pulsão como percurso ou como circuito.

Por isso se torna imprescindível estabelecer uma relação entre Inconsciente e pulsão, pois, do mesmo modo que não há como compreender o corpo biológico sem o estudo da anatomia e da fisiologia, não existe a possibilidade de se estudar o aparelho psíquico sem o estudo do inconsciente e da pulsão.

Para compreender melhor tal comparação, retomemos a definição das duas primeiras importantes áreas do conhecimento médico. Para isso, vamos brincar de dissecar as palavras a partir de suas origens gregas: *ana-tomia* (*ana* = em partes; *tomein* = cortar) e *fisio-logia* (*physis* = natureza; *logos* = estudo). Em resumo, a primeira estuda a constituição do corpo e a segunda estuda as funções (físicas e químicas) deste corpo.

Agora, para a Psicanálise, o corpo é uma importante base para as questões humanas, mas, certamente, estas não se restringem ao corpo anatomo-fisiológico. Há algo a mais no humano. Esse algo a mais advém do atravessamento da linguagem sobre este corpo, que chamamos de aparelho psíquico.

Para a Psicanálise, o Sujeito se constitui de carne, ossos, órgãos e sinapses nervosas e, claro, linguagem. Por isso precisamos estudar a linguagem. Lacan (1964/1998), no *Seminário 11*, chama a atenção dos Psicanalistas de que o estudo da linguística é imprescindível já que a linguagem é, não só, nosso instrumento de trabalho, quanto a base que estrutura o inconsciente.

E a Pulsão? A Pulsão é aquela que interfere, mexe, remexe e se intromete na linguagem, ou seja, no inconsciente. É por isso que a linguagem falha, esquece, tem lapsos, silencia ou dispara. Pensar o humano como somente um pacote de carne que faz sinapses nervosas (numa espécie de neuro-religião radical), permitirá o radicalismo de medicar, com antipsicóticos, uma criança que faz birra aos 2 ou 3 anos, ou estabilizadores de humor aos adolescentes quando eles se depararem com as angústias das questões da sexualidade, identidade e corpo, ou ainda justificará manter adultos por décadas numa combinação de medicação-função (para trabalhar, transar, dormir, emagrecer...). O crescimento dos diagnósticos e medicalização da vida nos dá notícias desta fantasia de ser humano sem aparelho psíquico, feito somente de carne e sinapses. Se eu puder escolher, prefiro me manter corpo e linguagem, diria até que mais linguagem que corpo.

Um outro modo de pensar o conceito de pulsão em Freud e em Lacan é tomá-lo como um significante que só pode ser entendido e comentado por meio de metáforas (como na música do Chico Buarque – “O que será” (À flor da terra))

“**O que será? (À flor da terra)**” é uma composição de Chico Buarque, escrita em 1976, que possui três partes. Cada parte ganha um subtítulo: “Abertura”, “À flor da terra” e “À flor da pele”. A música foi escrita para o filme “Dona Flor e seus dois maridos”, de Bruno Barreto.

A primeira parte da música, “Abertura”, fala da inquietação de uma relação amorosa marcada pelas queixas de um observador que se coloca como

participante diante de um outro para o qual ela dirige acusações: “não ter vergonha” “não ter juízo”, “não ter descanso”, “não ter limite”, e que por isso “nem dez mandamentos vão conciliar”.

Esta parte encerra apontando para um rompimento (abandono) como consequência disso que não se sabe o que será e que não sossega: “O que será que lhe dá, O que será meu nego, será que lhe dá, Que não lhe dá sossego, será que lhe dá, Será que isso são horas de ele vadiar, Será que passa fora o resto do dia, Será que foi-se embora em má companhia”.

A segunda parte da música, “À flor da terra”, já não é cantada em primeira pessoa e sim em terceira pessoa, colocando o sujeito apenas como observador. Parece falar das pessoas nas suas relações entre si, mas também da relação com o Estado. Esta parte é marcada por palavras como: “becos, botecos, mercados, poetas, profetas, bandidos, desvalidos”. “A Flor da terra” parece querer informar que algo grave está acontecendo com o país e que não pode ser dito, somente “suspirado, sussurrado, vivido e cantado”.

A terceira parte da música, “À flor da pele”, é marcada por palavras que apontam, fundamentalmente, para o corpo: “pele, faces, olhos, peito, órgãos”, e por reações deste corpo: “corar, suplicar, saciar, aliviar, agitar, atiçar, suar”. Essa parte é marcada por movimentos que não podem ser recusados, mesmo enquanto se dorme.

O que será que me dá
Que me queima por dentro, será que me dá
Que me perturba o sono, será que me dá
[...] Que todos os meus órgãos estão a clamar.

Essa terceira parte parece, ainda mais, apontar para o conceito psicanalítico de Pulsão. “A constância do impulso interdita qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, que ela não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante” (Lacan, 1959-1960/2008). Lacan destaca, portanto, que a natureza possui um caráter de estimulação diferente da pulsão. Do jogo pulsional vai interessar a Lacan o seu circuito, ou seja, a forma como essa economia constitui a relação do psíquico com os seus objetos de prazer e não uma estimulação biológica.

16. Desejo

Onde queres descanso, sou desejo

E onde sou só desejo, queres não

E onde não queres nada, nada falta.

Caetano Veloso

O desejo é estruturante do ser humano. Mas o que é o desejo? O desejo é algo que se coloca para o sujeito sempre como uma condição absoluta e infinita, sempre insatisfeito e inatingível.

O desejo do sujeito é de ter o próprio desejo reconhecido. Exatamente por isso, desde o início, “o desejo do homem se aliena no desejo do outro” (Lacan, 1998, p. 345).

O desejo de um sujeito sempre encontra sentido no desejo do outro, “não tanto porque o outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro” (Lacan, 1998, p. 269). O desejo não pode ser dito, não pode ser jamais nomeado, pois não se deseja ter algo, mas ser. “O desejo é uma relação de ser com falta” (Lacan, 1954-1955/1986, p. 280).

A falta, assim como o desejo, é, portanto, constitutivo do ser humano: não é possível nomeá-la ou apresentá-la, a não ser como refletida num véu. “E o que Lacan chama de desejo é na realidade a insatisfação permanente da linguagem, [...] a defasagem da satisfação de toda demanda, onde nunca se obtém o que se pede – margem que é o desejo por excelência” (Miller, 2011, p. 28).

Em Freud, portanto, o desejo é inconsciente que pode vir a se realizar através das formações do inconsciente (sonhos, atos falhos, sintomas). Para Freud, o desejo não estará mais no campo da necessidade, portanto, não é biológica e sim enlaçada ao campo da linguagem (traços mnêmicos).

No *Projeto de 1895*, Freud (1895 apud GABBI JR, 2003) escreve, pela primeira vez, sobre desejo para dizer de uma função que opera no desenvolvimento do aparelho psíquico. Neste momento, Freud relacionou desejo com necessidade.

Em *Interpretação dos sonhos*, Freud (1900/2019) constrói que o desejo é aquilo que irá engendrar todas as formações do inconsciente (por isso diz que o sonho é a realização de um desejo). Do desejo inconsciente virá o material para nossos atos, afetos e pensamentos.

O desejo, para Freud (1900/2019), pode ser compreendido como busca de prazer:

uma moção psíquica que quererá [...] restabelecer a situação da satisfação primeira. Uma moção dessa índole é o que chamamos desejo, a reaparição da percepção é o cumprimento do desejo [...] a uma corrente ... que arranca [o aparato psíquico] do desprazer e aponta ao prazer, chamamos desejo (Freud, 1900/2019).

O desejo também foi definido por Freud como um motor que justifica o movimento do aparelho psíquico: “[...] nada senão o desejo pode colocar nosso aparelho anímico em ação” (Freud, 1900/2019).

Quais relações entre conceitos que podemos estabelecer? Com o advento dos conceitos de pulsão, fantasia e narcisismo, percebemos que o psiquismo lida com as exigências da pulsão, utilizando-se do narcisismo, que leva a formação de um Eu Ideal e de um Ideal-do-Eu, cuja força motriz é o desejo inconsciente, ou seja, o desejo se inscreverá, para Freud, como aquilo que oferece os contornos das escolhas que compõe a vida de cada um. Entre desejo e recalque também podemos estabelecer algumas relações:

É possível demonstrar que todos os desejos, pulsões, modos de reação e atitudes da criança estão ainda presentes na pessoa adulta, e, em circunstâncias apropriadas, podem novamente se evidenciar. Eles não se acham destruídos, mas apenas recobertos (Freud, 1913/2017).

O conceito de desejo aparece em quase todos os demais conceitos fundamentais devido ao seu papel norteador em todos eles. Podemos relacionar o desejo com a pulsão, com o amor, com o narcisismo, com as formações do inconsciente, com o objeto perdido... É do desejo que localizamos a origem do Sujeito: Somos porque desejamos. Sem o desejo não existiríamos.

O Desejo que nos constitui é, primeiramente, o desejo do Outro. Nosso primeiro Outro, com letra maiúscula, é àquele que tomar para si a função materna.

Depois esse Outro de duplica, teremos Outros. Para além da nossa origem do desejo do Outro, buscamos também neste, o reconhecimento do nosso desejo, de tal forma que o desejo do desejo passa a ser o desejo de ter seu desejo reconhecido pelo Outro.

Para tal reconhecimento o desejo precisa se manifestar, precisa aparecer. Como o desejo se manifesta? Através, sobretudo, das manifestações do inconsciente que tem como objetivo fundamental dar notícias da existência do desejo inconsciente.

Por isso dizemos, por exemplo, que os sonhos são a manifestação dos desejos. Por que as manifestações dos desejos nunca cessam? Porque o desejo será sempre insatisfeito. O desejo é algo que se coloca para o sujeito sempre como uma condição absoluta e infinita, sempre insatisfeito e inatingível. O desejo é, portanto, inapreensível e irredutível pois ele é metonímico, quando parece estar próximo de atingir o seu alvo, ele já se modificou, deslizou, já é desejo de uma outra coisa. Por isso podemos dizer que, no desejo, o importante não é aquilo que se deseja, mas o próprio desejo enquanto desejo de ser reconhecido.

Ao considerarmos, a partir de Freud, que “se penso, logo desejo”, ou ainda “se desejo, logo existo”, é por entender que o sujeito da psicanálise se manifesta na hesitação, efeito da articulação significante, estruturado como uma falta constitutiva do desejo de ser. A Psicanálise privilegia, para tal existência, o pensamento inconsciente. Podemos dizer que temos, então, um sujeito da razão inconsciente. “Descartes parte do pensamento e chega na existência; Freud parte do pensamento inconsciente e chega no desejo” (Quinet, 2000).

16.1 O véu do desejo em Lacan

“Sobre o véu pinta-se a ausência” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 158).

O véu vela a ausência e pode ser, ele mesmo, o lugar dessa ausência. Ou melhor: lugar do desejo, lugar em que se pode estampar essa imagem capturada – o véu torna-se tela ao pintar-se nele a ausência. O véu é de tal importância para o sujeito, que Lacan questiona: “Por que o véu é mais precioso para o homem que a realidade?” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 160). Ora, essa imagem pintada sobre o véu

é uma parada na cadeia metonímica do desejo. À medida que se consegue pintar essa imagem, ela não é mais a imagem desejada e a cadeia continua parando, vez ou outra, em imagens.

Cada imagem representada é vista, por um breve momento, como realidade para o sujeito. Porém nunca há satisfação completa, o desejo nunca pode ser satisfeito, ele desliza por entre as mãos e a busca recomeça. Para que o sujeito não se canse de buscar, ele recebe, a cada imagem, uma pequena dose de satisfação, mas nunca toda a satisfação que procura.

O desejo fala através dessa máscara. Ao mesmo tempo, a máscara, a imagem, não se sustenta sozinha em si mesma, é necessário que ela seja apresentada como significante para que represente algo.

O véu é algo que se localiza sempre entre o sujeito e o objeto. Não é sobre o véu que repousa o desejo, mas em algo que está para além deste véu. O véu tem sua importância, pois tende a realizar como imagem aquilo que ele vela. Ao olhar-se para o véu, não é o véu que interessa, e sim aquilo que o véu cobre, sempre parcialmente. Quando se olha nessa direção, o que é visto não é o véu nem o objeto por detrás do véu, porém uma outra coisa, uma coisa imaginada. O objeto velado não é o objeto em si, é um objeto ilusório, valorizado justamente por ser ilusório. Ele é aquilo que se imagina do objeto na medida em que o objeto está parcialmente encoberto e não pode ser plenamente visto.

O que o desejo busca é o reconhecimento e existem várias vias para esse reconhecimento: o sintoma, os sonhos, ou seja, formas nas quais o desejo se reveste com a máscara. O desejo fala através dessa máscara, ao mesmo tempo, a máscara, a imagem, não se sustenta sozinha em si mesma, é necessário que ela seja apresentada como significante para que represente algo. É assim que percebemos que o desejo é articulado, “ligado à presença do significante no homem” (Lacan, 1957-1958/ 1999, p. 341), mas ele não pode ser completamente articulável, ele escapa a qualquer articulação significante, é irredutível e informulável, pois está “para-além do verbo” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 341).

O desejo é inapreensível e irredutível pois ele é metonímico; quando parece estar próximo de atingir o seu alvo, ele já se modificou, deslizou, já é desejo de uma

outra coisa. Por isso podemos dizer que, no desejo, o importante não é aquilo que se deseja, mas o próprio desejo enquanto desejo de ser reconhecido.

16.2 O desejo a partir da música “O Querer”, de Caetano Veloso.

“O Querer”, de Caetano Veloso, é uma música do disco *Velô*, de 1984. A palavra Querer é, ao mesmo tempo, transformada em substantivo (“O querer”) e em Verbo (“Querer”). E, como verbo, nos é apresentada, simultaneamente, como o infinitivo “querer” e a conjugação do verbo a um “eu” (quero) e um “tu” (queres).

Tantas formas de jogar com uma palavra, já no título da música, nos aponta o quanto o tema desta mesma música é próprio para o jogo, afinal o tema é o desejo.

O primeiro jogo sobre o desejo é a luta do desejo contra o próprio desejo: Lacan nos lembra que, de modo paradoxal, o desejo é também uma defesa contra o desejo, de tal modo que o desejo, mesmo quando encontra objetos provisórios para estacionar, isso não o acalma ou satisfaz.

Outro jogo sobre o desejo é a constatação de que o jogo nunca chega ao fim: o desejo sempre permanece insatisfeito, pois não há um objeto que consiga, de fato, aprisioná-lo. O jogo não cessa, pois o objeto sempre desloca: O objeto “nunca é definitivamente o derradeiro objeto pois [...] não pode alcançar sua complementaridade perfeita no plano do desejo” (Lacan, 1954-1955/1999).

Se o desejo não se pacifica da sua relação com o objeto, nos resta constatar que: “O desejo tem um caráter radicalmente rasgado” (Lacan, 1954-1955/1999). A música de Caetano Veloso (1984) permite formar inúmeros jogos de linguagem:

*“E onde a pura natura, o inseticídio
E onde queres um canto, o mundo inteiro
Onde queres quaresma, Fevereiro”*
(Veloso, 1984).

Da música podemos apontar, ainda, para a relação entre o desejo e a constituição do sujeito com os jogos de palavra “querer” e “sou”:

*“Onde queres família, sou maluco
Onde queres Leblon, sou Pernambuco
E onde queres eunuco, garanhão
E onde queres ternura, eu sou tesão”*

E onde buscas o anjo, sou mulher
(Veloso, 1984).

Por fim, constata-se o não fim do desejo, pois o desejo não pode ser completamente articulável, e escapa a qualquer articulação significante. O desejo é irredutível e informulável, pois está “para-além do verbo” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 341).

*“O quereres e o estares sempre a fim
Infinitivamente pessoal
Do querer que há e do que não há em mim”*
(Veloso, 1984).

Conceito em Freud	Conceito em Lacan
<p>Desejo compreendido como busca pelo prazer: “O aparato psíquico obedeceu primeiramente ao afã de manter-se o mais possível isento de estímulos [...]. A excitação imposta pela necessidade interior buscará uma drenagem na motilidade [...] (no caso da criança, pelo cuidado alheio), se dá a experiência da vivência de satisfação que cancela o estímulo interno. Na próxima vez que esta última sobrevenha, devido ao enlace assim estabelecido, suscitará uma moção psíquica que quererá [...] restabelecer a situação da satisfação primeira. Uma moção dessa índole é o que chamamos desejo, a reaparição da percepção é o cumprimento do desejo [...] a uma corrente ... que arranca [o aparato psíquico] do desprazer e aponta ao prazer, chamamos desejo” (Freud, 1900/2019).</p>	<p>“O mundo freudiano não é um mundo das coisas, não é um mundo do ser, é um mundo do desejo como tal” (Lacan, 1954-1955/1986, p. 280).</p>
<p>O desejo como motor: “[...] nada senão o desejo pode colocar nosso aparelho anímico em ação” (Freud, 1900/2019).</p>	<p>“O desejo do homem é o desejo do Outro” (Lacan, 1964/1998).</p>
<p>“É possível demonstrar que todos os desejos, pulsões, modos de reação e atitudes da criança estão ainda presentes na pessoa adulta, e, em circunstâncias apropriadas, podem novamente se evidenciar. Eles não se acham destruídos, mas apenas recobertos” (Freud, 1913/2017).</p>	<p>“Como desejo do Outro que o desejo do homem ganha forma” (Lacan, 1960/1998).</p> <p>O desejo do sujeito é de ter o próprio desejo reconhecido. Exatamente por isso, desde o início, “o desejo do homem se aliena no desejo do outro” (Lacan, 1998, p. 345).</p> <p>O desejo de um sujeito sempre encontra sentido no desejo do outro, “não tanto porque o outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro” (Lacan, 1998, p. 269).</p>

17. Amor

Amor é um importante conceito nas obras de Freud e de Lacan. Começamos a defini-lo com a citação: “O que faz o vínculo é o amor” (Lacan, 1957-1958/1999). Mas a que o amor se vincula? O que o amor quer? “O amor demanda o amor. Ele não deixa de demandá-lo. Ele o demanda mais ... ainda. Mais, ainda, é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda do amor” (Lacan, 1954-1955/1999).

Na obra de Lacan toda a compreensão do conceito de amor gira, portanto, em torno da elaboração de que “Amar é dar o que não se tem” (Lacan, 1957-1958/1999). Essa formulação surge da nossa primeira relação amorosa, em que o que a mãe dá para a criança, durante o primeiro tempo do sujeito, é considerado um objeto de dom, ou seja, aquilo que se dá de forma gratuita, na medida em que, por detrás do que se dá, existe tudo o que lhe falta, “é o que o sujeito sacrifica para além de tudo que tem” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 143).

Trata-se de uma relação em que o que se quer não é um bem possível. Resta, então, querer “o nada”, justamente porque isso é o que não se tem. Lacan (1957-1958/1999, p. 143) diz, portanto, que amar não é dar o que se tem, mas sempre dar o que não se tem e adverte: “nada por nada é o princípio da troca”.

Na infância, por exemplo, ocorre que se, por um lado, o amor da criança por sua mãe, enquanto objeto, é ilimitado, por outro, ele exige tudo. E não há demanda maior de amor do que a que exige algo que ultrapasse os limites do objeto amado. O amor está, portanto, para além do objeto, “é para além dessa escolha que está o que é sempre visado no amor, a saber, não o objeto legal, nem o objeto de satisfação, mas o ser, isto é, o objeto capturado naquilo que lhe falta” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 218).

Por essa origem, de um objeto impossível (perdido), é que no amor permaneceremos sempre insatisfeitos, incompletos e faltosos.

Então por que insistimos em amar? Simplesmente porque, embora amar não complete ninguém, poderemos, ao menos, numa relação amorosa, sustentar e receber, na e da pessoa amada, um pouco das nossas faltas.

Insistimos em amar, pois segundo Freud (1930/2020): “Nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor”.

Lacan (1956-1957/1995, p. 143), quando introduziu o dom como “fórmula da pura gratuidade”, tinha o propósito de enfatizar que, no amor, o que se quer não é um bem possível, mas algo que só tenha valor como um signo de amor, ou seja, algo que ultrapassa o possível de ser dado, o nada, pois isso não se tem. Lacan diz, portanto, que amar não é dar o que se tem, mas sempre dar o que não se tem (p. 153). Adverte: “nada por nada é o princípio da troca” (p. 143). Então, sob tal perspectiva, o que a mãe dá para a criança, durante o primeiro tempo do sujeito, é considerado um objeto de dom, ou seja, aquilo que se dá de forma gratuita, na medida em que, por detrás do que se dá, existe tudo o que lhe falta, “é o que o sujeito sacrifica para além de tudo que tem” (p. 143).

Temos, portanto, que considerar a existência de uma relação entre o amor ilimitado e o dom, um signo de amor. O amor é uma demanda de nada, ou seja, é uma demanda de algo que só tem valor como signo. Ocorre que se, por um lado, o amor da criança por sua mãe, enquanto objeto, é ilimitado, por outro, ele exige tudo. E não há demanda maior de amor do que a que exige, a que demanda algo que ultrapasse os limites do objeto amado. Exige-se algo para além do objeto amado, deseja-se não tudo o que aquele objeto tem, mas tudo o que ele não tem. “Não existe maior dom possível, maior signo de amor que o dom daquilo que não se tem” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 142).

Mas o amor está para além do objeto, “é para além dessa escolha que está o que é sempre visado no amor, a saber, não o objeto legal, nem o objeto de satisfação, mas o ser, isto é, o objeto capturado naquilo que lhe falta” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 218).

A demanda de amor comporta em si mesma um caráter absoluto e visa o infinito. No amor permaneceremos sempre insatisfeitos, incompletos e faltosos. Amar não completa ninguém mas, numa relação amorosa, os amantes podem sustentar, um no outro, suas faltas. Por isso Clarice Lispector (1969/2017) define que “Amar é dar ao outro a própria solidão?”. Mas, apesar do impossível do amor,

ele pode ser bordejado por palavras, por isso, Miller (1998) nos alerta que “para amar é preciso falar; o amor é inconcebível sem a palavra, justamente porque amar é dar o que não se tem, e não se pode dar o que não se tem senão falando, porque, falando, damos nossa falta-a-ser”.

17.1 Amor não é o mesmo que Paixão

A paixão é, antes de mais nada, destruição. A paixão é uma forma de desintegração.

*“Os amantes se amam cruelmente
e com se amarem tanto não se vêem”*
(Drummond de Andrade, 1998).

Amamos para existir, deixamos de existir ao nos apaixonar.

*“Deixaram de existir, mas o existido
continua a doer eternamente”*
(Drummond de Andrade, 1998).

De acordo com Lacan, a paixão é a mola propulsora do enganchamento no significante do Outro. “A *falta-a-ser* dá substância ao neurótico e por isso se converte em sua paixão” (Lacan, 1960-1961/1992).

Para Lacan, o interesse do eu é uma paixão cuja natureza já fora vislumbrada pela linhagem dos moralistas, onde era chamada de amor-próprio, mas da qual somente a investigação psicanalítica soube analisar a dinâmica em sua relação com a imagem do próprio corpo.

Essa paixão introduz em toda relação com essa imagem, constantemente representada por meu semelhante, uma significação que me interessa tanto, isto é, que me faz ficar numa tal dependência dessa imagem, que acaba por ligar ao desejo do outro todos os objetos de meus desejos, mais estreitamente do que ao desejo que eles suscitam em mim (Lacan, 1955/1998, p. 428).

Trata-se dos objetos como aquilo cujo aparecimento esperamos num espaço estruturado pela visão, ou seja, dos objetos característicos do mundo humano.

Quanto ao conhecimento de que depende o desejo desses objetos, os homens estão longe de confirmar a locução que pretende que eles não enxerguem um palmo adiante do nariz, pois a desgraça deles, muito pelo contrário, é que é na ponta do nariz que começa seu mundo, e que neste eles só podem apreender seu desejo pela mesma intermediação que lhes permite ver seu próprio nariz, isto é, mediante algum espelho. Mal discernido esse nariz, porém, os homens se apaixonam por ele, e essa é a primeira significação pela qual o narcisismo envelopa as formas do desejo (Lacan, 1955/1998, p. 428).

Freud observa que, na guerra, “os povos parecem obedecer muito mais a suas paixões do que a seus interesses [...] utilizam-se dos interesses para racionalizar as paixões; colocam à frente os interesses para justificar a satisfação das paixões” (Freud, 1914/2010). E acrescenta: “Duas pessoas que se juntam [...]. Quanto mais apaixonadas, mais inteiramente se bastam” (Freud, 1921/2011).

Lacan (1960-1961/1992) conclui que a paixão se apresenta “como temível, horrível, maléfico, trágico”. A paixão, a partir do poema “Destruição”, de Carlos Drummond de Andrade, nos dá um belíssimo material para tal elaboração.

A palavra que nomeia o poema, destruição, é a palavra que melhor define esta outra: paixão. Utilizamos paixão para as declarações mais intensas: aos nossos mais estimados objetos, aos clubes de futebol, às ideias e até a outras pessoas.

Entretanto, percebemos que, justamente por serem os maiores sentimentos, regularmente escapam dos limites civilizatórios e acabam chegando não mais à declaração de um afeto, mas à destruição do objeto tomado em paixão.

Por isso Lacan criou um interessante vocábulo para definir a paixão: “amódio”. Ressaltando o que há de “*pathos*”, patológico na paixão por evidenciar a pulsão de morte como base do amor. “É aí que a análise nos incita a esse lembrete de que não se conhece nenhum amor sem ódio” (Lacan, 1954-1955/1999).

No lugar de paixão, destruição. Pois a construção desse tipo de investimento amoroso tão intenso conduzirá o amante e o objeto amado a um processo de integração e desintegração. Drummond de Andrade, portanto, inicia apontando que o amor se torna cruel pelo que reflete: o espelho que os impede de ver. Há uma

fusão entre um e outro amante que nos remete ao mito de Narciso (“refletido”). No poema, os amantes “com se amarem tanto não se vêem” e, de tanto se verem, se tornam incapazes de se verem e acabam se destruindo.

Vamos ao poema:

Destruição

*Os amantes se amam cruelmente
e com se amarem tanto não se vêem:
Um se beija no outro, reflectido.
Dois amantes que são? Dois inimigos.
Amantes são meninos estragados
pelo mimo de amar: e não percebem
quanto se pulverizam no enlaçar-se,
e como o que era mundo volve a nada.
Nada, ninguém. Amor, puro fantasma
que os passeia de leve, assim a cobra
se imprime na lembrança de seu trilho.
E eles quedam mordidos para sempre.
Deixaram de existir, mas o existido
continua a doer eternamente”.*

(Carlos Drummond de Andrade, 1998).

Em Freud	Em Lacan
<p>As relações amorosas são marcadas pela “substituição sucessiva em uma série interminável, e isso, justamente, porque em cada substituto encontra-se menos do que a satisfação esperada” (Freud, 1910/2013, p. 163).</p> <p>“Nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor” (Freud, 1930).</p> <p>“No auge de uma relação amorosa não há interesse algum pelo resto do mundo” (Freud, 1930).</p> <p>“Alguém que ama perdeu, por assim dizer, uma parte de seu narcisismo, e apenas sendo amado pode reavê-la” (Freud, 1914/1996).</p> <p>“O amar admite não apenas uma, mas três oposições. Além da oposição amor-ódio, existe a de amar-ser amado, e amor e ódio, tomados conjuntamente, opõem-se ao estado de indiferença ou insensibilidade” (Freud, 1914/1996, p. 52).</p> <p>“As pulsões amorosas são difíceis de educar. [...] Aquilo que a cultura pretende fazer delas não parece atingível sem considerável perda de prazer” (Freud, 1912).</p> <p>“Quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar. Buscam objetos que não necessitam amar, a fim de manter sua sensualidade longe dos objetos amados, e o estranho fracasso da impotência psíquica surge, conforme as leis da “sensibilidade do complexo” (Freud, 1912).</p> <p>Na vida amorosa, não ser amado rebaixa o amor-próprio, enquanto ser amado o eleva. Como afirmamos, ser amado representa o objetivo e a satisfação na escolha narcísica de objeto (Freud, 1914/1996).</p> <p>“A percepção da impotência, da própria incapacidade para amar, devido a distúrbios psíquicos ou físicos, tem efeito altamente rebaixador no amor-próprio” (Freud, 1914/1996).</p> <p>“Onde a satisfação narcísica depara com obstáculos reais, o ideal do Eu pode ser usado para a satisfação substitutiva. Então a pessoa ama, em conformidade com o tipo da escolha narcísica de objeto, aquilo que já foi e que perdeu, ou o que possui os méritos que jamais teve. A fórmula paralela à de cima é: aquilo que possui o mérito que falta ao Eu para torná-lo ideal é amado” (Freud, 1914/1996).</p>	<p>Lacan (1956-1957/1995, p. 143) introduz o dom como “fórmula da pura gratuidade”.</p> <p>“Nada por nada é o princípio da troca” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 143). Então, sob tal perspectiva, o que a mãe dá para a criança, durante o primeiro tempo do sujeito, é considerado um objeto de dom, ou seja, aquilo que se dá de forma gratuita, na medida em que, por detrás do que se dá, existe tudo o que lhe falta, “é o que o sujeito sacrifica para além de tudo que tem” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 143).</p> <p>“Não existe maior dom possível, maior signo de amor que o dom daquilo que não se tem” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 142).</p> <p>“O que faz o vínculo é o amor” (Lacan, 1957-1958/1999).</p> <p>Mas o amor está para além do objeto, “é para além dessa escolha que está o que é sempre visado no amor, a saber, não o objeto legal, nem o objeto de satisfação, mas o ser, isto é, o objeto capturado naquilo que lhe falta” (Lacan, 1956-1957, 1995, p. 218).</p> <p>A demanda de amor comporta em si mesma um caráter absoluto e visa o infinito.</p> <p>“Para amar é preciso falar; o amor é inconcebível sem a palavra, justamente porque amar é dar o que não se tem, e não se pode dar o que não se tem senão falando, porque, falando, damos nossa falta-a-ser” (Miller, 1998).</p> <p>No amor permaneceremos sempre insatisfeitos, incompletos e faltosos. Amar não completa ninguém mas, numa relação amorosa, os amantes podem sustentar, um no outro, suas faltas.</p> <p>“Amar é dar ao outro a própria solidão?” (Lispector, 1969/2017).</p> <p>“Amar é dar o que não se tem” (Lacan, 1957-1958/1999).</p>

18. Demanda

O conceito de demanda surge na obra de Lacan. Não o encontramos na obra de Freud, embora podemos buscar seus elementos fundadores na obra freudiana. Para Lacan, a demanda é a expressão, pela via da linguagem, de um desejo com a finalidade de conseguir, mesmo que parcialmente, alguma satisfação.

O desejo, incondicional e ilimitado, não possui palavras que o consigam dizer, resta controlá-lo. Esse contorno Lacan chamou de “usar a lábia”. Com a demanda se diz uma coisa enquanto se quer outra, pois a que se quer, não pode ser dita. Podemos dizer, portanto, que a demanda é uma espécie de filtro do desejo que imputa a este uma perda, mas não a enorme redução da necessidade.

A necessidade já passou pelo filtro da demanda no plano da incondicionalidade, [...] e encontraremos, mais além, a margem do que foi perdido nessa demanda. O que encontramos nesse mais além é, precisamente, o caráter de condição absoluta que se apresenta no desejo como tal (Lacan, 1957-1958/1999).

O psicanalista francês observa que “o desejo apresenta-se como aquilo que, na demanda de amor, é rebelde a qualquer redução a uma necessidade” (Lacan, 1957-1958/1999), porque, na realidade, não satisfaz a nada senão a ele mesmo, ou seja, ao desejo como condição absoluta. O desejo é definido por uma defasagem essencial em relação a tudo o que é, pura e simplesmente, da ordem da direção imaginária da necessidade – necessidade que a demanda introduz numa ordem outra, a ordem simbólica, com tudo o que ela pode introduzir aqui de perturbações.

De acordo com Lacan, demanda é aquilo que, a partir de uma necessidade, passa por meio do significante dirigido ao Outro. Com a demanda, o Outro autentica, assume, homologa, aproxima o Sujeito de si e começa, finalmente, a reconhecê-lo como Sujeito desejante. “O amor demanda o amor. Ele não deixa de demandá-lo. Ele o demanda mais ... ainda. Mais, ainda, é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda do amor” (Lacan, 1972-1973/1985).

A demanda é algo que o Outro possa, ao recebê-la, atendê-la ou recusá-la. A possibilidade de se opor à demanda permite a demanda se sustentar como demanda.

18.1 A relação entre necessidade, desejo, demanda e amor

Iniciando com a necessidade, tudo começa com a “libra de carne” que nasce: o bebê. Ao nascer ele tem fome, frio, dor. São necessidades biológicas. Mas no campo do humano não há necessidade biológica que baste em si mesma. Assim que a necessidade é satisfeita, abre-se o abismo da insatisfação.

Se no primeiro momento o choro advinha da necessidade, num segundo momento o choro já ultrapassou essa finalidade. O choro se torna um apelo a quem cuida. Chamamos este que cuida de Outro.

Finalmente essa necessidade, que se tornou apelo, agora se tornará demanda de amor. Tanto as necessidades biológicas quanto a demanda de amor são endereçadas ao Outro. Esta demanda jamais poderá ser completamente atendida, restando se reinventar, repetidas vezes, em forma de novas demandas.

O que começou como necessidade irá se chamar demanda quando, pela via da linguagem, se constituir em uma mensagem evocada ao Outro. Tanto o desejo quanto a demanda advém da necessidade, sendo que o desejo é a necessidade tomada pela via imaginária enquanto a demanda é a necessidade tomada pela via simbólica.

No início de tudo, trata-se da libra de carne com suas necessidades que serão interpretadas como evocação, como uma mensagem a ser capturada por aquele que decidir ocupar, a partir deste momento, o lugar de Outro primordial. “A instituição do Outro coexiste assim com a consumação da mensagem. Ambos se determinam ao mesmo tempo, um como mensagem, o outro como Outro” (Lacan, 1957-1958/1999).

Primitivamente, a criança, em sua impotência, constata depender inteiramente da demanda; isto é, da fala ao Outro. Este primeiro encontro entre a mensagem e o Outro vai tecendo um texto pela via simbólica, e o que era antes somente corpo biológico vai se transformando em corpo-linguagem de um sujeito falante; ou seja, um sujeito desejante. “Para exprimir o desejo, como a sabedoria popular sabe muito bem, só existe a lábia. [...] Mas, também, por experiência, o pedinte não tem o hábito de apresentar sua demanda assim, inteiramente nua” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 396).

18.2. Demanda deve ser recebida, não necessariamente atendida

Entende-se que a demanda é feita para ser recebida, não para ser atendida. “Se a demanda é atendida, o objeto passa a segundo plano. Se a demanda não é atendida, o objeto se evanesce igualmente. Só que existe uma diferença. Se a demanda não é atendida, o objeto muda de significação” (Lacan, 1956-1957/1995).

A demanda, pelo simples fato de se articular como demanda, coloca expressamente o Outro, mesmo que não demande isso, como ausente ou presente, e como dando ou não essa presença. “Ou seja, a demanda, no fundo, é uma demanda de amor – demanda daquilo que não é nada, nenhuma satisfação particular, demanda do que o sujeito introduz por sua pura e simples resposta à demanda” (Lacan, 1957-1958/1999).

Se a introdução da demanda comporta alguma perda em relação à necessidade, seja sob que forma for, deve o que é assim perdido ser reencontrado para além da demanda? “É claro que, se isso tem de ser reencontrado para além da demanda, isto é, para além do que é trazido de distorção à necessidade pela dimensão da demanda, é na medida em que, nesse para-além, devemos encontrar alguma coisa em que o Outro perde sua prevalência e em que a necessidade, como algo que parte do sujeito, retoma o primeiro lugar” (Lacan, 1957-1958/1999).

No entanto, uma vez que a necessidade já passou pelo filtro da demanda no plano da incondicionalidade, é somente a título de uma segunda negação, por assim dizer, que encontraremos, mais além, a margem do que foi perdido nessa demanda. O que encontramos nesse mais além é, precisamente, o caráter de condição absoluta que se apresenta no desejo como tal.

O desejo apresenta-se como aquilo que, na demanda de amor, é rebelde a qualquer redução a uma necessidade, porque, na realidade, não satisfaz a nada senão a ele mesmo, ou seja, ao desejo como condição absoluta. Mas também, por experiência, o sujeito sabe muito bem com que está lidando no espírito do Outro, e é por isso que disfarça sua demanda. A demanda do sujeito não tem nada de confiante.

O sujeito inventará a demanda mascarada de necessidade pois sabe que é assim que o Outro funciona. Irá dirigir-se de uma certa maneira aos representantes do Outro, mãe, pai, diretora de escola ou gerente do banco, alegando uma necessidade para que alcance, de contrabando, sua demanda.

19. Desamparo

O desamparo é a nossa primeira e mais antiga cicatriz. Todas as relações amorosas guardam sempre uma cota de desamparo e dependência das quais o sujeito nunca se liberta completamente. O desamparo é, portanto, o inevitável desdobramento de uma relação amorosa marcada pela dependência. O desamparo explicita ao sujeito a dimensão mais frágil e precária do mundo ordenado simbolicamente, justamente porque aponta para aquilo que escapa, que resta, que não pode ser assimilado pela linguagem.

O desamparo (*Hilflosigkeit*) está na origem da nossa história. Começa na necessidade mais radical do bebê que acaba de nascer e precisa que alguém lhe permita sobreviver através da oferta de cuidado. Entretanto o desamparo não se restringe à ordem da necessidade uma vez que esta se transformará em desejo e, consequentemente, em demanda.

Desse modo, o desamparo se descola de qualquer limite biológico e se torna parte da constituição do sujeito. Essa marca inicial da nossa vida vai se imprimir de modo singular na história de cada um, sendo que, na origem de tudo, reconhecemos como marca inicial a relação de dependência com quem cuida, o Outro materno.

No *Hilflosigkeit*, o desamparo, o sujeito é pura e simplesmente transtornado, ultrapassado por uma situação eruptiva que não pode enfrentar de modo algum. Entre isso e empreender a fuga [...] existe uma outra solução, e é o que Freud nos indica sublinhando na angústia seu caráter de *Erwartung* (expectativa). Aí está a característica central. O fato de que possamos fazer dela, secundariamente, a razão de fugir é uma coisa, mas não é este o seu caráter essencial. Seu caráter essencial é o *Erwartung*, e é isso o que designa a vocês ao dizer-lhes que a angústia é modo radical sob o qual é mantida a relação com o desejo (Lacan, 1960-1961/1992).

De onde advém o desamparo? Da relação do Sujeito com o Outro, uma vez que a ilusão de que no Outro o sujeito poderia preencher sua falta não se sustenta. O desamparo é, portanto, inevitável mas, também, indispensável para que o sujeito busque seu lugar no mundo. Sem o desamparo o sujeito poderia permanecer numa relação de submissão e dependência radical ao Outro.

Quando começa e quando termina o desamparo? Podemos localizar o desamparo desde a constituição do sujeito até a sua morte, sendo que, durante todo

esse percurso, o desamparo irá imprimir marcas em cada um de seus laços sociais e acontecimentos. Para suportar o desamparo que marca as relações afetivas e sociais, o sujeito vai ao mundo com ilusões e fantasias que buscam recobrir, mesmo que de forma insuficiente, o seu desamparo.

Buscando superar o desamparo através dos laços sociais, movido pelo desejo “de proteção através do amor” (Freud, 1927/2012, p. 16), o que o sujeito encontra, paradoxalmente, é o mal-estar. O desamparo é “esta posição de estar sem recurso, mais primitiva que todas. [...] sem recurso diante de que [...] diante do desejo do Outro” (Lacan, 1958-1959/2016).

“É essa relação do desejo do sujeito, [...] diante do desejo do Outro que [...] o deixa sem recursos, é nesse drama da relação do desejo do sujeito com o desejo do Outro que se constitui uma estrutura essencial” (Lacan, 1958-1959/2016).

Conceito Em Freud	Conceito Em Lacan
<p>Buscando superar o desamparo através dos laços sociais, movido pelo desejo “de proteção através do amor” (Freud, 1927/2012, p. 16), o que o sujeito encontra, paradoxalmente, é o mal-estar.</p>	<p>O desamparo é “esta posição de estar sem recurso, mais primitiva que todas. [...] sem recurso diante de que? [...] diante do desejo do Outro” (Lacan, 1958-1959/2016).</p> <p>“É essa relação do desejo do sujeito, [...] diante do desejo do Outro que [...] o deixa sem recursos, é nesse drama da relação do desejo do sujeito com o desejo do Outro que se constitui uma estrutura essencial” (Lacan, 1958-1959/2016).</p> <p>“No <i>Hilflosigkeit</i>, o desamparo, o sujeito é pura e simplesmente transtornado, ultrapassado por uma situação eruptiva que não pode enfrentar de modo algum. Entre isso e empreender a fuga [...] existe uma outra solução, e é o que Freud nos indica sublinhando na angústia seu caráter de <i>Erwartung</i> (expectativa). Aí está a característica central. O fato de que possamos fazer dela, secundariamente, a razão de fugir é uma coisa, mas não é este o seu caráter essencial. Seu caráter essencial é o <i>Erwartung</i>, e é isso o que designo a vocês ao dizer-lhes que a angústia é modo radical sob o qual é mantida a relação com o desejo” (Lacan, 1960-1961/1992).</p>

20. Narcisismo

O termo narcisismo surge, na obra de Freud, em 1910. Em 1914, em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, o termo se tornou um conceito fundamental da psicanálise (Freud, 1914/2010). Freud elabora o narcisismo em dois momentos da nossa vida.

1. Narcisismo Primário: No momento inicial da nossa existência, o narcisismo está presente com a nomeação de narcisismo primário, em que a criança suga sua própria boca, ou seja, o narcisismo primário tem a marca do investimento libidinal autoerótico, sem objetos externos. Podemos dizer que, durante este breve intervalo inicial de vida, experimentamos a nós mesmos como único objeto de amor. Esse breve momento é anterior à constituição do eu e dura até o instante em que o bebê se depara com sua própria imagem (no estágio do espelho), o que abrirá sua experiência para objetos externos ao seu próprio corpo.

2. Narcisismo Secundário: “Após a fase puramente narcisista dar lugar à fase objetal, o prazer e o desprazer significam relações do Eu com o objeto” (Freud, 1914/2010). Com a introdução de objetos externos, o investimento libidinal sofre uma mudança irreparável, passa a ser ambivalente, marcado não somente por amor, mas agora também pela possibilidade de odiar: “Quando o objeto entra no estágio do narcisismo primário, chega-se à formação da segunda antítese do amar, o odiar” (Freud, 1914/2010). Após o estágio do espelho, com a participação de objetos externos, encontramos o narcisismo secundário, chamado por Freud de narcisismo do eu. A partir do narcisismo, o sujeito irá estabelecer suas formas de amar e seus investimentos libidinais. A partir do amor a si, abre o modelo de amar para além do próprio nariz: “É na ponta do nariz que começa seu mundo, [...] isto é, mediante algum espelho. Mal discernido esse nariz, porém, os homens se apaixonam por ele, e essa é a primeira significação pela qual o narcisismo envelopa as formas do desejo” (Lacan, 1955/1998, p. 428).

O conceito de narcisismo de Freud foi apresentado na obra de Lacan a partir, inicialmente, do Estágio do Espelho (acontecimento que permitirá ao sujeito construir a imagem de uma unidade com a qual ele poderá investir em objetos externos ao seu corpo).

Amar a si mesmo caracteriza o narcisismo e, ao mesmo tempo, amar ao outro estabelece limites para o narcisismo. “O amor, em sua essência, é narcísico” (Lacan, 1972-1973/1985). A posição narcísica do sujeito regularmente se ocupa mais com ser amado do que com amar, entretanto, Freud nos alerta que somente “o amor refreia o narcisismo” (Freud, 1921/2011, p. 86). “Ser amado representa o objetivo e a satisfação na escolha narcísica de objeto” (Freud, 1914/2010).

Em seus escritos, Lacan observa que o narcisismo impõe sua estrutura a todos os seus desejos, mesmo os mais elevados. Entre a “meta ativa do amar ou da meta passiva do ser amado, a segunda se aproxima mais do narcisismo” (Freud, 1914/2010). De acordo com Freud (1914/2010), o único limite ao narcisismo se dá “pela ligação libidinal a outras pessoas. O amor a si encontra limite apenas no amor ao outro”.

20.1 Narcisismo e a pulsão escópica

Habituamo-nos a chamar de narcisismo, sem antes colocarmos em discussão a relação entre o autoerotismo e o narcisismo, a fase inicial do desenvolvimento do Eu, durante a qual suas pulsões sexuais se satisfazem de modo autoerótico. Temos que dizer, quanto à fase preliminar da pulsão de olhar, na qual o prazer de olhar tem o próprio corpo como objeto, que ela pertence ao narcisismo, que seria uma formação narcísica. Dessa fase se desenvolveria a pulsão ativa de olhar, à medida que se abandona o narcisismo, ainda que a pulsão passiva de olhar conserve o objeto narcísico (Freud, 1914/2010).

20.2 Narcisismo e amor

Segundo Freud, amar a si mesmo caracteriza o narcisismo. Conforme o objeto ou o sujeito seja trocado por outro, manifesta-se a aspiração da meta ativa do amar ou da meta passiva do ser amado, das quais a segunda se aproxima mais do narcisismo.

Há uma situação psíquica primordial na qual duas delas coincidem. O Eu se encontra originalmente, bem no início da vida anímica, pulsionalmente ocupado, estando, em certa medida, em condições de satisfazer suas pulsões em si mesmo. Denominamos essa condição de narcisismo, e tal possibilidade de obter satisfação, de autoerótica. Nesse momento, o mundo exterior não está ocupado com interesse (falando de modo geral), sendo indiferente à satisfação. Portanto, nesse momento, o sujeito-Eu coincide com o que é prazeroso, e o mundo externo coincide com o que é indiferente (eventualmente, como fonte estimuladora, com o desprazeroso). Se definirmos em princípio o amar como a relação do Eu com suas

fontes de prazer, a situação na qual o Eu ama apenas a si próprio, e é indiferente ao mundo, ilustra a primeira das oposições que encontramos para o “amar” (Freud, 1914/2010).

20.3 Narcisismo do bebê e o amor dos pais

O narcisismo primário que supomos na criança, que contém uma das premissas de nossas teorias sobre a libido, pode ser mais facilmente confirmado por inferência retrospectiva de um outro ponto do que apreendido por observação direta. Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado. Como todos sabem, a nítida marca da super-estimação, que já na escolha de objeto apreciamos como estigma narcísico, domina essa relação afetiva. Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições – que um observador neutro nelas não encontraria – e a ocultar e esquecer todos os defeitos, algo que se relaciona, aliás, com a negação da sexualidade infantil. Mas também se verifica a tendência a suspender, face à criança, todas as conquistas culturais que o seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e a nela renovar as exigências de privilégios há muito renunciados. As coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida. Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será centro e âmago da Criação. *His majesty the baby*, como um dia pensamos de nós mesmos. Ela deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe. No ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança. O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora (Freud, 1914/2010).

20.4 Narcisismo e amor-próprio

O amor-próprio nos aparece de imediato como expressão da grandeza do Eu, não sendo aqui relevante o caráter composto dessa grandeza. Tudo o que se tem ou que se alcançou, todo resíduo do primitivo sentimento de onipotência que a experiência confirmou, ajuda a aumentar o amor-próprio.

Se introduzimos nossa distinção entre instintos sexuais e do Eu, temos de reconhecer para o amor-próprio uma dependência bem íntima da libido narcísica. Nisso nos apoiamos em dois fatos fundamentais: o de que nas parafrenias o amor-próprio é aumentado, nas neuroses de transferência é diminuído; e de que na vida amorosa não ser amado rebaixa o amor-próprio, enquanto ser amado o eleva. Como afirmamos, ser amado representa o objetivo e a satisfação na escolha narcísica de objeto (Freud, 1914/2010).

Freud observa que o investimento libidinal de objetos não aumenta o amor-próprio. Segundo o psicanalista, a dependência do objeto amado tem efeito rebaixador. Alguém que ama perdeu, por assim dizer, uma parte de seu narcisismo, e apenas sendo amado pode reavê-la. Em todos esses vínculos, o amor-próprio parece guardar relação com o elemento narcísico da vida amorosa.

A percepção da impotência, da própria incapacidade para amar, devido a distúrbios psíquicos ou físicos, tem efeito altamente rebaixador no amor-próprio. Aí devemos encontrar, na minha avaliação, uma das fontes do sentimento de inferioridade relatado espontaneamente pelos que sofrem de neurose de transferência. Mas a fonte principal desse sentimento é o empobrecimento do Eu que resulta dos enormes investimentos libidinais dele retirados, ou seja, o dano trazido ao Eu por tendências sexuais não mais sujeitas a controle (Freud, 1914/2010).

20.5 Lacan e o narcisismo

Para Lacan, o problema não é saber em que grau maior ou menor se elabora o narcisismo, concebido inicialmente como um autoerotismo imaginado e ideal, mas reconhecer qual a função do narcisismo original na constituição de um mundo objetal como tal. O psicanalista francês ressalta que são esses os objetos que Winnicott detém, os quais chama de transicionais.

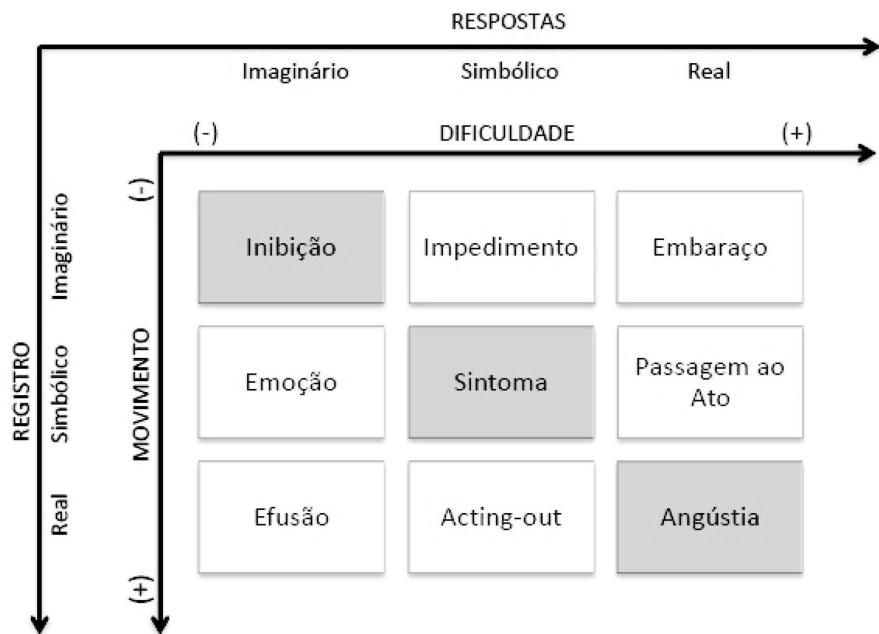
Sem eles, não teríamos testemunho algum da maneira como a criança poderia constituir um mundo a partir de suas frustrações. É claro que a criança constitui um mundo, mas não se deve dizer que seja a propósito do objeto de seus desejos, de que ela foi frustrada na origem (Lacan, 1956-1957/1995).

20.6 Narcisismo e auto-erotismo

Lacan observa que o amor, em sua essência, é narcísico, e denuncia que a substância do pretenso objetal é resto, isto é, sua causa e esteio de sua insatisfação, se não da sua impossibilidade.

As sensações proprioceptivas da sucção e da preensão constituem, evidentemente, a base dessa ambivalência do vivenciado, que decorre da própria situação: o ser que absorve é todo absorvido, e o complexo arcaico encontra correspondência no abraço materno. Não falaremos aqui, com Freud, em auto-erotismo, uma vez que o eu não é constituído nem de narcisismo, já que não existe uma imagem do eu, nem muito menos de erotismo oral (Lacan, 1938-2003, p. 38).

21. Esquema da angústia



(Esquema proposto por Calazans, 2015)

As elaborações de Freud sobre os três conceitos, inibição, sintoma e angústia, vão culminar no esquema da angústia (Lacan, 1962-1963/2005), que sintetiza as relações possíveis entre estes. Lacan retoma, neste esquema o texto freudiano em um sistema de coordenadas cartesianas no qual encontramos, num eixo, o movimento e, no outro, a dificuldade.

Nessa ordenação, constatamos que a angústia está no ponto máximo das dificuldades e do movimento, e a inibição está no ponto oposto ao da angústia no esquema. As localizações da inibição, do sintoma e da angústia têm o objetivo de demonstrar, graficamente, que existem graduações de respostas em relação à inibição, ao sintoma e à angústia. O esquema se completa com a introdução dos três registros: real, simbólico e imaginário (RSI). Os registros RSI podem impactar tanto do que causaria a inibição, o sintoma e a angústia (acontecimentos reais, simbólicos ou imaginários) quanto no modo em que estas aparecem como respostas (RSI) do sujeito.

Ao longo de todo o *Seminário 10* (da angústia), Lacan (1962-1963/2005) definirá, uma a uma, cada palavra do esquema, começando pela primeira coluna:

Tudo isso deve fazê-los sentir com clareza que as nuances ou versões linguísticas aqui evocadas servem para nos guiar a definir pela efusão o terceiro lugar no sentido do que significa a inibição na vertente do movimento, assim como, na vertente da dificuldade, destacamos a referência correspondente com o termo embaraço. A efusão é a perturbação, o perturbar-se como tal, o perturbar-se mais profundo na dimensão do movimento. O embaraço é o máximo da dificuldade atingida (Lacan, 1962-1963/2005).

22. Inibição

A psicanálise comprehende, desde Freud, a inibição como uma restrição normal de uma função do Eu. O Eu, que poderia correr, amar, comer, sair, trabalhar, estudar ou transar, se depara com tais funções inibidas, estagnadas, limitadas. “A inibição tem uma relação especial com a função e não significa necessariamente algo patológico, pode-se também chamar de inibição a restrição normal de uma função” (Freud, 1926/2014).

Diante disso, o sujeito se sente paralisado pois “na inibição, é da paralisação do movimento que se trata” (Lacan, 1962-1963/2005). A interrupção do movimento implica em um impossível da ação. Como sabemos, os verbos dizem respeito à ação. Na inibição, o sujeito se vê incapaz de conjugar tais verbos de ação. “O ato é uma ação na medida em que nele se manifesta o próprio desejo que seria feito para inibí-lo” (Lacan, 1962-1963/2005).

A inibição demarca a fronteira, o limite, a estagnação, ou seja, o ponto para além do qual o sujeito supõe que não se pode passar. “Na inibição, é da paralisação do movimento que se trata” (Lacan, 1962-1963/2005). O sujeito freia ou até paralisa determinadas funções do eu. O desejo está ali onde se apresenta a inibição que, por sua vez, funciona como uma rolha que bloqueia a manifestação do desejo. “O desejo deve ser situado ali [...] no nível da inibição. É por isso que o desejo pode assumir a função do que chamamos de uma defesa” (Lacan, 1962-1963/2005).

Entretanto, temos assistido, assustados, ao crescimento da patologização e medicalização da inibição. Ao invés de escutar e interpretar as inibições, e buscar localizar o desejo e a fantasia que está ali onde se apresenta a inibição, a sociedade tem se conduzido de modo inconsequente e impensado para a rápida conclusão que somente diagnósticos e medicação oferecem. Para cada função do Eu, a indústria farmacêutica tem, rapidamente, oferecido uma medicação.

Tem remédio pra dormir, mas também pra acordar, há remédio pra emagrecer mas também para engordar ou para ganhar massa muscular. Temos ainda medicação para estudar, transar, trabalhar, ter atenção... “Convidam-nos a reconhecer o lugar da inibição como o lugar em que, falando propriamente, o desejo se exerce [...]. A ocultação estrutural do desejo por trás da inibição [...] é que nos

instiga a pôr em jogo no mesmo lugar estes três termos, inibição, desejo e ato" (Lacan, 1962-1963/2005).

Nossa relação com o mundo é marcada por limites. "Constituídos esses limites, constitui-se, ao mesmo tempo, a possibilidade, pela fantasia ou pelo desejo, de uma transgressão desses limites" (Lacan, 1956-1957/1995). A inibição tem a função de frear ou paralisar o sujeito diante desses limites. "O que é a inibição senão a introdução numa função – em seu artigo, Freud toma como exemplo a função motora, mas pode ser qualquer uma –, a introdução de quê? De um desejo diferente daquele que a função satisfaz naturalmente" (Lacan, 1962-1963/2005).

Lacan reconhece o lugar da inibição como o lugar em que, propriamente, o desejo se exerce. Segundo o psicanalista francês, a ocultação estrutural do desejo por trás da inibição é que nos instiga a pôr em jogo no mesmo lugar estes três termos: inibição, desejo e ato. "O ato é uma ação na medida em que nele se manifesta o próprio desejo que seria feito para inibi-lo. É somente fundamentando a ideia de ato em sua relação com a inibição que se pode justificar que demos o nome de atos a coisas que, em princípio, não parecem se relacionar com o que podemos chamar de ato, no sentido pleno, ético, da palavra – o ato sexual, por um lado, ou o ato testamental, por outro" (Lacan, 1962-1963/2005).

Desse modo, a inibição só existe porque não somos livres para manifestar nossos desejos. A cultura impõe limites que nos levam a ocultar, na inibição, os atos que denunciariam os desejos inconscientes.

23.1 A inibição e o chiste

No Seminário 5, sobre as formações do inconsciente, Lacan (1957-1958/1999) nos apresenta uma interessante relação entre a inibição e o chiste. A piada, o chiste ou a tirada espirituosa dependem da inibição para obter o seu efeito. "Não é à toa que, na preparação de minha tirada espirituosa, evoco alguma coisa que tende, no Outro, a consolidá-lo numa certa direção" (Lacan, 1957-1958/1999).

A inibição demarca o caminho por onde passará o chiste e, portanto, o caminho da fala, “como mensagem ao Outro [...]. É o embaraço, o vazio, a falha da mensagem que é autenticado pelo Outro como chiste” (Lacan, 1957-1958/1999).

De acordo com Lacan (1957-1958/1999, p. 127), a *fachada do chiste* tem a função de desviar “a atenção do Outro do caminho por onde passará o chiste, fixa a inibição em algum lugar, a fim de deixar livre, num outro ponto, o caminho por onde passará a fala espirituosa”. Eis como mais ou menos se esquematizariam as coisas. Traça-se o caminho da fala, aqui condensada como mensagem ao Outro a quem é dirigida. É o embaraço, o vazio, a falha da mensagem que é autenticada pelo Outro como chiste, mas com isso restituído ao próprio sujeito, constituindo o complemento indispensável do desejo característico do chiste.

O ingênuo diz coisas inesperadas que denuncia que

não há inibição alguma em quem fala. É essa desinibição que nos permite transmitir ao outro a quem contamos a história, e que por sua vez já está fascinado com essa falta de inibição, a essência do chiste, ou seja, esse para-além que ele evoca. Aqui, na criança, nos casos que acabamos de evocar, o essencial não consiste na graça, mas na evocação daquele tempo da infância em que a relação com a linguagem é tão íntima que por isso nos evoca diretamente a relação da linguagem com o desejo que constitui a satisfação própria ao chiste (Lacan, 1957-1958/1999, p. 132).

O chiste tem a função tanto de remover uma inibição já existente quanto de evitar a produção de uma nova inibição. “A principal característica do trabalho do chiste: liberar prazer pela eliminação de inibições” (Freud, 1905/2017). Tanto para a produção quanto para a conservação de uma inibição psíquica se requer um “gasto psíquico”. Como observa Freud, com a aplicação do chiste se atinge prazer, e tal ganho de prazer corresponde ao gasto psíquico que foi poupar. “A função do humor consiste em remover inibições internas e tornar novamente férteis fontes de prazer que estas haviam tornado inacessíveis” (Freud, 1905/2017).

No chiste obsceno, que teve origem na piada de baixo calão, o terceiro indivíduo, que a princípio atrapalha a situação sexual, é transformado em um camarada que, seduzido pela partilha do ganho de prazer, faz com que a mulher tenha de sentir-se envergonhada. Na tendência agressiva, o chiste usa o mesmo recurso para transformar os ouvintes, a princípio indiferentes, em cúmplices do ódio

ou do desprezo, dando-se com isso ao inimigo um rebanho de opositores onde havia apenas um.

No primeiro caso ele supera as inibições da vergonha e da cordialidade com o prêmio em prazer que oferece; no segundo, em contrapartida, confunde novamente o juízo crítico que poderia ter decidido a disputa. No terceiro e no quarto casos, a serviço das tendências cínica e cética, abala fortemente o respeito pelas instituições e verdades em que o ouvinte acreditava – por um lado fortalecendo o argumento, mas por outro cultivando um novo tipo de ataque. Onde o argumento procura trazer a crítica do ouvinte para o seu lado, o chiste se esforça para deixar essa crítica de lado. Não há dúvida de que o chiste escolheu o caminho psicologicamente mais eficaz (Freud, 1905/2017).

24. Angústia

A angústia é um afeto semelhante ao experimentado nos primeiros tempos da infância, o desamparo infantil. O afeto experimentado pela angústia é, portanto, anterior ao recalque. Desse modo, a angústia não encontra significantes na linguagem para organizar, dar unidade ou limite.

A angústia é uma experiência afetiva semelhante ao estado de desamparo. Se o desamparo é nossa primeira e mais antiga cicatriz, anterior ao recalque, é dessa experiência que advirá a base para a angústia. “A angústia é, em primeiro lugar, algo que se sente. Nós a denominamos um estado afetivo. [...] Como sensação, ela tem caráter obviamente desprazeroso” (Freud, 1926/2014).

Lacan refuta a ideia de que a angústia seja uma emoção. Para o psicanalista francês, trata-se de um afeto. “O que eu disse sobre o afeto foi que ele não é recalcado. [...] O que é recalcado são os significantes que o amarram” (Lacan, 1962-1963/2005).

Segundo Freud, a angústia possui três aspectos fundamentais: 1) marcado por enorme desprazer; 2) manifestado por atos de descarga; 3) a constatação pelo sujeito tanto da experiência de desprazer quanto desses atos de descarga.

Já Lacan aponta que a angústia é a falta da falta ou, ainda, o excesso de presença, quando esta se impõe de forma tão maciça que não resta espaço para o sujeito advir.

O que provoca a angústia é tudo aquilo que nos anuncia, que nos permite entrever que voltaremos ao colo. Não é, ao contrário do que se diz, o ritmo nem a alternância da presença-ausência da mãe. [...] O que há de mais angustiante para a criança é, justamente, quando a relação com base na qual essa possibilidade se institui, pela falta que a transforma em desejo, é perturbada, e ela fica perturbada ao máximo quando não há possibilidade de falta, quando a mãe está o tempo todo nas costas dela, especialmente a lhe limpar a bunda, modelo da demanda, da demanda que não pode falhar (Lacan, 1962-1963/2005).

Para se proteger da angústia, o Eu aprendeu que poderia manter a angústia suspensa por algum tempo, fazendo uma amarração desta com a formação de sintomas. “A angústia é a reação à situação de perigo; dela é poupado o Eu ao fazer algo para evitar a situação ou subtrair-se a ela. [...] Os sintomas são criados para

evitar a situação de perigo que é sinalizada pelo desenvolvimento da angústia” (Freud, 1926/2014).

A angústia tem uma inconfundível relação com a expectativa: é angústia diante de algo. Mas o que é esse algo? “A angústia é a angústia ante um perigo que não conhecemos” (Freud, 1926/2014). Lacan observa que a angústia é um fenômeno de borda, um sinal que se produz no limite do Eu, quando este é ameaçado por alguma coisa que não deve aparecer.

“A angústia deve ser definida como o que não engana, precisamente na medida em que todo e qualquer objeto lhe escapa. A certeza da angústia é fundamentada, não ambígua” (Lacan, 1962-1963/2005).

Tomando a sequência “angústia-perigo-desamparo (trauma)”, Freud (1926/2014) propõe a elaboração do seguinte resumo: “A situação de perigo é a reconhecida, recordada, esperada situação de desamparo. A angústia é a original reação ao desamparo no trauma, que depois é reproduzida na situação de perigo como sinal para ajuda”.

Qual a relação entre angústia e desamparo? “A postura angustiada do Eu é sempre o elemento primário e instigador do recalque. A angústia não provém jamais da libido recalcada” (Freud, 1926/2014).

Como pensar a experiência da angústia na contemporaneidade? Percebemos que a grande ambição da contemporaneidade é, justamente, a possibilidade de não haver falta. Com as telas, o consumo, as redes etc, travamos uma busca por satisfações imediatas e constantes. Sem intervalos, ambivalência, ou seja, sem falta. Temos buscado afastar qualquer possibilidade de frustração, castração ou privação das nossas vidas, incluindo das crianças. A consequência disso? Mais e mais angústia.

Pois, como sabemos, o sujeito é efeito da linguagem e marcado pelo desejo. O desejo, para haver, precisa da falta. Então onde há a falta da falta, como fica o desejo? De que modo a análise pode com a angústia na contemporaneidade? Neste caso, a análise pode ajudar por meio dos significantes oferecidos ao sujeito após o recalque, construindo amarrações para a angústia e possibilitando ao tratamento analítico retomar a falta onde esta falta.

25. *Acting out*

O termo *agieren* é apresentado pela primeira vez por Freud (1905/2016) ao tratar do caso Dora. Freud afirma que Dora atuou em uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, ao invés de reproduzi-las no tratamento sob forma de lembrança verbalizada. Freud (1914/1996) retorna ao tema do *agieren* formulando-o como uma tendência a repetir em ato uma situação do passado que foi recalculada.

Trata-se de uma forma de recordação, na qual a memória retorna pela via de um impulso motor, e não pela via da palavra. O paciente repete o passado como se fosse atual, sem saber que está repetindo. O retorno do passado se dá na esfera da transferência, envolvendo, de certo modo, o analista.

Dizer que o *acting out* ocorre na esfera da neurose de transferência significa situá-lo como endereçado ao analista. Podemos considerar que o *acting out* é, sobretudo, uma mensagem por isso, possui endereçamento e se repete enquanto não encontra seu destinatário.

A resposta lacaniana é a de que o *acting* está articulado à transferência. O *acting out*, nos lembra Lacan (1962-1963/2005, p. 140), “é o começo da transferência”, é a transferência selvagem. Isso indica que, no *acting out*, há o endereçamento ao lugar da transferência, uma mensagem que se diz ao Outro, porém não há uma resposta que possa devolver ao sujeito o sentido inconsciente dessa mensagem. Por isso se trata de transferência selvagem, ou seja, transferência sem a interpretação do analista.

O *acting out* não comporta uma destituição do lugar do Outro, mas uma demanda para que o Outro mantenha-se em seu campo.

Mas o que é o *acting out*? O *acting out* é, sobretudo, um ato de fala que demarca o funcionamento do sujeito neurótico diante do Outro. O neurótico precisa do Outro como espectador para lhe dirigir sua questão existencial: o que queres de mim?

Para atrair o olhar do Outro e poder lhe fazer tal questão, o sujeito neurótico sobe ao palco e entra em cena através de seu ato de fala. “O *acting out* é,

essencialmente, alguma coisa que se mostra na conduta do sujeito para o Outro" (Lacan, 1962-1963/2005).

Qual relação do *acting out* com o desejo? O *acting out* é marcado pelo desejo de carregar o objeto a sem deixá-lo cair. Através do *acting out* o sujeito pode demonstrar o desejo de "mostrar-se como outro, mas, mostrando-se como outro, assim se designar" (Lacan, 1962-1963/2005). "O *acting out* é, em essência, a mostração, a mostragem" (Lacan, 1962-1963/2005) do desejo que, para se afirmar como verdade, busca se manifestar de uma maneira singular a cada sujeito.

Assim, no *acting out*, "o desejo, para se afirmar como verdade, envereda por um caminho em que, sem dúvida, só consegue fazê-lo de uma maneira que chamaríamos de singular" (Lacan, 1962-1963/2005).

Qual a relação entre o *acting out* e o Sintoma? O *acting out* implora por interpretação enquanto o sintoma até pode ser interpretado, mas prescinde disso. O sintoma "não clama pela interpretação como faz o *acting out*" (Lacan, 1962-1963/2005). "Em se tratando do sintoma, é claro que a interpretação é possível, mas desde que a transferência se estabeleça. Por natureza, o sintoma não é como o *acting out*, que pede a interpretação" (Lacan, 1962-1963/2005).

Qual a relação entre *Acting out* e os equívocos da fala? Se, no *acting out*, encontramos um discurso marcado por fala, inevitavelmente encontraremos tal fala atravessada por falhas, lapsos e outras formas de manifestações do inconsciente e, consequentemente, por possibilidades de interpretação.

Qual a relação entre *Acting out* e o Outro? O *acting out* está direcionado ao Outro, movido pela pergunta: O que o Outro quer de mim? Ao interpretar o *acting out* desvelamos a estrutura da fantasia. Ela só é velada para nós, como sujeito do *acting out*, na medida em que isso fala, na medida em que poderia ser verdade.

Ao contrário, ela é, antes, visível ao máximo, e é justamente por isso que, num certo registro, é invisível, mostrando sua causa. "O essencial do que é mostrado é esse resto, é sua queda, é o que sobra nessa história" (Lacan, 1962-1963/2005). Há "acting out quando há uma cena que é a fala, e o sujeito se põe a agir diante do Outro nessa cena. É preciso o Outro, é preciso o espectador" (Miller, 2014).

26. Passagem ao ato

A passagem ao ato “é sempre ‘auto’. Um ato de autopunição” (Miller, 2014). A passagem ao ato aponta, portanto, para a morte, pois o sujeito extrai da angústia uma certeza, um ato, uma decisão, rompendo com a possibilidade de elaboração.

Não encontramos, na passagem ao ato, a distinção entre os lugares do sujeito, do objeto e do Outro que permitam articular um discurso. A passagem ao ato indica que esse discurso não se sustenta e faltam significantes para construir uma ficção, uma fantasia, que permita sustentar o sujeito.

A falta dessa ficção demarca um curto-círcuito entre o sujeito e o objeto que provoca uma solução radical: o sujeito evade-se da cena, o que equivale dizer que o sujeito cai do palco. Sem essa ficção, o sujeito passa da cena no palco para um mundo em que o real da angústia sobrevém sem véus. O sujeito está fora da cena, sem uma fantasia que o preserve e sem um espectador que o assista.

“Na passagem ao ato não há mais espectador. Há o desaparecimento dessa cena e digamos que o sujeito está eventualmente morto. É ele, morto, quem olha os outros e lhes dirige sua questão, e lhes faz sentir o porquê de seu olhar” (Miller, 2014).

Para Miller (2014) na passagem ao ato “se abandonam os equívocos do pensamento, da fala e da linguagem pelo ato. No ato [...] o sujeito se subtrai, digamos, aos equívocos da fala como a toda dialética [...] por isso o propósito do ato não é cifrável”. Por este motivo, a passagem ao ato não nos permite interpretação, pois é uma tentativa desesperada de sair do impasse pela via da ação, não do pensamento.

26.1 A diferença entre passagem ao ato e *acting out*

Esta remete a duas diferentes experiências do sujeito no mundo:

De um lado, o mundo, o lugar onde o real se comprime, e, do outro lado, a cena do Outro, onde o homem como sujeito tem de se constituir, tem de assumir um lugar como portador da fala, mas só pode portá-la numa estrutura que, por mais verídica que se afirme, é uma estrutura de ficção (Lacan, 1962-1963/2005).

Esse lugar onde o real se comprime é justamente o lugar no mundo que nos gera um embaraço insuportável que conduz o sujeito para a passagem ao ato e para a angústia: “O momento da passagem ao ato é o do embaraço maior do sujeito, com o acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento. É então que, do lugar em que se encontra [...] ele se precipita e despенca fora da cena” (Lacan, 1962-1963/2005). É justamente neste despencar da cena que consiste o morrer.

Acting out é o oposto da passagem ao ato. O *acting out* pode ser visto em todas as condutas do sujeito em que ele busca segurar pela mão, para não deixar cair, os principais acontecimentos da sua vida. No *acting out*, o sujeito se esforça para não sair da cena. “O *acting out* é, em essência, a mostração, a mostragem” (Lacan, 1962-1963/2005) do desejo que, para se afirmar como verdade, busca se manifestar de uma maneira singular a cada sujeito.

O *acting out*, localizado no campo simbólico do sintoma, é movido pela pergunta: O que o Outro quer de mim? E, justamente por esse caráter de mensagem dirigida ao Outro, ele é interpretável e, ao interpretá-lo, desvelamos a estrutura da fantasia. A passagem ao ato, por sua vez, não nos permite interpretação, pois, diferente do *acting out* que sempre aponta para um impasse, uma dúvida, que nos permite intervir, a passagem ao ato é uma tentativa desesperada de sair desse impasse pela via da ação, não do pensamento.

Por isso dizemos que a passagem ao ato aponta para a morte, pois o sujeito extrai da angústia uma certeza, um ato, uma decisão, rompendo com a possibilidade de elaboração, de pensamento. A passagem ao ato não permite interpretação pois, diferente do *acting out*, que sempre aponta para um impasse (dúvida), a passagem ao ato é uma tentativa de sair do impasse pela via da ação (certeza).

Em suma, segundo Lacan (1962-1963/2005), a diferença entre a passagem ao ato e *acting out* é a diferença entre “deixar-se cair e subir no palco”.

Em relação ao trabalho de análise, o *acting out* tem a dúvida como estrutura essencial, e este é o fundamento do pensamento com o qual a psicanálise trabalha, incluindo o suporte da linguagem para sua manifestação. A passagem ao ato, por sua vez, tem a certeza como eixo central de funcionamento e, consequentemente, tem a marca de uma manifestação silenciosa. O ato é mudo pois ocupa o lugar de

um dizer. A análise presente obter na linguagem as coordenadas que possam permitir colocar uma dizer no lugar do ato mudo. A análise visa, portanto, o ato falho e não o ato bem-sucedido porque este pode deslocar o ato através da linguagem, uma vez que o ato tem sempre o lugar de um dizer.

A questão, a cada análise singular, é saber o quanto de angústia o sujeito pode suportar. Na clínica da neurose, a angústia é um guia. O ato analítico (intervenção) visa a extrair da angústia a sua certeza. A questão é como chegar até aí, bordejando os campos da passagem ao ato e do *acting out*, com os quais a angústia faz fronteira.

27. Emoção, efusão, impedimento, embaraço

Os termos emoção, efusão, impedimento e embaraço concluem o esquema da angústia, do *Seminário 10*, de Lacan (1962-1963/2005), que ainda conta com os conceitos de inibição, sintoma, angústia, passagem ao ato e *acting out*.

O esquema inicia na inibição, como uma resposta que o sujeito pode oferecer com menor movimento e menor dificuldade. Na outra ponta do esquema, ao final, no nível máximo da dificuldade e do movimento, encontramos a angústia.

Se na inibição está o desejo de não ver, no impedimento encontra-se o não poder. O sujeito fica realmente impedido de se ater ao seu desejo. Na primeira linha horizontal do esquema, depois da inibição e do impedimento, vem o embaraço, que é o sujeito revestido da barra (\$).

Após todo esse esforço do impedimento de desautorizar o desejo, o sujeito sabe, e se embaraça, diante do que resta do desejo não autorizado. Trata-se do ponto máximo de dificuldade, pois não há mais como inibir ou impedir o desejo, ficando sempre um resto que escapa. Com isso que resta do desejo, resta o embaraço. “Ele não sabia que era isso, e é por essa razão que, no nível do ponto em que não pode se impedir, deixa acontecerem coisas, quais sejam, os vaivéns do significante que postulam e apagam, alternadamente” (Lacan, 1962-1963/2005).

O termo emoção se relaciona a uma posição de não saber diante do enigma de como responder ante as experiências que levam o sujeito a um confronto. Finalmente apresenta-se a emoção, que está no lugar do não saber. Mas não saber o quê? A maneira de usar seus recursos simbólicos para responder questões imaginárias. Se observar no esquema da angústia, perceberá a emoção com uma dificuldade imaginária e movimento simbólico. “A emoção em pauta é a valorizada pelas experiências calcadas no confronto com a tarefa, quando o sujeito não sabe onde responder. É a isso que se liga o nosso não saber” (Lacan, 1962-1963/2005).

Referências

- ANDRADE, C. D. de. Lição de coisas. *In: ANDRADE, C. D. de. A paixão medida.* 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- BARROS, M. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BUARQUE, C. O que será? (À flor da pele). *In: BUARQUE, C. Meus caros amigos.* Phonogram/Philips, 1976.
- Calazans, R.. (2015). Sobre a psicopatologia dos atos. *Psicologia Clínica*, 27(1), 123–136. <https://doi.org/10.1590/0103-56652015000100007>
- FINK, B. **Fundamentos da técnica psicanalítica**: uma abordagem lacaniana para praticantes. São Paulo: Editora Blucher, 2017.
- FINK, B. **Introdução clínica à Psicanálise lacaniana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.
- FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). *In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 12.* Rio de Janeiro: Imago, 2012. p. 131-146.
- FREUD, S. A dissecção da personalidade psíquica (1931). *In: FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud, volume 18. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1900). *In: FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud, volume 4*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 13-128.
- FREUD, S. Análise fragmentária de uma histeria (O caso Dora) (1905). *In: FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud, volume 12. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de um caso de histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 173-320.
- FREUD, S. As pulsões e seus destinos (1915). *In: FREUD, S. Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 28-50.
- FREUD, S. Autobiografia (1925). *In: FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud, volume 16. O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 75-167.
- FREUD, S. Caminhos da terapia psicanalítica (1919). *In: FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud, volume 14. História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 279-291.
- FREUD, S. Compêndio de Psicanálise (1938). *In: FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud, volume 19. Moisés e o monoteísmo, compêndio de Psicanálise e outros textos (1937-1939)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 189-273.

FREUD, S. Conferências introdutórias à Psicanálise (1917). *In: FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud, volume 13. Conferências introdutórias à Psicanálise (1916-1917)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 13-17.

FREUD, S. Conferências introdutórias sobre Psicanálise conferência VII (1916). *In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, volume 15*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia (1926). *In: FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud, volume 17*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 13-123.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914). *In: FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud, volume 12*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 09-37.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias à Psicanálise (1933). *In: FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud, volume 18*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 123-354.

FREUD, S. O chiste e sua relação com o inconsciente (1905). *In: FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud, volume 7*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 13-234.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão (1927). *In: FREUD, S. O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos, volume 21 (1927-1931)*. Rio de Janeiro: Imago, 2012. p. 02-30.

FREUD, S. O mal-estar na cultura (1930). *In: FREUD, S. O mal-estar na cultura e outros escritos - Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 305-410.

FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud, volume 9. Observações sobre um caso de neurose obsessiva. “O homem dos ratos”, uma recordação de infância de Leonard da Vinci e outros textos (1909-1910)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. Observações sobre o amor de transferência (1915). *In: FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud, volume 10*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 159-172.

FREUD, S. Projeto de 1895. Projeto de uma psicologia. *In: GABBI JR, O. Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p. 175-260.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921). *In: FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud, volume 15*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-89.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1923). *In: FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud, volume 15. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-100.

FREUD, S. Psicopatologia da vida cotidiana e sobre os sonhos. *In: FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud, volume 5*. São Paulo: Companhia das Letras, 1901.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II) (1914). *In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 12*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 191-203.

FREUD, S. Resumo da Psicanálise (1924). *In: FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud, volume 16*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. Sobre a dinâmica da transferência (1912). *In: FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica - Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, S. Sobre o início do tratamento (1913). *In: FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 112-136.

FREUD, S. Três Ensaios sobre a sexualidade (1905). *In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 6*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOFFMAN, C.; JULIEN, P.; SAFOUAN, M. **O mal-estar na psicanálise**. Campinas: Papirus, 1996

LACAN, J. **Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines**. Paris: Le Seuil, 1976.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise (1953). *In: LACAN, J. Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-364.

LACAN, J. Nota sobre a criança (1969). *In: Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 369-370.

LACAN, J. **O seminário RSI**. Inédito. 1974.

LACAN, J. **O seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud (1954-1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LACAN, J. **O seminário, livro 10**: a angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **O seminário, livro 15**: o ato psicanalítico. Inédito. 1967-1968.

LACAN, J. **O seminário, livro 16**: de um outro ao outro (1968-1969). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. **O seminário, livro 17**: o avesso da Psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. **O seminário, livro 19**: ... ou pior (1971-1972). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

LACAN, J. **O seminário, livro 2**: o eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise (1954-1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, J. **O seminário, livro 20**: mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. **O seminário, livro 21**: os não-tolos vagueiam: seminário 1973-1974. Salvador: Espaço Moebius, 2016. (edição não comercial).

LACAN, J. **O seminário, livro 3**: as psicoses (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, J. **O seminário, livro 4**: as relações de objeto (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, J. **O seminário, livro 5**: as formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, J. **O seminário, livro 6**: o desejo e sua interpretação (1958-1959). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

LACAN, J. **O seminário, livro 7**: a ética da Psicanálise (1959-1960). 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. **O seminário, livro 8**: a transferência (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo – ensaio de análise de uma função em psicologia (1938). In: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 23-90.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (1967). In: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 369-370.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 807-842.

LACAN, J. A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise (1955). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 402-437.

LACAN, J. Televisão (1973). In: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G .H. (1964)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, C. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres (1969)**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

MAURANO, D. **A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. (Coleção Psicanálise – Passo a Passo).

MILLER, J.-A. Como alguém se torna psicanalista na orla do século XXI. **Opção Lacaniana**, n. 55, p. 19-20, 2009.

MILLER, J.-A. Jacques Lacan: observações sobre seu conceito de passagem ao ato. **Opção Lacaniana**, v. 5, n. 13, 2014. http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_13/Passagem_ao_ato.pdf

MILLER, J.-A. **Lacan elucidado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MILLER, J.-A. **Ler um sintoma**. 2011b. <https://ebp.org.br/sp/ler-um-sintoma/>

MILLER, J.-A. **O osso de uma análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MILLER, J.-A. **Perspectivas dos escritos e outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011a.

QUINET, A. **A descoberta do inconsciente. Do desejo ao sintoma**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Sobre a Autora

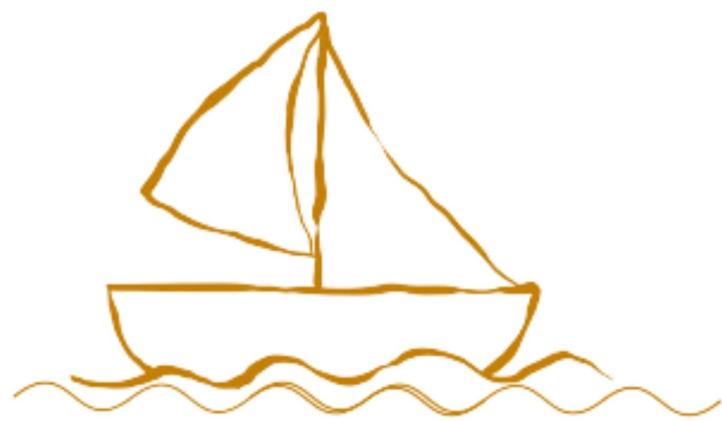


Renata Wirthmann é psicanalista e professora associada do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Possui pós-doutorado em Teoria Psicanalítica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutorado em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB), mestrado em Psicologia pela UnB e graduação em Psicologia pela PUC-GO. Suas principais linhas de pesquisa são os estudos psicanalíticos das psicoses, autismos, arte, cultura e contemporaneidade. Escreve livros infantojuvenis e foi contemplada com a

bolsa FUNARTE de criação literária em 2009 e uma menção honrosa no I Concurso Nacional de Literatura Infantil e Juvenil promovido pela Companhia Editora de Pernambuco em 2010.

Possui os seguintes livros publicados:

- O Pai tá OFF: os impactos da contemporaneidade sobre o sujeito. (Renata Wirthmann). Catalão: Editora Letras do Cerrado, 2024.
- Formigas no bumbum. (Renata Wirthmann). São Paulo: Patuá, 2024.
- Um furacão sutil. (Renata Wirthmann). São Paulo: Patuá, 2023.
- O MUNDO DE UMA MENINA DE SONHOS. (Renata Wirthmann). Recife: CEPE, 2011
- Arte e subjetividade. (Renata Wirthmann). Brasília: Universa, 2009.
- Psicanálise e Cultura. (Renata Wirthmann). Catalão: UFG/CAC, 2009



TRAVESSIA PSICANALÍTICA

FORMAÇÃO CONTINUADA EM PSICANÁLISE